



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Câmpus de São José do Rio Preto

SERGIO DA SILVA SANTOS

**O ESTATUTO MORFOSSINTÁTICO, SEMÂNTICO E
PRAGMÁTICO DE VERBOS EM ESTRUTURAS
APRESENTACIONAIS NÃO-EXISTENCIAIS**

São José do Rio Preto
2019

SERGIO DA SILVA SANTOS

**O ESTATUTO MORFOSSINTÁTICO, SEMÂNTICO E
PRAGMÁTICO DE VERBOS EM ESTRUTURAS
APRESENTACIONAIS NÃO-EXISTENCIAIS**

Tese apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Estudos Linguísticos junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos do Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista, “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Marize Mattos
Dall’Aglio-Hattner

Financiadora: CAPES

São José do Rio Preto
2019

FICHA CATALOGRÁFICA

Santos, Sergio da Silva
S237e O estatuto morfossintático, semântico e pragmático dos verbos em estruturas apresentacionais não-existenciais / Sergio da Silva Santos. -- São José do Rio Preto, 2019, 125p. : il., tabs.

Orientadora: Marize Mattos Dall’Aglío-Hattnher
Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto.

1. Funcionalismo Linguístico. 2. Verbos Apresentacionais Não-Existenciais. 3. Verbos Existenciais. 4. Estruturas Apresentacionais Não-Existenciais. 5. Estruturas Apresentacionais Existenciais. I. Marize Mattos Dall’Aglío-Hattnher. II. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. III. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto. Dados fornecidos pelo autor.

SERGIO DA SILVA SANTOS

O estatuto morfosintático, semântico e pragmático de verbos em estruturas apresentacionais não-existenciais

Tese apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Estudos Linguísticos junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos do Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista, “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto.

Financiadora: CAPES

COMISSÃO JULGADORA

Prof^a. Dr^a. Marize Mattos Dall’aglio-Hattner
UNESP – Câmpus de S. J. do Rio Preto
Orientadora

Prof^a. Dr^a. Flávia Bezerra Menezes Hirata Vale
UFSCAR – Câmpus de São Carlos

Prof^a. Dr^a. Joceli Catarina Stassi Sé
UFSCAR – Câmpus de São Carlos

Prof^a. Dr^a. Gisele Cássia de Sousa
UNESP – Câmpus de S. J. do Rio Preto

Prof. Dr. Sebastião Carlos Gonçalves Leite
UNESP – Câmpus de S. J. do Rio Preto

São José do Rio Preto
17 de maio de 2019

DEDICATÓRIA

A **Célia Pires** (*in memoriam*),
que, por ter nos deixado em 2017, não pôde concluir o Doutorado com que tanto
sonhava, dedico esta tese, com todo amor, carinho e saudade.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Como o homem não é uma ilha e o seu trabalho é reflexo dos que o cercam e o auxiliam, eis os que, de forma venturosa, cruzaram meu caminho na elaboração desta tese.

Agradeço:

À **UFAC**, instituição onde fiz a graduação e o mestrado e onde trabalho, por via da qual foi possível eu realizar mais esta etapa da minha vida profissional;

À **UNESP – Campus São José do Rio Preto**, instituição que me deu as ferramentas para a minha inserção no mundo da pesquisa;

À **minha família**, por acreditar em mim e por todo o apoio;

À **Prof^a. Dr^a. Marize Mattos Dall’Aglio Hattner**, que foi mais que uma orientadora, foi uma vidente das minhas inquietudes linguísticas e a condutora dos meus passos rumo à pesquisa e ao Funcionalismo;

Ao **Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves**, pelas conversas e risos, pela hospedagem, pela riquíssima contribuição na qualificação e, sobretudo, pela pessoa exemplar que é como profissional;

À **Prof^a. Dr^a. Gisele Cássia de Sousa**, pela confiança, pela hospedagem e pela riquíssima contribuição na qualificação;

À **Prof. Dra. Joceli Catarina Stassi Sé**, pela contribuição no debate do Selin, momento de fundamental importância de um outro olhar;

Ao **Prof. Dr. Roberto Gomes Camacho**, pelas disciplinas dadas e pela coordenação do Dinter;

À **Prof^a. Dr^a. Maria das Graças da Silva**, por ter estado sempre conosco, auxiliando-nos, apesar de todas as dificuldades das instituições públicas.

À **Prof^a. Dr^a. Sandra Denise Gasparini Bastos**, pela disciplina mais importante neste Doutorado, que me conduziu ao tema da tese;

A **todos os meus amigos do Dinter**, com os quais enfrentei os óbices de se fazer Doutorado num programa dessa natureza, em especial:

À **Ceildes Pereira**, amiga querida e companheira de quarto, que esteve comigo desde o início, enfrentando tudo o que tivemos de enfrentar, pelos risos, pelas ideias e discussões e por tudo que aprendemos juntos;

À **Aline Suelen**, pela luta juntos e pelo sotaque mais charmoso que alguém pode ter neste país;

À **Valéria Silveira**, amiga-mãe de todos que a rodeiam, pelas lições, pelo compartilhamento do amor, pelas plantas e pelas loucuras todas;

À **Marinete Rodrigues**, pela simplicidade de ser uma pessoa com tanta vontade de aprender e crescer;

À **Edilene Pereira**, por tantos serviços informacionais prestados e pelo sempre sorriso confortante.

“Outrora eu era de aqui, e hoje regresso estrangeiro,
Forasteiro do que vejo e ouço, velho de mim.
Já vi tudo, ainda o que nunca vi, nem o que nunca verei.
Eu reinei no que nunca fui.” (PESSOA, 1986, p. 133)

RESUMO

Esta tese consiste em uma análise dos verbos do português brasileiro em estruturas apresentacionais não-existenciais, que são estruturas que ocorrem em ordem V+SN. A tese é orientada pelos preceitos de teorias funcionalistas, mais precisamente pela Gramática Funcional, de Dik (1997), pela estrutura da informação, de Prince (1981), pela classificação semântica dos verbos de Borba (1990, 1996) e pela ordem dos constituintes no português do Brasil proposta por Pezatti (2012a, 2014). Para a realização do estudo, utilizou-se um corpus de língua oral, com 48 entrevistas, nas quais foram levantadas ocorrências com estruturas verbais construída em ordem V+SN. Foram utilizados três critérios para a análise dessas estruturas: o critério morfossintático, no qual se verificou o grau de concordância entre o verbo e o SN posposto ao verbo, e a possibilidade de alteração da ordem V+SN; o critério semântico, no qual se verificou a classificação semântica e o aspecto do verbo, o papel e os traços semânticos do SN posposto, bem como o tipo de entidade representada por ele; e o critério pragmático, no qual se verificou o estatuto do informacional do SN posposto. Partindo da hipótese de que os verbos que compõem estruturas apresentacionais não-existenciais não compõem um grupo homogêneo, procurou-se investigar como se constroem as estruturas formadas por esses verbos e como cada verbo identificado no corpus se comporta morfossintática, semântica e pragmaticamente. A análise dos dados resultou na identificação de quatro tipos de estruturas apresentacionais: construção apresentacional não-existencial focalizadora, construção apresentacional não-existencial com verbo pleno e SN obrigatoriamente posposto, construção apresentacional não-existencial com verbo funcional, e construção apresentacional não-prototípica.

Palavras-chave: Funcionalismo. Verbos apresentacionais não-existenciais. Verbos existenciais.

ABSTRACT

This thesis consists of an analysis of Brazilian Portuguese verbs in non-existential presentational structures, which are structures that occur in the V+SN order. This thesis is oriented by precepts of the functionalist theories, more precisely by Dik's Functional Grammar (1997), Prince's (1981) information structure, Borba's (1990, 1996) semantic classification of the verbs and by the order of the constituents in Brazilian Portuguese proposed by Pezatti (2012a, 2014). The data came from an oral language corpus, with 48 interviews, in which the occurrences with verbal structures in the V+SN order were raised. Three criteria were used to analyze these structures: the morphosyntactic one, in which the agreement between the verb and the SN after the verb was verified, as well as the possibility of alteration of the V+SN order; the semantic one, in which the semantic classification and the aspect of the verb were verified, the role and the semantic features of the SN after the verb as well as the kind of the entity represented by it; and the pragmatic criterion in which the informational status of the postponed SN was verified. Assuming that the verbs in the non-existential presentational structures do not compose a homogeneous group, we tried to investigate how the structures formed by these verbs are created and how each verb identified in the corpus behave syntactically, semantically and pragmatically. The data analysis resulted in the identification of four types of presentational structures: non-existential focal presentational construction; non-existential presentational construction with a full verb and a compulsorily postponed SN; non-existential presentational construction with functional verb; and presentational non-prototypic construction.

Keywords: Functionalism. Non-existential presentational verbs. Existential verbs.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Taxonomia da informação	19
Esquema 1: Diferença entre Estrutura Apresentacional e Verbo Apresentacional	46
Gráfico 1: Concordância entre verbo e o SN posposto	85
Gráfico 2: Tipo de concordância do verbo em relação ao SN posposto	86
Gráfico 3: Dados sobre o aspecto dos verbos apresentacionais não-existenciais	98
Gráfico 4: Classificação semântica dos verbos em estruturas apresentacionais não-existenciais	91
Quadro 1: Tipos de entidade designados por camadas da estrutura da cláusula subjacente	25
Quadro 2: Tipos de entidade designados por camadas da estrutura da oração segundo Dik	26
Quadro 3: Correlação EC e papéis semânticos do argumento 1.....	34
Quadro 4: Critérios de análise das ocorrências	68
Quadro 5: Lista dos verbos apresentacionais não-existenciais encontrados no cópua	81
Quadro 6: Construções apresentacionais não-existenciais de SN em noções temporais	100
Quadro 7: Construções apresentacionais com verbos existenciais	113
Quadro 8: Tipos de verbos em estruturas apresentacionais não-existenciais	114

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Constituição do SN posposto dos verbos em estruturas apresentacionais não-existenciais	87
Tabela 2: Classificação semântica dos verbos em relação à possibilidade de antecipação do SN	92
Tabela 3: Traços semânticos do SN dos verbos em estruturas apresentacionais ...	93
Tabela 4: Caracterização semântica do SN posposto ao verbo em estruturas apresentacionais	95
Tabela 5: Resultado da análise do tipo de entidade representada pelo SN posposto verbo em estruturas apresentacionais	96
Tabela 6: Estatuto informacional do SN posposto dos verbos em estruturas apresentacionais	101
Tabela 7: Ordem do SN posposto em relação ao fluxo de informação	104

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	12
1	CAPÍTULO I - O FUNCIONALISMO E A ESTRUTURA DA SENTENÇA ...	15
1.1	FUNCIONALISMO EM LINGUÍSTICA	15
1.2	A PERSPECTIVA FUNCIONAL DA SENTENÇA	16
1.2.1	Estatuto informacional: dado x novo	18
1.2.2	Tópico x Foco	21
1.3	A ESTRUTURA DA PREDICAÇÃO	23
1.3.1	O estatuto gramatical dos verbos	27
1.4	PAPÉIS SEMÂNTICOS	32
1.5	PROPRIEDADES SEMÂNTICAS DO SN: A POTENCIALIDADE DA DESIGNAÇÃO NOMINAL	35
1.6	REFERÊNCIA, DEFINITUDE E ESPECIFICIDADE DO SN	37
1.7	CLASSIFICAÇÃO SEMÂNTICA DO VERBO	39
2	CAPÍTULO II - VERBOS APRESENTACIONAIS	43
2.1	OS VERBOS APRESENTACIONAIS EXISTENCIAIS	49
2.1.1	As características dos verbos apresentacionais existenciais	57
2.2	OS VERBOS APRESENTACIONAIS NÃO-EXISTENCIAIS	59
3	CAPÍTULO III - METODOLOGIA	66
3.1	A CONSTITUIÇÃO DO CÓRPUS	66
3.2	CRITÉRIOS DE SELEÇÃO DAS OCORRÊNCIAS	66
3.3	CRITÉRIO DE ANÁLISE DAS OCORRÊNCIAS	68
3.3.1	Crítério morfossintático	69
3.3.1.1	Representação morfossintática do SN posposto dos verbos em estruturas apresentacionais não-existenciais	69
3.3.1.2	A posição do SN em relação ao verbo	69
3.3.1.3	A concordância do verbo em relação ao SN posposto	70
3.3.2	Crítério semântico	71
3.3.2.1	O papel semântico do SN posposto dos verbos em estruturas apresenta- cionais não-existenciais	71
3.3.2.2	Os traços semânticos do SN posposto de verbos em estruturas apresenta- cionais: animacidade, humanidade e concretude	73
3.3.2.3	Tipo de entidade representada pelo SN posposto dos verbos em estruturas apresentacionais não-existenciais	74
3.3.2.4	Tipos de referência do SN posposto de verbos em estruturas apresenta- cionais não-existenciais	75
3.3.2.5	O aspecto do verbo das estruturas apresentacionais não-existenciais	76
3.3.2.6	A classificação semântica do verbo das estruturas apresentacionais não- existenciais	77
3.3.1	Crítério pragmático	78

4	CAPÍTULO IV - A CARACTERIZAÇÃO DOS VERBOS APRESENTACIONAIS NÃO-EXISTENCIAIS	81
4.1	CARACTERÍSTICAS MORFOSSINTÁTICAS	82
4.1.1	A posição do SN posposto em relação ao verbo	82
4.1.2	A concordância do verbo em relação ao SN posposto	84
4.1.3	Constituição morfossintática do SN posposto	87
4.2	CARACTERÍSTICAS SEMÂNTICAS	88
4.2.1	O aspecto do verbo das estruturas apresentacionais não-existenciais	88
4.2.2	A classificação semântica dos verbos em estruturas apresentacionais não-existenciais	90
4.2.3	Os traços semânticos do SN posposto dos verbos em estruturas apresentacionais não-existenciais	93
4.2.4	Tipo de entidade representada pelo SN posposto dos verbos em estruturas apresentacionais não-existenciais	96
4.3	CARACTERÍSTICAS PRAGMÁTICAS	100
4.3.1	Estatuto informacional do SN dos verbos em estruturas apresentacionais não-existenciais	100
4.4	DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	105
4.4.1	Construção apresentacional não-existencial focalizadora	105
4.4.2	Construção apresentacional não-existencial com verbo pleno e posição obrigatória do SN	106
4.4.3	Construção apresentacional não-existencial com verbo funcional	107
4.4.4	Construção apresentacional existencial não-prototípica	112
4.5	OUTROS RESULTADOS QUE MERECEM ATENÇÃO	114
	CONCLUSÃO	117
	REFERÊNCIAS	119

INTRODUÇÃO

O Funcionalismo é um conjunto de teorias linguísticas que partem do princípio de que é na interação que a gramática da língua se constrói, porque, para satisfazer os interesses dos falantes, o falante recorre a infinitas possibilidades de combinações formais de que a língua dispõe, sempre motivadas pela pragmática e pela semântica. Essas considerações justificam um ponto de partida para uma análise linguística, uma vez que, para se analisar uma língua, é preciso focar no seu funcionamento, no seu uso real, de modo a captar a sua essência enquanto mecanismo vivo que se desenvolve em função da comunicação, seu fim maior.

Esta tese foi concebida a partir dessa visão funcionalista, sem se prender a uma teoria específica, mas recorrendo a algumas propostas que estabelecem algum diálogo com o objeto do estudo aqui empreendido. Assim, buscamos, na Gramática Funcional de Dik (1997), o suporte para o entendimento do papel central do verbo na análise da sentença, apoiando-nos em sua concepção de predicação e dos papéis semânticos. Embora não seja um estudioso funcionalista, a classificação semântica dos verbos é feita com base em Borba (1996), que, por sua vez, apoia-se em Chafe (1979). Ambas as classificações são compatíveis com a proposta de Dik, mas a opção pela classificação de Borba (1996) justifica-se pelo fato de tratar exclusivamente dos verbos da língua portuguesa. Prince (1981) fornece os subsídios para a análise do estatuto informacional do argumento dos verbos apresentacionais não-existenciais. Por fim, recorreremos a Pezatti (2012b, 2014) para a análise de alguns aspectos da estrutura da informação, como as noções de Foco e Tópico, correlacionadas à noção de ordem que, como veremos, é fundamental para a caracterização dos verbos aqui analisados.

Os verbos apresentacionais só podem ser considerados como tal quando ocorrem em estruturas apresentacionais, ou seja, em ordem V+SN ou V+SP, em que lhes cabe o papel de literalmente apresentar seu argumento no discurso, como em (1), em que o verbo *vir* ocorre três vezes com SN posposto, apresentando-o.

- (1) A informação tá difundida pra todo mundo, então, *vem a modernidade, vem as facilidade*, mas *vem as mazelas* junto. E essa é uma como a pedofilia pela internet, como outros que ainda vão surgir, né, por aí. [AA-H]

O caráter apresentativo desses verbos serve para a inserção no discurso de novas entidades, bem como para focalizar o argumento inserido, uma vez que a anteposição do verbo evidencia o argumento, que ganha destaque no discurso.

Os verbos apresentacionais se dividem em dois grupos: os existenciais e os não-existenciais. Aqueles são verbos que cumprem a função básica de apresentarem no discurso uma entidade como existente no mundo; estes são verbos que, além de apresentarem uma entidade no discurso, predicam sobre seu argumento. Os apresentacionais existenciais são os verbos que ocorrem em ordem V+SN ou V+SP, como os verbos *ter*, *haver*, *existir* e *ser*, como se pode ver em (2). Os não-existenciais correspondem a uma lista um pouco mais extensa, sendo exemplos verbos como *surgir*, *vir*, *chegar*, *aparecer*, entre outros, como se pôde ver em (1) acima.

- (2) a. Então... eu acredito, e acho... acho... não... o aborto não pode ser praticado sob nenhuma condição. Assim... *existe só aquele* que corre risco pra criança, assim, mas não sendo eu acho que ação nenhuma é justificável pra que você cometa o aborto. [FPF-M]
- b. Bom, *tem o lado bom e o lado ruim*, né? Ele fez muita coisa mesmo pro Acre... o Acre mudou muito depois do PT, mas também *tem a questão do roubo*, né? [ESR-M]

Embora haja na literatura alguns estudos acerca dos verbos apresentacionais, especialmente sobre os apresentacionais existenciais, eles desenvolvem-se, em sua maior parte, sob uma abordagem formal. Franchi, Negrão e Viotti (1998) e Viani et al. (2011) são dois importantes estudos sobre esses verbos, nos quais se discute principalmente o papel sintático do SN posposto ao verbo.

Este trabalho de investigação dos verbos apresentacionais não-existenciais nasce da percepção de que os verbos assim classificados pelos estudos já realizados não compõem um todo homogêneo. Apesar de todos os verbos apresentacionais não-existenciais se caracterizarem pela presença de um argumento único em posição pós-verbal, pretendemos comprovar a hipótese de que o papel semântico-pragmático desse argumento varia, sendo possível estabelecer uma tipologia desses verbos a partir dessa variação, conforme se pretende demonstrar a partir de uma análise com cópulas de língua falada constituído por 48 entrevistas com informantes de variados gêneros, escolaridades e idades.

Embora o foco do trabalho sejam os verbos apresentacionais não-existenciais, recorre-se a uma comparação com os verbos existenciais, com base em alguns estudos já realizados acerca desses verbos.

A tese está organizada em quatro capítulos: o Capítulo 1, que trata do suporte teórico, dá um panorama geral da visão funcionalista nos estudos linguísticos e discute abordagens funcionais de diferentes aspectos da sentença; o Capítulo 2 discute os verbos apresentacionais existenciais, já bastante estudados, e apresenta os verbos apresentacionais não-existenciais; o Capítulo 3 faz uma exposição da metodologia, relacionando-a às teorias que a sustentam, e o Capítulo 4 traz a análise dos dados, seguida das Conclusões.

CAPÍTULO I

O FUNCIONALISMO E A ESTRUTURA DA SENTENÇA

1.1 O FUNCIONALISMO EM LINGUÍSTICA

Em linguística, entende-se o Funcionalismo como um conjunto de teorias linguísticas que buscam explicar as línguas naturais relacionando-as à interação verbal, porque partem do princípio de que é no processo de interação, com o propósito comunicativo, que a língua ativa um complexo mecanismo governado por princípios pragmáticos, que aciona uma estrutura que dá conta da intenção comunicativa do falante. Assim, o funcionalismo deve ser interpretado como um conjunto de teorias que primam por uma análise pragmática, porque consideram que a produção de expressões linguísticas está vinculada necessariamente ao conjunto de fatores determinados pelo contexto no qual estão inseridos o falante e o ouvinte.

Desse modo, uma gramática funcional leva em consideração a competência comunicativa, entendida como a capacidade que tem o indivíduo de codificar, decodificar, interpretar e produzir expressões linguísticas de maneira que satisfaça suas intenções. A expressão “competência comunicativa” deve-se a Hymes (1974), por ter sido ele quem acrescentou aos estudos da língua a descrição das regras do apropriado uso social da língua (NEVES, 1997).

Embora se pense que o Funcionalismo data da segunda metade do século XX, mais especificamente da década de 1970, como corrente de pensamento, é anterior até mesmo a Saussure e ao Círculo Linguístico de Praga (CLP), se tomarmos em conta, como aponta Pezatti (2005), que alguns estudiosos já pensavam em explicar a língua considerando imperativos psicológicos, cognitivos e funcionais. A década de 1970 representa, para o Funcionalismo, não apenas uma retomada dessa visão pré-saussuriana, mas um importante momento de produção teórica acerca da língua numa concepção de investigação das suas funções no uso.

As décadas de 1970 e 1980 são marcadas, principalmente, pelas teorias funcionalistas desenvolvidas nos Estados Unidos, como os trabalhos de Li e Thompson (1976), Givón (1979), Hopper (1979), Chafe (1976, 1979) e Van Valin (1977), entre outros, e, na Europa, pelos trabalhos do linguista britânico Michael Halliday (1970,

1985), e do linguista holandês Simon Dik (1981, 1989, 1997). No início do século 21, Hengeveld e Mackenzie (2008) dão prosseguimento à proposta de Dik, elaborando a Gramática Discursivo-Funcional (GDF).

Quando se fala em Funcionalismo, fala-se em um conjunto de teorias que convergem para um propósito básico: a investigação da gramática da língua por meio da análise do uso, considerando a função que ela desempenha na vida dos indivíduos, servindo-lhes de importante instrumento de comunicação. Butler (2003, p. 5), ao analisar várias teorias funcionalistas, comenta:

Não há dúvida de que a GF, a RRG, a GSF¹, o funcionalismo da “Costa Oeste” e as abordagens emergentes baseadas no uso, todas subscrevem a alegação de que as funções comunicativas da linguagem são cruciais para moldar as formas que as línguas assumem. As diferenças entre as teorias estão em determinar se elas priorizam fatores motivacionais socioculturais ou cognitivos.²

Tendo em vista que a análise dos verbos não-existenciais desenvolvida nesta tese serve-se de descrições feitas por diferentes abordagens funcionalistas, sem necessariamente prender-se a um modelo teórico específico, vamos destacar, nesta seção, alguns aspectos importantes para descrição das estruturas existenciais segundo algumas dessas abordagens.

1.2 A PERSPECTIVA FUNCIONAL DA SENTENÇA

A perspectiva funcional da sentença passa a ser um tema do Funcionalismo a partir da década de 1930, com o Círculo Linguístico de Praga, que desenvolveu uma série de estudos cuja ideia central era estudar a frase a partir da análise de seus constituintes, considerando a situação comunicativa no processo de construção. Esses estudos e essa visão modificaram a forma como os linguistas passaram a encarar o estudo da frase, inserindo o discurso nesses estudos. Assim, a frase é vista bipartida, uma parte que contém a informação dada e outra que contém a informação nova, respectivamente, o tema e o rema. O tema é a informação já conhecida do ouvinte; e o rema é o que é novo para ele a partir do que enuncia o falante. Nesse sentido, o rema é o

¹ FG (Functional Grammar); RRG (Role and Reference Grammar); SFG (Systemic Functional Grammar).

² There is no doubt that FG, RRG, SFG, ‘West Coast’ Functionalism and the emerging usage-based approaches all subscribe to the claim that the communicative functions of language are crucial in moulding the shapes which languages take. The differences between theories lie rather in whether they prioritise sociocultural or cognitive motivating factors.

grau máximo da informatividade de uma frase, ou o seu propósito comunicativo. Por isso Neves (1997, p. 17) diz que, para os linguistas do Círculo Linguístico de Praga, “as frases são vistas como unidades comunicativas que veiculam informações, ao mesmo tempo que estabelecem ligação com a situação de fala e com o próprio texto linguístico.” Tudo isso resulta em estudos sobre a ordem dos constituintes da sentença, a qual, pelo que fica postulado, tem função primordial no processo de produção linguística.

Os estudos que marcam o início das discussões acerca do estatuto da informação na sentença começam já no início do século passado, no Círculo Linguístico de Praga, com o advento da perspectiva funcional da sentença, que trouxe à tona temas como “tema x rema”, “estrutura tópico x comentário” ou organização contextual da sentença”. Segundo Pezatti (2006, p. 157),

cabe a Vilém Mathesius (1882-1945) o mérito de, no período entre a duas guerras, ter intensificado esse estudo na Checoslováquia. Mas o trabalho pioneiro no campo da PFS³, segundo Firbas (1974), é a monografia de Henri Weil (1844) intitulada *De L'ordre des mots dans les langues anciennes comparées aux langues modernes*, que teria inspirado Mathesius.

A importância de Mathesius para o desenvolvimento de uma teoria que marcaria os estudos funcionalistas é observada pela autora, quando ela diz que

Mathesius corrobora as ideias de Weil e acrescenta o papel da PFS para determinar a ordem de palavras: a *sequência tema-transição-remas* indica a ordem não emotiva, não-marcada, enquanto a *sequência remas-transição-tema* indica a ordem emotiva, a marcada (PEZATTI, 2006, p. 5).

E são esses estudos os precursores que levam a novas teorias a respeito da sintaxe numa visão funcionalista, como é o caso de Halliday (1967a, 1967b), que, a partir de uma análise da entonação dos constituintes da oração, desenvolve a teoria sobre a estrutura informacional da sentença, conhecida como tema e rema. Os estudos de Halliday sobre a estrutura informacional impulsionaram novas perspectivas de análise da sentença. No Brasil, um dos estudos mais conhecidos sob a influência de Halliday é o trabalho desenvolvido por Ilari (1992), que, a partir daquele autor, analisa a frase do português do Brasil.

³ Perspectiva Funcional da Sentença.

Ilari (1992, p. 25), ao mostrar que o Círculo Linguístico de Praga superou a concepção saussuriana ao dar importância ao contexto verbal e não-verbal, desenvolvendo uma linguística da fala e mostrando que é possível encontrar regularidades no nível da oração realizada, argumenta que “enquanto unidade comunicativa, a oração serve aos locutores para realizar uma dupla função: a de estabelecer um elo com a situação de fala, ou com o conteúdo linguístico que precedeu, e a de veicular informações novas”. Nesse sentido, não se pode desconsiderar, numa análise linguística, os fatores contextuais, que envolvem os locutores, suas intenções, suas necessidades de não apenas comunicar, mas de enfatizar partes de suas construções linguísticas para obter efeitos ainda mais expressivos. Como afirma o autor, “todo ato de comunicação bem-sucedido consiste em duas realizações 1) destacar um objeto da predicação; 2) predicar esse objeto” (p. 25).

Depois do Círculo Linguístico de Praga, outros autores se debruçaram sobre a estrutura da informação, desenvolvendo temas como *tópico* ((KEENAN, 1976; LI E THOMPSON, 1976; HUPET E COSTERNAN, 1976; DIK, 1981; PONTES, 1986), *foco* (HENGEVELD E MACKENZIE, 2008), *tema*, *rema* e *antitema* (HALLIDAY, 1967, 1970), *informação nova*, *informação dada* (ou *velha*), (KUNO, 1972; CHAFE, 1976; PRINCE, 1981; NARO E VOTRE, 1986), *figura*, *fundo* (HOPPER E THOMPSON, 1980), entre outros. Para a análise das estruturas apresentacionais, será especialmente importante observar o estatuto informacional do argumento único dos verbos apresentacionais, bem como a sua função pragmática.

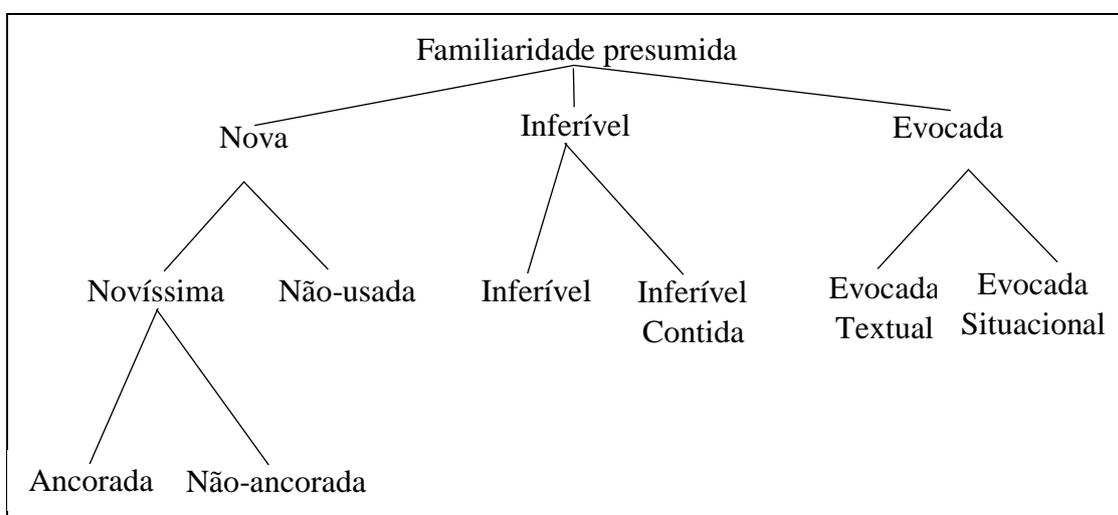
1.2.1 Estatuto informacional: dado x novo

Dois conceitos que se tornaram fundamentais no estudo da estrutura informacional da sentença são *dado* e *novo*. Vários autores já se dedicaram ao tema e contribuíram com sua visão. Prince (1981), porém, destaca-se entre eles, por ver a noção de *dado* e *novo* sob uma perspectiva mais elaborada, desenvolvendo várias subcategorias desses dois conceitos. Essa autora, antes de definir o que considera *dado* e *novo*, tece críticas às definições anteriores. Para ela, a definição de Kuno (1978), que se baseia na noção de recuperável e não-recuperável é falha porque “a recuperabilidade se correlaciona com a deletabilidade, mas não aborda muitos outros fenômenos que são vistos como relacionados a informações novas” (PRINCE, 1981, p. 226). Halliday

(1967a) define *novo* e *dado* sob o prisma da entoação, alegando que a informação nova corresponde à parte da sentença que é marcada pela entoação, e a informação dada corresponde à parte não marcada. Prince critica em Halliday sua visão de que *dado* corresponde a algo que se pode recuperar no discurso. Para ela, a noção de informação nova ou dada parte do falante, no sentido de que ele considera como *dada* uma informação que ele julga conhecida pelo ouvinte e *nova* o que ele julga o ouvinte desconhecer.

Para mostrar como o processo de análise da estrutura da informação é complexo e vai além da ideia de recuperável, Prince (1981) desenvolve uma taxonomia que se baseia na familiaridade presumida, como se pode ver na Figura (1) a seguir:

Figura1: Taxonomia da informação proposta por Prince



Fonte: PRINCE (1981, p. 237)

Conforme a taxonomia de Prince (1981), a estrutura da informação se organiza da seguinte forma:

- a) **entidade nova**: é a entidade introduzida pelo interlocutor e que não pode ser recuperada em contexto anterior. Essa classe se divide em *não usada*, quando a entidade faz parte do esquema mental do interlocutor, mas ele não a insere no discurso, ou *completamente nova*, quando a entidade é criada pelo interlocutor. Por sua vez, a entidade completamente nova pode ser *ancorada*, quando o SN que traz a entidade nova está ligado a uma outra entidade por

meio de outro sintagma nominal, ou *não-ancorada*, quando o sintagma que traz a entidade nova não está ligado a outro SN.

- b) **entidade inferível**: é a entidade que o interlocutor infere a partir de outras entidades já existentes no contexto. Esse tipo pode ser dividido em: *inferível*, que é a entidade inferível propriamente dita, a identificada pelo interlocutor a partir de outras entidades existentes no discurso, ou *inferível contida*, que é a entidade cujo referente está contido no próprio sintagma que o representa.
- c) **entidade evocada**: é a entidade que já foi mencionada no discurso. Pode ser de dois tipos: *evocada textual*, que é a entidade evocada através do texto, ou *evocada situacional*, que é a entidade evocada através do contexto, da situação de comunicação.

Tome-se, como exemplo, um trecho de uma entrevista do *cópus* utilizado nesta pesquisa:

- (3) *Documentador*: Eu sei... e aí vocês ficaram... O senhor ficou lá na colônia junto com seu pai, sua mãe... *vieram todo mundo* embora e o senhor veio sozinho...
Informante: Veio *todo mundo*...
Documentador: *Todo mundo* veio embora de lá... [AMS-H]

Como se pode notar, na primeira ocorrência do verbo *vir*, utilizado pelo documentador, ele apresenta, em forma de síntese, a partir do que ouvira, o argumento *todo mundo* posposto ao verbo. Do ponto de vista da estrutura da informação, o argumento é portador de informação do tipo *inferível*, pois mantém, de certa forma, relação com o conjunto de informações anteriores, o que, inclusive, permite ao documentador concluir que *todo mundo* havia vindo. Quando o informante retoma o turno, a informação, que já é dada, do tipo *evocada*, tem sua estrutura mantida tal qual foi dita pelo documentador, como uma forma de confirmação. Quando o informante retoma o turno novamente, a informação é novamente repetida, sem mais nenhum valor de novidade, de informatividade, o que leva o falante a invertê-la, de modo que o argumento fica anteposto ao verbo, e não constitui mais uma informação relevante, deixando de ser focalizada pelo verbo. Nesse caso, o argumento do verbo pode flutuar entre a posposição e anteposição sem prejuízo do conteúdo semântico-sintático. O que

se observa, porém, é que a flutuação obedece às necessidades dos interlocutores de manifestarem sua visão sobre o conteúdo enunciado.

1.2.2 Tópico x Foco

Para lidar com a estrutura informacional, é preciso tratar também dos conceitos de Tópico x Comentário. Vários autores abordam esse tema sob perspectivas diferentes, dentre os quais podemos citar: Keenan (1976), Li e Thompson (1976) e Dik (1981). No Brasil, Pontes (1986) é a responsável por um dos primeiros trabalhos sobre o estudo do Tópico: a partir de uma investigação feita com *cópus* de língua oral, ela mostrou como se configura o Tópico na escrita no português brasileiro.

Tradicionalmente, o Tópico é visto como a parte da sentença que, estando em primeira posição, torna-se o assunto da sentença, cuja parte posterior é o Comentário sobre o Tópico, é o termo sobre o qual se fala na sentença. Tomemos (4) como exemplo.

- (4) A rede estava toda rasgada... um dia meu amigo ia morrendo... ele puxou a trave e a trava ia caindo em cima da cabeça dele. Aí veio um homem correndo e segurou... Deu sorte ele. [ILB-H]

Assim, em (4), *a rede* é tópico de *estava toda rasgada*; *um dia* é tópico de *meu amigo ia morrendo*; *ele* é tópico de *pusou a trave e a trave ia caindo em cima dele*.

Para a GDF (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008), quando um indivíduo se comunica, ele pode fazê-lo manifestando desde um silêncio até um longo trecho de discurso. Tudo isso compreende um *movimento*, que é a maior unidade de interação que pode ser analisada gramaticalmente. Um *movimento* pode ser realizado por um ou mais *atos discursivos* combinados entre si. Cada *ato discursivo* contém um *conteúdo comunicado*, que constitui o próprio conteúdo da mensagem de um *ato discursivo*. Por sua vez, cada *conteúdo comunicado* consiste de dois *subatos*, cada um com uma função pragmática: um *subato atributivo*, ao qual é atribuída a função Foco, e um *subato de referência*, que corresponde ao Tópico.

Para a GDF, “a função de Tópico é atribuída a um *subato* que tem uma função especial dentro do ato discursivo, a de sinalizar como o conteúdo comunicado se relaciona com o registro gradualmente construído no componente contextual”

(HENGEVELD E MACKENZIE, 2008, p. 53), ou seja, a função de Tópico relaciona o conteúdo comunicado a informações existentes no contexto, como forma de direcionar o destinatário ao que se quer dizer.

A função Foco, por sua vez, corresponde ao constituinte mais relevante de uma sentença. Como o falante tem intenção de provocar uma mudança pragmática na informação do ouvinte, ele recorre a alguns recursos para isso – a informação focal é um deles.

Pezatti (2012a) defende que estrutura apresentacional serve no discurso à topicalidade e à focalidade. A esta, porque serve para introduzir o elemento mais relevante na estrutura da predicação, o qual é relevante por ser novo; àquela, porque torna essa informação nova o tópico das sentenças posteriores. Segundo a autora,

a informação focal se refere, então, às mudanças que o Falante deseja provocar na informação pragmática do Destinatário. Dessa forma, deve haver sempre alguma diferença entre a informação pragmática do Falante e o quadro que ele faz da informação pragmática do Destinatário. A informação focal é apresentada como ‘nova’ para o Destinatário (PEZATTI, 2012a, p. 363).

Deve-se observar que Pezatti também parte da noção de Tópico como pertencente ao discurso e não à sentença. Logo, pode-se falar de um tópico que se desenvolve em sentenças posteriores. A visão de Tópico como uma parte da estrutura sintática o reduz à sentença na qual ele está inserido. Dik (1997) considera o Tópico como um conceito discursivo, visto que todo o texto que compõe um discurso é marcado por entidades sobre as quais se diz alguma coisa. Isso implica dizer que num texto há vários Tópicos discursivos, pois há sempre um Tópico novo quando o falante declara algo a respeito de alguma entidade.

Sob essa ótica, pode-se considerar que o argumento das construções apresentacionais, em alguns casos, tem a dupla função pragmática de Tópico e Foco (PEZATTI, 2012a). Do ponto de vista da sentença, o argumento só pode ser Foco, não Tópico, visto que a própria estrutura, constituída do verbo e do argumento, não tem espaço para o comentário. O verbo focaliza o argumento, que é o centro da sentença do ponto de vista informacional, uma vez que o verbo é ainda o centro do ponto de vista da predicação.

Toma-se como exemplo (5):

- (5) *Documentador*: E com relação à tua família, com teus pais, tua mãe, teus irmãos, e na época de Natal... nessas épocas festivas como é que era? Tu lembra... assim?

Informante: Adorava... adorava... adorava... assim, sempre falo pro Jorge: “A coisa que eu mais gosto do ano é o Natal”, porque... não... porque era legal, tinha... presente lá em casa não tinha... existia isso não, mas eu achava legal, assim, por causa que ficava eu e os meus irmãos... a gente assistia uns filmes... *Aparecia aqueles filmes bíblicos... aqueles, aquelas programação para criança*. A gente gostava, achava lindo. Também, era a única coisa mágica que tinha, era só isso. [SHS-M]

Nesse exemplo, o falante, ao dizer que assistia a filmes, traz uma informação ancorada no que dissera antes, que em período natalino a programação apresenta *filmes bíblicos e programação para criança*. Contudo, a partir do uso do demonstrativo *aqueles/aquelas*, posto diante de *filmes bíblicos e programação para criança*, o falante tenta recuperar uma informação que o destinatário parece não ter mais, e que, por isso, merece destaque no discurso. Dessa forma, o argumento *aqueles filmes bíblicos/aquelas programação para crianças* tem função de Foco, porque serve para chamar a atenção do destinatário para uma informação relevante. Os períodos que se seguem vão desenvolvendo o argumento focalizado outrora, agora Tópico Discursivo, porque se estende além da sentença na qual foi trazido no discurso.

Em (5), a função pragmática do argumento do verbo corresponde ao que defende Pezatti (2012a): é Foco e Tópico discursivo ao mesmo tempo. Quanto aos verbos monoargumentais, quando o verbo estiver em ordem SN+V, haverá Tópico na sentença, porque o sintagma, ao ser posto antes do verbo, ocupa o lugar do Tópico, e o verbo será o predador da sentença responsável pelo comentário.

1.3 A ESTRUTURA DA PREDICAÇÃO

O estudo da predicação diz respeito à relação entre o predicado e os seus argumentos na composição de uma sentença. Dik (1997) é, dentro do Funcionalismo, quem desenvolve importante teoria acerca da predicação. Sua Gramática Funcional parte do princípio de que a língua, ao servir ao propósito da comunicação, implica necessariamente a interação de seus interlocutores, e deixa evidente que a Pragmática é fundamental na produção linguística.

Não é apenas a Pragmática que tem espaço nas teorias funcionalistas de Dik, mas também a Semântica e a Sintaxe que, juntas, formam um tríplice pilar que sustenta uma sentença, por meio da qual se pode fazer uma análise linguística, visto não se poder dissociar uma da outra.

É dessa relação tripla interdependente que nasce a predicação, visto que uma sentença, a qual se organiza em torno de um verbo e de termos que lhe fornecem dados significativos para a composição do estado de coisas, não se constitui apenas de relações sintáticas, mas da inter-relação entre a Sintaxe e Semântica num contexto de produção, que é a Pragmática. Siewierska (1991, apud NEVES, 1997, p. 84) deixa claro que essa relação e conseqüente valorização da pragmática faz com que a Gramática Funcional de Dik se distinga das outras porque “ela objetiva dar conta da estrutura da sentença, desde a representação semântica subjacente até a forma fonética de superfície.”

Para Dik (1997), a oração deve ser descrita em termos de uma estrutura subjacente mapeada na expressão linguística, a qual se forma por regras determinadas pela própria língua, que define a estrutura a ser usada e a ordem dos elementos dessa estrutura. Os termos que constituem a predicação subjacente formam estruturas de predicados, os quais são construções básicas da estrutura linguística capazes de expressar um estado de coisas.

Para se formar predicações subjacentes é necessário um conjunto de predicados e um conjunto de termos. Termos são argumentos que podem se referir a qualquer entidade no mundo.

Quando se constrói uma predicação, a qual expressa um estado de coisas, também se constrói uma proposição, que, num nível mais alto, designa o conteúdo, um fato possível, o que se pode chamar de conteúdo proposicional.

Do ponto de vista morfossemântico, Dik (1997) estabelece que a predição básica gira em torno de três classes lexicais: verbo, nome e adjetivo. O verbo é o elemento central, o predicador; o nome é a classe responsável por representar as entidades associadas ao verbo, com o qual estabelece relação estreita; o adjetivo é responsável pela modificação do nome, por lhe atribuir alguma característica que o torne restrito.

O quadro abaixo expõe a visão geral da estrutura da oração na Gramática Funcional de Dik (1997).

Quadro 1: Tipos de entidade designados por camadas da estrutura da cláusula subjacente

Unidade estrutural	Tipo de entidade	ordem	Variável
Oração	ato de fala	4	E_i, E_j
Proposição	fato possível	3	X_i, X_j
Predicação	estado de coisas	2	e_i, e_j
Termo	entidade	1	x_i, x_j
Predicado	Propriedade/relação		f_i, f_j

Fonte: Dik (1997, p. 55)

Para Dik (1997, p. 59-60), os predicados são partes de estruturas as quais ele chama de *predicate frames* (esquemas de predicado) e “apresentam uma espécie de informação/indicação do que pode ser associado a eles na estruturação de predicções (uma definição de significado e uma estrutura formal básica)”.

A importância desses esquemas de predicado reside no fato de eles especificarem os aspectos básicos do predicado, como, por exemplo: sua forma lexical, a categoria sintática, a valência do verbo, as restrições de seleção que o predicado impõe aos seus argumentos. Como se pode observar, a predicação é o conjunto dessa relação interdependente entre os elementos que compõem uma sentença.

É importante frisar também que, na concepção de Dik, o predicado é visto como o centro da predicação e é em torno dele que os outros elementos giram para a construção de uma oração. Tomando o verbo como elemento central da predicação, e considerando uma ordem de menos complexa para mais complexa, em termos de constituição de uma oração, Dik identifica a **predição nuclear** (*nuclear predication*), que consiste na predicação constituída pelo verbo e seus argumentos, numa quantidade limitada definida pelo próprio verbo por meio de sua valência. É no nível da predicação nuclear que o verbo atribui aos argumentos do predicado um papel sintático e semântico. Ela é a predicação básica, por meio da qual é possível descrever um estado de coisas; **predicação central** (*core predication*), que consiste na predicação nuclear estendida pelos operadores de predicação por meio dos satélites de nível 1; **predicação estendida** (*extended predication*), que consiste na predicação central estendida por meio de operadores de predicação por meio de satélites de nível 2.

Para ilustrar, tomemos como exemplo (6):

- (6) *Jorge* (sujeito/agente) *tomar* (predicado) *remédio* (objeto/paciente)
= Jorge toma o remédio.

O predicado *tomar* aciona uma quantidade de termos (dois, no caso), *Jorge* e *remédio*, por meio de uma relação: um age sobre o outro. Esse conjunto de relações expressa pela combinação do predicado com os termos constitui uma predicação nuclear, a qual é básica porque se constitui dos elementos básicos da relação verbo + argumentos. Essa predicação, porém, consegue expressar um estado de coisas.

A essa predicação básica, podemos acrescentar operadores e satélites. Os operadores são morfemas gramaticais que indicam, por exemplo, a noção de tempo. Os satélites são estruturas lexicais que trazem novas informações à predicação nuclear, sem, contudo, alterá-la gramaticalmente. Quando acrescida de operadores e satélites, a predicação passa a ser uma predicação central, como em (6a):

(6) a. Jorge tomou o remédio.

À predicação *Jorge + tomar + o remédio*, acrescentou-se a noção de tempo, por meio do operador gramatical (desinência verbal modo-temporal).

Sintetizando a teoria da GF de Dik (1997), têm-se os dois termos (*Jorge* e *remédio*), os quais designam entidades; um predicado (*tomar*), que, estabelecendo uma relação entre os termos *Jorge* e *remédio*, constroem uma predicação; uma predicação (*Jorge tomar o remédio*), que expressa um estado de coisas, ou seja, um evento que tem ocorrência no mundo real ou imaginário; uma proposição, que é um fato possível; e uma oração, que constitui um ato de fala, como se pode ver no Quadro 2:

Quadro 2: Tipos de entidade designados por camadas da estrutura da oração segundo Dik

UNIDADE ESTRUTURAL	DESIGNAÇÃO	VARIÁVEL
Oração	Ato de fala (Alguém, ao dizer <i>Jorge tomou o remédio</i> , expressa algo e pratica um ato de fala.)	E_i, E_j
Proposição	Um fato possível (<i>Jorge</i> pode tomar o remédio, porque o remédio é algo tomável e <i>Jorge</i> é um ser capaz de tomar o remédio)	X_i, X_j
Predicação	Estado de coisas (<i>Jorge toma o remédio</i>)	e_i, e_j
Predicado	Propriedade/Relação (<i>Jorge</i> > <i>tomar</i> > <i>remédio</i>)	x_i, x_j
Termo	Entidade (<i>Jorge, remédio</i>)	f_i, f_j

Fonte: Adaptado de Dik (1997, p. 55)

Como se pode ver, a teoria de Dik apresenta uma organização da oração em camadas ascendentes (*bottom-up*), pois parte do menor elemento para o maior (termo > ato de fala).

Um predicado pode ser constituído tanto por um predicador verbal e seus argumentos quanto por um predicador nominal, que compõe com um verbo funcional um predicado derivado. Essa concepção de predicado será bastante útil para discutirmos um dos questionamentos mais frequentes na literatura sobre os verbos apresentacionais não existenciais, que diz respeito ao papel sintático do argumento único na predicação. Castilho (2010) defende que, no caso dos existenciais, pelo fato de esses verbos não “predicarem” sobre o SN, este não pode receber um papel semântico, e, conseqüentemente, um papel sintático. Para resolver a questão, o autor usa o termo “absolutivo” para designar o SN posposto dos apresentacionais existenciais, como *ter*, *haver* e *ser*, por exemplo. Outros autores, como Perlmutter (1976), defende que o SN desses verbos são sujeitos rebaixados à categoria de objeto, tese refutada por autores como Bittencourt (1979) e Pontes (1986).

Esses autores divergem quanto ao papel sintático do SN do verbo apresentacional, mas nos interessa pensar se o SN é um argumento da predicação nuclear ou se ele compõe a predicação junto com um verbo funcional.

1.3.1 O estatuto gramatical dos verbos

Do ponto de vista gramatical, os verbos podem ser de três tipos: pleno, funcional ou auxiliar.

Castilho (2010, p. 397) diz que verbos plenos “são os que funcionam como núcleos sentenciais, selecionando argumentos e atribuindo-lhes papéis temáticos.” Como o próprio nome sugere, são os verbos em seu uso mais pleno, ou seja, como centro de uma estrutura oracional. Esse tipo compõe a maior parte dos verbos de uma língua, pois constitui esse tipo a estrutura básica da composição de uma sentença. Um exemplo que se tem de um verbo pleno é dado em (7)

(7) *Documentador*: Ela foi mora onde na casa da mãe dela, é?

Informante: E foi mora lá na casa da mãe dela. E o vô dela **deu** uma casa pra ela e o Jerfeson.

Em (7), o verbo *dar* apresenta a seguinte estrutura argumental: sujeito com papel semântico agente, objeto indireto com papel semântico de zero e objeto indireto com papel semântico beneficiário. Pode-se dizer que essa é estrutura argumental do verbo *dar* quando pleno. Os sintagmas que constroem a sentença são solicitados pelo verbo, e servem para preencher os espaços vazios do verbo (a valência do verbo), dando-lhe a significação completa por meio dos papéis semânticos atribuídos pelo próprio verbo.

Os verbos funcionais, segundo Castilho (2010, p. 397) são

os que transferem esse papel aos constituintes à sua direita, geralmente sintagmas nominais, sintagmas adjetivais, sintagmas adverbiais e sintagmas preposicionais, reduzindo-se a portadores de marcas morfológicas e especializando-se na constituição de sentenças apresentacionais, atributivas e equativas.

Em (8), temos um exemplo de verbo funcional.

(8) (*Narrando uma confusão ocorrida com sua amiga, quando esta flagrou seu marido com outra mulher*)

Aí, depois que ela entrou dentro do quarto, depois de ter arrumado praticamente a festa todinha já, ela encontrou o marido dela... andando só de cueca, e a amiga dela só de calcinha. Aí a amiga dela... ela pegou o terçado e **deu uma lapada** na amiga dela. [DLC-F]

Em (8), o verbo *dar* é um verbo funcional, visto que compõe um outro tipo de construção, cujo núcleo não é o verbo e sim o SN à direita, o qual carrega a significação da estrutura. Em (8), não se fala de *dar* no sentido exposto em (7), mas da ação expressa pelo SN *lapada*. O sentido almejado pelo falante não está separadamente expresso pelo verbo *dar* e seus argumentos, mas pelo conjunto, “dar uma lapada”, que significa “bater em alguém com algum objeto”. O uso dessa construção Verbo funcional+Sintagma ocorre porque não há um verbo que contenha o significado alcançado na expressão construída pelo falante, conforme defende Neves (2002). Pode-se pensar em sinônimos para a expressão inteira, não para o verbo *dar* individualmente. Dessa forma, pode-se pensar em sinônimos como “açoiar”, “bater”. Ilari e Basso (2014) observam que alguns verbos funcionais têm um verbo correspondente. Quando isso ocorre, o radical é o

mesmo do SN que compõe a estrutura com o verbo funcional, como “banhar” para “dar banho”, “beijar” para “dar um beijo” etc. A partir dessas construções, podemos compreender a sentido de verbo como um suporte para o nome: o verbo exerce uma função gramatical para o nome, visto que este não tem os traços gramaticais de um verbo. Por isso é melhor tratar o verbo funcional não isoladamente, mas dentro de uma “construção com verbo funcional”. Em outros casos, como em (8), não há um verbo correspondente.

A respeito das construções com verbo funcional, Ilari e Basso (2014, p. 106) dizem que

as construções com verbo funcional se compõem, por definição, de duas partes: o próprio verbo funcional (como *dar, tomar, levar, ter fazer...*) mais um sintagma nominal (como *um chute, um desmaio, uma volta, uma examinada nos papéis...*). Grosso modo, podemos dizer que os dois segmentos que formam a construção com verbo funcional repartem entre si dois conjuntos de funções que normalmente seriam desempenhadas por um verbo pleno: no verbo funcional, ficam concentradas todas as informações necessárias para atender aos automatismos gramaticais, tais como a concordância com o sujeito e as correlações de tempo e modo; é ainda esse verbo que responde pela voz, pelo tempo e pelo aspecto da sentença. [grifos dos autores]

Numa construção com verbo funcional, o verbo não tem seu significado pleno e por isso o significado só é possível se se considerar o todo. Isso leva alguns autores a chamar esses verbos de “leve”, por terem um significado esvaziado, sem “peso” na construção, como ocorre com os verbos plenos. Castilho (2010), por sua vez, chama esses verbos de funcionais. Compreende-se a visão de Castilho, ao chamar esses verbos de funcionais, porque eles passam por um processo de mudança e se tornam estruturas gramaticais, o que serve, inclusive, para diferenciá-los dos verbos plenos. O uso funcional desses verbos numa construção não permite que eles sejam analisados isoladamente, como se não analisam as preposições isoladamente, visto que elas sempre estão em construções cujo significado está no todo, um sintagma preposicional.

Neves (2002), que prefere chamar esses verbos de verbos-suporte, ao abordar o tema, fala em estrutura argumental preferida, nos termos de Du Bois (1985, 1987, 1993), Kumpf (1992), Ashby e Bentivoglio (1993). Segundo ela, no *cópus* que investiga,

existe uma organização da predicação uma estrutura argumental preponderante, tanto na dimensão gramatical, quanto na dimensão pragmática:

1 A sentença tende a apresentar um só SN lexical, e esse elemento ocupa, de preferência, a posição de objeto.

2 A sentença tende a apresentar um só argumento novo, e esse argumento ocupa, de preferência, a posição de objeto (NEVES, 2002, p. 210).

Isso significa que Neves vê nessas construções uma estrutura recorrente, marcada por uma posição fixa entre verbo e o seu argumento, que é posposto. Esses objetos diretos que ela identifica nessas estruturas têm o papel de “funcionar junto de determinados verbos para formar predicados, para ‘orientar’ um evento, ou para classificar ou identificar um referente” (p. 97). Recorrendo a Du Bois e Thompson (1991), Neves prefere tratar o SN desses verbos de predicante, porque não o considera com um “participante” da estrutura argumental. Em seu trabalho, Neves procurou analisar os protótipos dessas construções, as quais, segundo ela, são formadas por SN não-referencial. A partir desse parâmetro, ela chega a três tipos de construções com verbo funcional.

O primeiro grupo é caracterizado por apresentar o SN não-referencial e o segundo, por apresentar um SN não-referencial que pode ser recategorizado por retomada anafórica, como em (9a) e (9b), respectivamente:

- (9) a. *Documentador*: E quais as suas pretensões depois que terminar a pós... pro futuro, pra melhorar de vida? A senhora pretende... melhor... *fazer concursos*? Fale um pouco sobre. [MISS-F]
- b. *Informante*: Eu vou *fazer Música*.
Documentador: Eu já ia dizer.
Informante: Mas aí é que tá, *o mercado da música* não é bom... Aí eu estava pensando... [RSB-M]

Em (9a), a construção com verbo funcional se dá por meio de um SN não-referencial; em (9b), a construção também é com um SN não-referencial, o qual é posteriormente retomado de forma referencial.

O terceiro grupo identificado é o que a autora chama de

um caso extremo de soldadura dos elementos verbos + nome, nome que forma o que se designa tradicionalmente como *expressão verbal* ou *locução verbal*, ou *perífrase verbal*, que funciona em conjunto na atribuição de papéis temáticos [...] e que se apresenta como um bloco cristalizado em que existe um significado global unitário (NEVES, 2002, p. 235). [grifos da autora]

Sua conclusão é a de que os verbos funcionais estão entre um extremo e o outro, ou seja, entre uma estrutura construída com verbo pleno + objeto direto e as “locuções verbais”. Essa busca por um protótipo e a organização de tipos ocorrentes no *cópus* evidencia um aspecto importante no estudo dos verbos funcionais, a variedade de tipos de construções. O que parece ser o elemento comum a essas estruturas é a forma *verbo* + *nome* e a significação global da estrutura, que marca o verbo com uma função específica, o de suporte de um nome.

Quanto aos aspectos pragmáticos, Neves (2002) defende que o falante faz as escolhas mais convenientes entre esses modelos disponíveis, mas o falante que opta por usar um verbo funcional + um nome faz isso para alcançar resultados que o uso de verbos plenos não consegue expressar.

Essa conclusão de Neves serve para mostrar que os verbos funcionais são um recurso criado pelos falantes para a construção de novos sentidos, na falta de sentidos dos verbos plenos, que, nesse uso, são mais limitados. Essa limitação é semântica, uma vez que, enquanto verbo pleno, o seu sentido é restrito, ainda que consideremos que os verbos podem adquirir novos significados no decorrer da história. Os verbos funcionais, por sua vez, não são os detentores do sentido da construção, o que implica dizer que as possibilidades de construção a partir de um nome são incontáveis.

O outro tipo de verbo são os auxiliares, que funcionam semelhantemente aos verbos funcionais, com a diferença de que à direita não têm um nome, mas um verbo. A semelhança desses verbos com os funcionais é a de que ambos são esvaziados de sentido, o que os faz suporte (de um nome) e auxiliar (de um verbo). Os verbos auxiliares expressam para o verbo principal todas as categorias que um verbo expressa numa predicação, como modo, tempo, voz etc. Assim como na construção com verbo funcional, o verbo principal da locução verbal é o detentor do sentido, e assim como o verbo funcional, o conjunto não pode ser analisado separadamente. Numa construção com verbo auxiliar, o verbo principal sempre ocorre numa das três formas nominais. Temos exemplo de verbo auxiliar em (10):

- (10) *Documentador*: E tu não sente saudade lá das pessoas que tu conheceu no Maranhão?

Informante: Sim, eu quero dizer pra pessoas de São Luís que *eu estou sentindo muita saudade deles*, e *eu vou viajar para lá de novo*, mas só que eu não sei quando, eu acho que é quando eu tiver de férias ou é então quando eu passar de ano. [ALA-M]

Em (10), há duas construções com verbo auxiliar. A primeira, cujo verbo principal é o *sentir*, o auxiliar expressa a flexão número-pessoal de 1ª pessoa do singular, o modo indicativo, o tempo presente e a voz ativa, enquanto o verbo principal, expresso na forma nominal gerúndio, expressa o sentido da predicação verbal. O mesmo ocorre com a segunda construção, cujo verbo principal é *viajar*, o qual está na forma nominal infinitiva. Em ambos os casos, o sentido é expresso pelo conjunto dos dois verbos.

Em suma, um verbo funcional é um verbo que não é usado com sentido pleno, mas como uma ferramenta gramatical para a construção de uma expressão cujo valor está na combinação V+SN, sendo o SN o núcleo semântico da expressão. Se o verbo funcional não constrói uma relação argumental com o SN interno, o SN não recebe do verbo um papel semântico.

1.4 PAPÉIS SEMÂNTICOS

Os papéis semânticos correspondem a noções semânticas que um argumento carrega a partir de sua relação com o predicado em uma predicação. Se a predicação consiste na relação entre o predicado e seus argumentos, esses argumentos recebem do verbo um papel semântico que equivale à sua função semântica para o verbo. Assim, se diante de um verbo que denota ação, o primeiro argumento relacionado a este verbo corresponde à entidade que tem papel semântico de agente, como em (11), em que o verbo *vir* atribui ao argumento *a família todinha* o papel semântico de agente.

- (11) (*Falando sobre seus estudos*)

Documentador – Aí a senhora já tinha dezoito anos, então, quando terminou? Quando parou... aí a senhora resolveu parar?

Informante – Aí quando eu parei, aí fui inventar de casar. Aí pronto, parou tudo.

Documentador – Aí quando... quando a senhora chegou aqui em Rio Branco, veio *a família todinha*?

Informante – Todo. [MCS-F]

Para o estudo dos papéis semânticos – ou temáticos – existe uma considerável quantidade de trabalhos que tentam redefinir a quantidade e a concepção de cada papel.

Quem primeiro abordou a expressão “papel temático” foi Gruber (1976), mas quem primeiro desenvolveu uma teoria consistente acerca dos papéis temáticos, sob a designação de casos, foi Fillmore (1968), que estabeleceu seis casos (agentivo, dativo, instrumental, factual, locativo e objetivo), voltando, mais tarde, a rever sua primeira classificação e acrescentando novos papéis, resultando em oito papéis (agente, contra-agente, objeto, resultado, instrumento, fonte, alvo e experienciador). Depois de Fillmore, outros autores teorizaram sobre os papéis semânticos, tratados por papéis temáticos, relacionando, de certa forma, ao que foi postulado por Fillmore. Seguindo a cronologia desses estudos, começa-se por Jackendoff (1972), passa-se por Chafe (1979), Radford (1988), Givón (1984) e se chega a Svorou (1993).

Não é objetivo desta tese discutir a problemática dos papéis semânticos, mas apenas identificar qual papel é característico do argumento dos verbos apresentacionais não-existenciais. Para isso, recorreremos a um único autor, com o qual estabelece-se afinidade conceitual, Dik (1997), que, a partir da relação dos constituintes com o verbo, por meio da predicação, estabelece 11 (onze) papéis semânticos: agente, força, processado, posicionador, zero, meta, recipiente, locativo, direção, fonte e referência.

Os papéis semânticos de Dik (1997) estão relacionados à sua noção de estado de coisas, visto que a função de uma sentença, por meio da predicação, é expressar um estado de coisas. Assim, para Dik, o tipo de verbo é determinante para o papel semântico desempenhado por seus argumentos.

No quadro a seguir expõe-se a correlação entre os EC e as funções semânticas (papéis semânticos) desempenhadas pelo argumento 1, na visão da Gramática Funcional de Dik.

Quadro 3: Correlação do estado de coisas e papéis semânticos do argumento 1

Eventos [+dinamismo]	Ações [+controle]	Atividade [-telicidade] Realização [+telicidade]	Agente
	Processos [-controle]	Dinamismo [-telicidade] Mudança [+telicidade]	Força/Processado [experenciador]
Situações [-dinamismo]	Posições [+controle]		Posicionador
	Estados [-controle]		Zero [experenciador]

Fonte: Dik (1997, p.115)

Como se pode observar, a combinatória dos traços semânticos [dinamismo], [controle] e [telicidade] é fundamental para a caracterização dos papéis semânticos, os quais são determinados pelo tipo de verbo e tipo do estado de coisas correspondente.

Para este trabalho interessam apenas os papéis semânticos que podem ser exercidos pelo argumento único do verbo apresentacional, não sendo pertinente uma análise dos constituintes que não fazem parte da valência quantitativa monoargumental do verbo. Dessa forma, deu-se relevo aos seguintes papéis semânticos:

a) **agente**, entidade controladora de uma ação:

- (12) Aí quando... quando a senhora chegou aqui em Rio Branco, *veio a família todinha?* [MCS-F]

b) **processado**, entidade que sofre um processo:

- (13) ... porque se quando *morre um*, *nasce dois*, porque, senão diminui a geração, né? [DM-M]

c) **zero**, entidade estativa, que não sofre um processo nem controla uma ação:

- (14) *Documentador*: E nos teus fim de semana, tu faz o quê?
Informante: Ah, eu fico em casa. Às vezes tem... *tem campo*... eu vou junto. Às vezes, eu tenho aula dia de sábado. Fim de semana mesmo... assim... eu fico em casa ou seu saio com... pra campo... ou então eu vou pra casa das minhas irmãs, dos meus tios. [ALA-M]

1.5 PROPRIEDADES SEMÂNTICAS DO SN: A PONTENCIALIDADE DA DESIGNAÇÃO NOMINAL

Todo SN faz referência a alguma entidade no mundo, e sobre esses referentes declaramos algo sobre, a partir da predicação, que estabelece ligação entre um ato de referência e um ato de predicação. Isso nos permite informar nossos interlocutores e possibilita que nos comuniquemos.

Para que haja entendimento dos enunciados linguísticos, Lyons (1980, p. 147) defende que é necessário a referência ser bem sucedida, ou seja, o ouvinte deve ser capaz de reconhecê-la, uma vez que ela é dada por seu locutor, que é quem a constrói, a partir do momento em que ele “confere à expressão uma referência, realizando um ato de referência”. Por isso ele diz que é “terminologicamente, conveniente que se possa dizer que uma expressão se refere ao seu referente (quando a expressão é usada numa dada situação e satisfaz as condições pertinentes)”.

Segundo Lyons (1980), há três tipos de entidades representadas pelos substantivos, que são o núcleo do SN. Essas entidades são classificadas conforme uma ordem de natureza semântica. Assim, temos:

a) **entidades de primeira ordem**: são referências que representam os indivíduos, como pessoas, animais e coisas. Camacho; Dall’Aglío-Hattner e Gonçalves (2014, p. 23) sintetizam as características dessas entidades: (i) sob condições normais, são relativamente constantes quanto a suas propriedades perceptuais; (ii) são localizadas em algum ponto no tempo e no espaço; (iii) são observáveis publicamente; (iv) podem ser avaliadas em termos de sua existência.

São, portanto, exemplos desse tipo de entidade os substantivos concretos, próprios comuns, como *cadeira*, *Roberto* e *revista*, por exemplo. Em (14), temos exemplos desse tipo de entidade:

- (14) Não querem mais mandar a população pra fora, né? porque disseram que com esse novo hospital, novo pronto socorro, iriam vim todos os materiais, principalmente da perna, coração, entendeu?... essas coisas. E até hoje o povo tá falando muito, reclamando muito, porque o povo, o povo, não... O PT divulgou na televisão que tinha chegado e não apareceu o material, os equipamentos. Então, tem gente... semana passada, *morreu três pessoas* porque não tinha como... foram adiando, adiando, adiando o processo para mandar pra fora... eles acabaram morrendo, por falta de atendimento. A senhora sabe uma coisa a respeito disso? [MDR-F]

O SN posposto ao verbo *morrer* faz referência a entidades de primeira ordem, no caso, pessoas. Analisando a valência semântica do verbo *morrer*, que é um verbo de processo, as propriedades possíveis de seu argumento só se encaixam em entidades de primeira ordem, pois só os indivíduos podem sofrer o processo de morrer. No caso, indivíduos do grupo pessoas ou animais.

b) **entidades de segunda ordem:** são referências que representam os estados de coisas, como as ações, os processos, os estados e as posições. Diferente das entidades da primeira ordem, os de segunda são abstratos. Isso significa que não podem ser tratados em termos de existência, visto que dependem de outras entidades para existirem. São exemplos desse tipo de entidade: *limpeza*, *saudade* e *nascimento*.

Em (15), temos um exemplo de um SN que se refere a uma entidade de segunda ordem, pois o SN *meses* é uma entidade não observável e que depende de outras entidades para ter existência, visto que se trata de uma noção acerca do tempo, de uma quantidade de tempo. Considerando a valência do verbo *dar* em (15), podemos dizer que o verbo não possui o sentido original ou mais usual em português brasileiro, o de *ofertar algo a alguém*. Aqui, o sentido foi alterado para expressar passagem de tempo. Expressa, portanto, a entidade, um estado de coisas localizado no tempo.

- (15) Só no começo do ano que eu fico ansiosa para vim pra aula. Aí quando dá **uns três meses** eu já quero... tenho vontade de ir para casa. [AAA-F]

c) **entidades de terceira ordem:** são as entidades que designam abstrações: crenças, expectativas e julgamentos. A característica dessas entidades é estarem fora do tempo e do espaço; poderem ser asseveradas, negadas, lembradas ou esquecidas; e serem avaliadas em termos de condições de verdade e não de sua realidade ou existência (CAMACHO; DALL'AGLIO-HATNHER; GONÇALVES, 2014, p. 23). São exemplos dessas entidades: *verdade*, *conceito* e *certeza*. No corpúsculo analisado para a realização deste trabalho, não encontramos ocorrências de SN posposto cuja referência fosse entidades de terceira ordem.

1.6 REFERÊNCIA, DEFINITUDE E ESPECIFICIDADE DO SN

A referência, no âmbito dos estudos da linguagem, diz respeito à relação entre as palavras e os objetos do mundo. Na concepção de Lyons (1977 apud Neves, 2006, p. 76), referência em linguística “se fundamenta na relação entre uma expressão linguística e o que ela significa em ocasiões particulares do discurso”. Em (16), quando a informante diz que mora no Aeroporto Velho, ela se refere a um lugar.

(16) *Documentador*: Qual é o teu nome?

Informante: Thais de Andrade Farias.

Documentador: Tu mora aonde?

Informante: É... num Aeroporto Velho.

Documentador: Tu mora com quem?

Informante: Com a minha mãe e com meus irmãos e os meus tios.

Documentador: É... Quantos irmãos tu tem, Thais? [TAF-F]

Embora o nome tenha uma referência no mundo, quem faz a referência no discurso é o falante. Isso quer dizer que a referência, para os estudos linguísticos, diz respeito ao discurso, não necessariamente ao mundo (GIVÓN, 1984). Por isso, inclusive, é que Lyons (1977) diz que não há necessidade de que a referência dada pelo falante seja verdadeira, basta que seja identificada pelo ouvinte, pois é o reconhecimento da referência que dá significado ao discurso. Quando isso ocorre, significa que a referência foi bem-sucedida.

Para se falar em referência no âmbito da linguística, é preciso que se fale de definitude e especificidade.

A definitude é uma noção semântico-pragmática associada ao uso de artigos definidos, que são determinantes responsáveis não apenas por determinarem gênero e número dos SNs que os seguem, mas indicar o grau de familiaridade entre o SN e os interlocutores. Assim, o uso de um artigo definido diante de um SN pode expressar, por parte do falante, um conhecimento pragmático de que o seu ouvinte sabe a que entidade ele está se referindo, como se pode observar em (17):

(17) a. *Documentador*: E o teu pai?

Informante: Ele já faleceu faz três anos.

Documentador: Ah, E ele morreu de quê?

Informante: Foi derrame cerebral.

Documentador: E como é que é o teu relacionamento com a tua mãe?
[TAF-F]

b. (*Falando sobre sua relação com sua mãe*)

Não eu não conto tudo para ela... eu conto pras minhas amigas. Eu tenho uma amiga no curso que eu... eu conto tudo, tudo, tudo, tudo, mas para minha mãe eu não conto. [TAF-F]

Em (17a), quando o documentador pergunta sobre o pai da informante, ela usa o artigo definido “a”, porque, mesmo ela não conhecendo o pai da informante, ela sabe que a informante tem informações sobre ele – ou pelo menos deveria ter. O artigo cumpre a função de definir o SN em relação ao falante, que é a quem a pergunta se dirige. O pronome possessivo “teu” reforça o artigo definido, especificando quem é o referente. O mesmo ocorre quando o documentador se refere à mãe da informante. Em (17b), quando a informante introduz no discurso uma entidade nova, a qual o documentador desconhece – pelo menos a informante parte desse princípio –, ela antecede o SN “uma amiga” com um artigo indefinido. Esse uso marca o fato de que o ouvinte, o documentador, não tem informação sobre a amiga da informante, a quem só ela conhece. Num momento posterior da narrativa, a falante pode retomar o termo “amiga” com um artigo definido, uma vez que o documentador já tem alguma referência sobre essa entidade.

A definitude está relacionada a dois conceitos de fundo pragmático fundamentais, identificabilidade e familiaridade. A identificabilidade diz respeito à noção de que o falante tem de que o ouvinte é capaz de reconhecer o referente dado; a familiaridade diz respeito ao conjunto de conhecimento do qual compartilham falante e ouvinte, o que permite o reconhecimento das referências dadas num processo de comunicação. Lyons (1999) vê a definitude como uma construção morfossintática a qual, segundo ele, gramaticaliza a identificabilidade.

Para Chesterman (1991), a definitude é composta por várias oposições, mas as noções de “definido” e “indefinido” não são oposições polares, pois podem ser vistas em termos de escala. Por isso se pode falar em [+definido] e [-definido].

A noção de especificidade, por sua vez, está associada aos SNs indefinidos, como sendo uma propriedade destes; ao passo que a noção de referencialidade está associada a uma propriedade dos SNs definidos. A diferença entre definitude e especificidade está no fato de que a definitude diz respeito ao conhecimento compartilhado pelos interlocutores, pois um SN definido é ou não tanto para o falante quanto para o ouvinte. Mas a especificidade é um conhecimento partilhado apenas pelo falante, que “precisa”, a depender da conversa, especificar o referente, para ajudar o ouvinte. Quando se usa um SN definido, o falante parte do princípio de que ele é também conhecido do ouvinte, mas quando ele recorre à especificidade, ele parte do princípio de que o ouvinte não possui o conhecimento do referente. Por isso, a noção de especificidade e definitude está associada à noção de familiaridade.

A especificidade é um conjunto de informações vinculadas ao SN cuja função é torná-lo reconhecível por parte do ouvinte. Em (17b), quando a informante fala de sua amiga e usa o indefinido, ela sente que precisa dar alguma informação para ajudar o ouvinte a se localizar a respeito da entidade a qual se refere, e por isso especifica quem é a amiga, a “do curso”. É claro que isso é uma informação vaga sobre a amiga, mas a partir disso, o ouvinte já pode construir uma série de referências acerca dessa entidade, como: ela também faz Biologia, deve ter idade aproximada da informante etc. Por isso se diz que a especificidade está vinculada aos SNs indefinidos, porque ela serve para preencher espaços de informação que o ouvinte não dispõe.

Dessa forma, pode-se falar de definitude e especificidade independentemente, visto que elas se relacionam, mas não se excluem nem se somam. Ou seja, um sintagma pode ser [+definido, -específico], [+definido, +específico], [-definido, +específico] e [-definido, -específico].

1.7 CLASSIFICAÇÃO SEMÂNTICA DO VERBO

A classificação semântica do verbo diz respeito à relação que ele estabelece com os seus argumentos pelos traços semânticos deles (valência qualitativa). Se o verbo é um predicador, é ele quem define a quantidade (valência quantitativa) e os traços semânticos dos seus argumentos, para construir uma predicação. Chafe (1979), nessa perspectiva, classifica os verbos a partir da noção de estado, processo, ação e ação-

processo. Borba (1996) se baseia em Chafe para criar sua classificação sintático-semântica dos verbos, identificando verbos de *ação*, *processo*, *ação-processo* e *estado*.

Um verbo de *estado* é, para Chafe (1979, p. 98), um verbo cujo argumento “está num certo estado ou condição.” Borba (1996, p. 60) diz que

verbos de estado expressam uma propriedade (estado, condição, situação) localizada no sujeito que, pois, mero suporte dessa propriedade ou então, seu experimentador ou beneficiário. Os verbos de estado têm obrigatoriamente um argumento que é um *inativo*, na medida que não é agetivo, nem causativo, nem paciente. [grifo do autor]

Vejamos nos exemplos abaixo as variações do verbo de estado, conforme Borba.

- (18) a. Ela sofreu que só... só *vive* na base de remédio forte. [GHF-M]
- b. *Documentador*: E tu tá estudando aqui há um ano, né? Qual é a matéria que tu mais gosta?
Informante: Química e Biologia. Química, porque eu *gosto* de Química, eu acho interessante os elementos químicos, as fórmulas. [MLFS-F]
- c. Deus me livre! Eu *estou* decepcionada. [MAS-H]

Em (18a), o sujeito suporta uma condição (viver à base de remédio); em (18b) e (18c) experimenta um estado (ter gosto por algo) e (decepção), respectivamente.

Os verbos que exprimem processo, para Chafe (1979), são os que indicam a mudança de estado ou de condição do referente argumental. Isso implica dizer que o argumento é afetado pelo processo do verbo, ou seja, é seu paciente ou experienciador. Borba (1996, p. 58) explica que

os verbos de processo expressam um evento ou sucessão de eventos que afetam um sujeito *paciente* ou *experimentador*. Por isso traduzem sempre um *acontecer* ou um *experimental*, isto é, algo que se passa com o sujeito ou que ele experimenta. [grifos do autor]

Em (19), podemos ver que o verbo *sentir* expressa a experiência vivida pelo sujeito experienciador *eu*. Logo, é um verbo de processo que exprime uma experiência. Já em (20), o sujeito é paciente afetado pelo acontecimento expresso pelo verbo *morrer*.

- (19) Agora, de uma época para cá, eu *senti* muita falta de estudar, né? [AMG-H]
- (20) Aposentou um bocado, um bocado morreu, porque o serviço era muito puxado. [SEF-H]

Borba ainda observa que o verbo que exprime processo também pode ter como sujeito um beneficiário, tendo, nesse caso, dois argumentos, como em:

- (21) O primeiro salário que eu *recebi* no mês... Na época, eu recebi... naquele tempo, era aquelas notinhas vermelhinhas de cem reais. [ADZ-H]

em que o sujeito é beneficiário do salário. Há dois argumentos (*eu*, o beneficiário; e *o primeiro salário*, o objeto zero).

Os verbos de ação, para Chafe (1979, p. 100) “expressam uma atividade ou *ação*, alguma coisa que alguém *faz*” [grifos do autor]. Para que não se confunda o verbo de ação com o de processo, o autor sugere um teste, que consiste em analisar se a oração responde à pergunta “O que fez N?”, em que N corresponde a um nome numa oração de ação, o que não acontece com uma oração de processo, em que o sujeito não pode ser agente, ou seja, não faz algo.

- (22) Aí a amiga dela, ela pegou o terçado e *deu uma lapada* na amiga dela. [DLC-F]

Em (22), pode-se perguntar *o que a amiga dela fez?*, obtendo-se como resposta a ação praticada pelo sujeito, no caso, *pegou* (pegar) *o terçado e deu* (dar) *uma lapada na amiga dela*. O mesmo não se pode fazer em (20), visto que não faz sentido perguntar *o que um bocado fez?* em relação ao verbo *morrer*,

Borba (1996, p. 58) diz ainda que “verbos de ação expressam uma atividade realizada por um sujeito *agente*. Indicam, portanto, um *fazer* por parte do sujeito: o pássaro *voa*; o garoto *brinca*; o sábio *pensa*.” O autor também argumenta que o verbo de ação tem, no mínimo, um argumento, e quando tiver dois, um dos argumentos será um complemento que se caracteriza por não sofrer nenhuma mudança, no caso, o sujeito.

Os verbos de ação-processo, por sua vez, segundo Chafe (1979), expressam tanto uma ação quanto um processo, selecionando tanto um argumento afetado, o processado, quanto um argumento agente ou causativo, como em (23):

- (23) Na bagunça, eles nem lancham, nem *bebem* água na hora do recreio, vão direto para quadra. [MRP-F]

Em (23), a ação de beber realizada pelo sujeito agente recai sobre a água, o elemento afetado.

Borba (1996) explica que os verbos de ação-processo expressam uma ação realizada por um agente ou causativo, cuja ação afeta o paciente ou o efetuado, a depender do tipo de mudança sofrida. Segundo ele, a mudança pode ser de estado, condição ou posição, ou, algo que passa a existir. Neste caso, diz-se que o argumento tem papel semântico resultativo ou efetuado, pois o autor divide o tipo de papel temático pelo grau de mudança ocorrido na ação-processo, chamando de efetuado o argumento que passa a existir, diferente do paciente, que já existe, mas sofre alguma mudança. Diz ele: “O resultativo é um efetuado. Liga-se a verbos de existência, ou seja, verbos cujo complemento expressa algo que passa a existir: Carlos escreveu *três sonetos*.” (BORBA, 1996, p. 31)

CAPÍTULO II

VERBOS APRESENTACIONAIS

Os verbos apresentacionais são considerados verbos que ocorrem em ordem V+SN, como em (24a) ou V+SP, como em (24b), e servem para introduzir um elemento novo no discurso:

- (24) a. *Documentador*: E na escola que tu estava antes, tu gostava?
Informante: Gostava.
Documentador: É? Como é que é lá?
Informante: **Tinha** um bocado de gente... **Tinha** um prédio. [JVCL-M]
- b. **Chega** de mentir.

Em (24a), quando o documentador pergunta como é a escola em que o informante estudava anteriormente, o informante inicia uma descrição do local usando o verbo *ter* no sentido existencial, como sinônimo de *haver*. Como podemos observar, o verbo *ter* cumpre o papel de apresentar ao ouvinte uma informação nova, no caso, o que “existia” na escola onde o informante estudara. Em (24b), o verbo *chegar* constrói uma estrutura fixa cujo significado é a suficiência de um evento, no caso, o ato de mentir. Esse tipo de construção, no português, ocorre também com o verbo *bastar*, com o mesmo sentido de suficiência. *Bastar* e *chegar* são dois verbos apresentacionais não-existenciais que se constroem com SP, e também são caracterizados, nesse tipo de uso, como verbos impessoais. O exemplo (24b) foi criado, pois não identificamos esse tipo de estrutura no *cópus*.

O caráter apresentativo do verbo está na ordem em que ele ocorre, ou seja, anteposto ao argumento. Quando um verbo que também é apresentacional não ocorre na ordem V+SN ele não é um verbo apresentacional. Os verbos apresentacionais não-existenciais não são unicamente apresentacionais. Na verdade, esses verbos são verbos plenos que, por uma questão pragmática, são usados apresentativamente.

Alguns verbos, quando usados como apresentacionais, não têm necessariamente o mesmo sentido ou a mesma estrutura argumental de quando são verbos plenos. É o que ocorre, por exemplo, em (25), em que o SN *três anos pra trás* passa a ser o argumento processado do verbo *passar* e não o agente, como aconteceria se considerássemos seu uso básico, significando “transpor um limite”.

- (25) Tá entendendo? Então as pessoas estão esquecendo disso, e realmente existe na política uma coisa de questão de esquecimento, *passa três anos pra trás*, o Joãozinho-não-sei-das-quantas foi preso por que roubou, matou, e estuprou; três anos depois, ele se candidata de novo e ganha. Então é um problema sério, tem um esquecimento grave. [ESF-H]

O verbo *passar* é um dos que mais têm variação de tipos de usos na língua portuguesa, como atesta Borba (1990, p. 978), que identifica mais de 40 tipos de usos desse verbo, considerando suas valências quantitativa e semântica. O autor define como primeiro conceito do referido verbo as seguintes características: “I. Indica ação-processo. 1. Com sujeito **agente/causativo** e com dois complementos: um expresso por nome **concreto** e outro, locativo. Significa *fazer atravessar*: *O tenente Antônio passou os dois refugiados pela fronteira.*” [grifos do autor]

Como podemos observar, o uso desse verbo como apresentacional o traz modificado semântica e sintaticamente. No uso apresentacional, o verbo *passar* parece perder, principalmente, o argumento agente. Para expressar noção de tempo, o SN nominal recebe papel semântico de processado, pois denota o resultado de um processo ocorrido naturalmente, visto que o tempo é um fenômeno natural, não modificado por sujeito.

Se os verbos apresentacionais são verbos plenos que, para cumprir a necessidade comunicativa de apresentar um novo tópico expresso pelo sintagma nominal ou preposicional, ocorrem em ordem V+Sintagma, isso significa que as construções apresentativas são motivadas pragmaticamente, ou seja, a ordem do sintagma em relação ao verbo tem relevante importância no que diz respeito ao fluxo de informação da sentença.

Muitos desses verbos, quando não estão nessa função apresentacional, são biargumentais ou até mesmo triargumentais, como é o caso do verbo *dar*, verbo pleno em (26a), e verbo apresentacional em (26b):

- (26) a. Ele também era um taxista... Aí... aí quando a mãe saiu, ele disse “Senhor, me desculpe, mas eu não tenho dinheiro.” Aí ele disse: “Não... pode deixar. Esta carona é por minha conta. Aí *ele deu um pouquinho de dinheiro pra gente*... pra gente arranjar um hotel e ficar lá e arranjar alimento. [ALA-F]
- b. (*falando sobre como é sua via quando vai visitar a avó*)
 Ir pra lá eu gosto. Porque eu gosto mais quando eu vou com a minha mãe. Quando eu vou pra lá, é muito divertido: a gente vamos pra Bolívia comprar um monte de coisa... aí quando *dá a noite*, a gente vai pra

pizzaria, aí vamos pro pula-pula, vamos pra luz quente, pro clube, tomar banho de piscina. É legal. [JGS-H]

Em (26a), o verbo *dar* é triargumental, pois necessita de três argumentos para preencher seus espaços valenciais: um agente, um processado e uma meta. Já em (26b), o verbo *dar* é monoargumental, em função apresentacional.

É importante ressaltar que um verbo monoargumental pode ocorrer tanto em ordem V+SN quanto em ordem SN+V. No entanto, ele só é considerado apresentacional no primeiro caso, quando ele está servindo para apresentar um referente argumental, para lhe dar a focalização, função pragmática dos apresentacionais.

Em uma das primeiras abordagens sobre as estruturas apresentacionais no português falado no Brasil, Thomas (1969 apud Pontes, 1982, p. 9) afirma:

Alguns verbos são quase sempre seguidos por seus sujeitos. Em alguns casos, o verbo recebe mais ênfase do que o sujeito; em outros, a situação é revertida. A maioria dos verbos expressa uma afirmação ou uma negação da existência: *existir, faltar, sobrar, ficar (restar), aparecer, surgir, sumir*. [grifos nossos]

Observa-se que, nessa estrutura de ordem V+SN, Thomas, assim como vários outros autores (VIANNI et al., 2001, PEZATTI, 2012a, entre outros), afirma que a ordem implica ênfase no SN posposto, considerado por ele como sujeito.

Trask (1995, p. 216) afirma que apresentacional é “qualquer uma das várias construções que servem para introduzir um novo elemento em um discurso”, incluindo, além dos verbos apresentacionais, os verbos *dicendi*, cuja função é introduzir um diálogo que não foi dito ainda no discurso, bem como a palavra denotativa *eis*.

Franchi, Negrão e Viotti (1998, p. 2), tratando das orações existenciais, observam que

essas orações se caracterizam pela impessoalidade do verbo, colocando dois problemas de análise a resolver – o fato de que o constituinte deslocado à esquerda, quando se realiza, é normalmente um adjunto de lugar/tempo (*em São Paulo/muitas vezes/ali*) e o **SN-argumento se realiza internamente ao sintagma verbal**. [grifos em itálico, dos autores; em negrito, nosso]

Embora os autores estejam falando dos apresentacionais existenciais, que não são o objeto desta tese, vale ressaltar que eles consideram o SN como um argumento interno

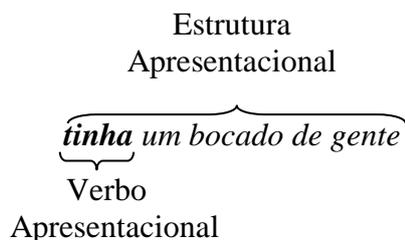
do verbo apresentacional, na função de objeto, descartando, dessa forma, a possibilidade de o SN ser o sujeito da sentença.

Esses autores, ao estudarem os verbos apresentacionais existenciais, tratam as construções *ter/haver* + SN como *construções existenciais*. Segundo eles, uma estrutura apresentacional é uma estrutura linguística, dentro de uma sentença, que se constitui a partir de um verbo apresentacional, ou seja, que ocorre necessariamente no esquema 1 V+SN. Vejamos a ocorrência (24a) citada acima, trazida novamente como (27).

- (27) *Documentador*: E na escola que tu estava antes, tu gostava?
Informante: Gostava.
Documentador: É? Como é que é lá?
Informante: **Tinha** um bocado de gente... **Tinha** um prédio. [JVCL-M]

Nessa ocorrência, temos o seguinte esquema quanto às estruturas apresentacionais e aos verbos que as compõem.

Esquema 1: Diferença entre Estrutura Apresentacional e Verbo Apresentacional



Fonte: Elaborado pelo autor

O dado relevante dessa distinção entre estrutura e verbo apresentacional reside no fato de que, toda vez que um verbo for usado em ordem V+SN, haverá uma estrutura apresentacional e o verbo será um verbo apresentacional, o que implica dizer que os verbos não são categoricamente apresentacionais, mas podem ser usados nessa função em uma estrutura apresentacional.

Os referidos autores falam em V+SN, mas deixam de fora a estrutura V+SP, que ocorre com verbos apresentacionais existenciais, embora com bem menos frequência. Em (28), temos um exemplo de construção V+SP em estrutura apresentacional existencial.

- (28) É de manhã.

O estudo dos verbos apresentacionais não-existenciais suscita, naturalmente, o estudo da ordem dos constituintes, visto que se usa a ordem como elemento definidor do verbo e da construção na qual ele está inserido. Vários estudiosos já se debruçaram sobre o tema, sobretudo na tentativa de classificarem as línguas por meio da ordem de seus constituintes. Um dos trabalhos basilares para se tratar a ordem dos constituintes é o de Greenberg (1963), que usa a classificação tipológica de ordem básica, ou seja, tomando como referência os constituintes nucleares e usando como modelo de construção sentencial os verbos de dois lugares. Segundo essa tipologia, o português brasileiro é classificado como uma língua SVO (PEZATTI, 2014).

Contudo, analisando os verbos intransitivos monoargumentais, Pezatti (2014) mostra que vários autores defendem concepções diferentes acerca da construção VS e SV: para uns, como Brito e Duarte (1980) e Urbano (1987), a ordem VS é que representa o sujeito marcado, ao passo que, para outros, como Pontes (1982), é a ordem SV que indica marcação do sujeito; Votre e Naro (1986) defendem que as duas ordens se alternam conforme sua função no discurso.

Souza e Silva (1981) defendem que o SN posposto em estruturas V+SN corresponde a um objeto inacusativo, visto que, para eles, tanto na estrutura profunda quando na superficial, o SN posposto desses verbos é objeto direto. Tarallo e Kato (1989), também trabalhando em uma abordagem gerativa, endossam essa opinião, defendendo que, se há alguma inversão dos verbos ergativos, ela seria motivada pelo alçamento do argumento interno à posição de argumento externo, o qual ocupa uma posição inicialmente vazia. Decat (1983), por sua vez, ao discutir os verbos monoargumentais, foca na concordância do SN posposto ao verbo, observando que não há concordância do verbo nessa ordem, o que a leva à conclusão de que o verbo é o Tópico e por isso não há possibilidade de se estabelecer concordância com o SN posposto.

Perini (2006) argumenta que uma oração bem formada é aquela que se constrói em torno de três elementos básicos, sujeito, verbo e objeto, ou seja, as orações com verbo de dois lugares e que obedece à ordem SVO, sendo permitido, porém, desvio dessa ordem por questões pragmáticas, como a construção de Tópico e a clivagem, por exemplo, que mudam a configuração SVO, mas mantêm a relação entre os elementos constituintes da sentença. Essa observação feita por ele é vista por Pezatti (2014) como uma forma de encarar a ordem SVO como matriz única do português, o que, de certa forma, leva à desconsideração das estruturas de verbos de um lugar. Citando trabalhos

anteriores (PEZATTI, 1992, 1994), nos quais identifica no *cópus* de seu trabalho 70% de ocorrências com verbos de um lugar, a autora questiona esse padrão único. Essa quantidade de ocorrências a levou a observar esses verbos, fazendo-a identificar dois grupos distintos deles: os intransitivos de estado, ação e processo (verbos não-existenciais), cujo SN é anteposto ao verbo; e os verbos que denotam existência positiva ou emergência de uma entidade (verbos existenciais), cuja ordem é posposta ao verbo. Segundo seus dados, 94,7% das ocorrências de verbos de um lugar correspondem ao último grupo. Isso a leva a propor “duas sequências ‘naturais’ no português, ou seja, dois padrões de ordenação: SV(O) e VS (PEZATTI, 2014, p. 41).

Quanto à ordem VS, Pezatti (2014) argumenta que o sujeito se iguala ao objeto, quando é colocado em posição pós-verbal, o que resulta num alinhamento do sujeito do verbo intransitivo com o objeto em relação ao sujeito do verbo transitivo, levando a um padrão ergativo/absolutivo. Segundo ela, “o português falado é um sistema de ergatividade cindida; isto é, há um alinhamento St⁴-Si⁵ em oposição a O⁶ e um alinhamento Si-O em oposição a St” (p. 43). Alegando que esse fenômeno é motivado pela natureza semântica do verbo e pela natureza do SN, ela apresenta 4 modelos de distribuição dessas relações: St: SN ativo, pré-verbal; O: SN inativo, pós-verbal; Si: SN ativo, pré-verbal; Si: SN inativo, pós-verbal.

Segundo a autora, os verbos apresentacionais se enquadram dentro do segundo modelo, *O: SN inativo, pós-verbal*, visto que as características semânticas do SN, alinhadas à natureza do verbo, caracterizam o SN posposto como objeto inativo.

Pezatti (2012a), usando a Gramática Discursivo-Funcional como pressuposto teórico, faz uma análise da ordenação dos constituintes em construções categorial, tética e apresentativa. Quanto às construções apresentativas, a autora retoma sua tese de doutorado (PEZATTI, 1992) e observa que, ao desenvolver esse estudo, “defende a existência de dois padrões de ordenação no português brasileiro, o SV(O), preferidos por verbos transitivos e intransitivos não-existenciais e o padrão VS, que ocorre com verbos existenciais/apresentacionais” (PEZATTI, 2012a, p. 356). Nessa distinção dos dois tipos intransitivos, a autora defende que cada tipo corresponde a um recurso diferente para atender necessidades discursivas. Para ela, o verbo intransitivo existencial tem a função de introduzir elemento novo no discurso, ao passo que o intransitivo não-

⁴ Indica sujeito de verbo transitivo.

⁵ Indica sujeito de verbo intransitivo.

⁶ Indica objeto.

existencial é usado com entidade já dada no discurso. Isso implica considerar que há dois tipos de verbos intransitivos, segundo ela: “os pragmaticamente motivados, selecionados por uma capacidade de introduzir informação nova e os semanticamente motivados, selecionados por seu conteúdo léxico-semântico de um lugar” (p. 357).

Analisando mais especificamente a construção apresentativa, a autora, recorrendo a Dik (1989, 1997), defende que as sentenças apresentativas servem para “indicar uma emergência de uma entidade referencial no discurso” (PEZATTI, 2012a, p. 367). Isso significa que servem para introduzir no discurso um Tópico novo, o qual, por sua vez, implica a combinação tanto de topicalidade quanto de focalidade. Focalidade porque introduz elemento novo no discurso, e topicalidade porque esse elemento novo serve de tópico para o comentário que se desenvolve em seguida.

Tendo em vista os objetivos desta tese, de caracterizar o verbo apresentacional não existencial pela relação pragmático-semântica que estabelece com o SN ou com o SP com os quais se relaciona, passamos a discutir as descrições desses dois tipos de verbos encontradas na literatura.

2.1 OS VERBOS APRESENTACIONAIS EXISTENCIAIS

Os verbos apresentacionais existenciais exprimem existência, ou seja, apresentam algo que existe no mundo, sem estabelecer um papel semântico para o SN posposto, que é apenas posto na sentença como algo existente, como em (29):

- (29) a. Claro... bem, *era uma escola muito interessante*, que era administrada pelas freiras. [MRC-M]
- b. E a comunidade participava? *Tinha muito visitante* na escola? [RSLN-F]
- c. Aqui você *tem as pessoas, existe as conversas*, mas não é tão gritante como a gente encontra no ensino médio. [MAS-F]

Nos exemplos acima, temos quatro ocorrências de verbos apresentacionais existenciais. Por serem verbos de estado, seus SNs pospostos são apenas apresentados como entidades que existem no mundo. Assim, nas ocorrências em (29), existe “uma escola interessante”, “muito visitante”, “pessoas” e “as conversas”.

Para se comprovar que o verbo existencial não predica sobre o SN posposto, pode-se perguntar o que se diz a respeito de “uma escola interessante”, de “muito visitante”, das “pessoas” e das “conversas”. A resposta é que não se diz nada a respeito dela, apenas se expressa sua existência, o que não acontece com os verbos apresentacionais não-existenciais, como em (30):

- (30) Ela participou um dia desses, maninha. Como ela tava dodói – *nasceu umas maria-preta*⁷ nela –, ela não foi pra feira.

Diferentemente dos exemplos em (21), o verbo *nascer* predica sobre seu argumento *maria-preta*. Nesse caso, o argumento é o processado, porque o verbo *nascer* é um verbo de processo; as “maria-preta” são apresentadas como algo que sofre um processo expresso pelo verbo, passam a existir. Dizemos que o verbo *nascer*, na estrutura em (21), é um verbo apresentacional não-existencial. É importante frisar que a natureza do SN é fundamental para se analisar o apresentacional. No caso de (22), o SN é marcado pelos traços semânticos [-animado] e [-humano], o que implica diferença no uso do verbo *nascer* quando o SN é marcado por traços [+animado] e [+humano], o qual apresenta traços comuns a um sujeito e o SN pode ter a ordem invertida sem prejuízo semântico, visto que se tem algo a se declarar sobre alguém, uma entidade humana, que provavelmente tem relevância referencial no discurso, o que deve levar o SN para a posição pré-verbal.

Um dos primeiros estudos acerca dos verbos existenciais foi feito por Thomas (1969) que, trabalhando com dados do português falado do Brasil, identificou sete verbos existenciais: *existir*, *faltar*, *sobrar*, *ficar*, *aparecer*, *surgir* e *sumir*. Depois dele, outros estudos foram desenvolvidos acerca desses verbos, como Perlmutter (1976), Contreras (1976), Pontes (1987, 1989), Franchi, Negrão & Viotti (1998) e Vianni *et al.* (2013), entre outros. Um dos estudos mais conhecidos a respeito dos existenciais foi feito por Perlmutter (1976), que defendeu, sob os preceitos gerativistas, que os SNs pospostos desses verbos não são sujeitos e sim objetos. Perlmutter, porém, não chama esses verbos de apresentacionais; ele se refere a sentenças existenciais, as quais, segundo sua análise, são construídas com verbos que denotam existência ou trazem seu argumento posposto ao verbo, perdendo a significação temática. Na verdade, o trabalho desse autor consiste muito mais em provar que o argumento desses verbos são objetos e

⁷ No Acre, maria-preta é uma espécie de abcesso que ao nascer, apresenta no centro uma coloração escura, quase preta, diferentemente do tumor, que é maior e não tem a coloração escurecida no centro.

não sujeitos. Para isso, ele desenvolve “sete evidências para mostrar que os SNs que seguem o verbo são sujeitos subjacentes submetidos a uma regra que os faz deixar de ser sujeito”. (PERLMUTTER, 1976)

As sete evidências são, resumidamente:

a) ordem das palavras – a simples inversão da ordem dos constituintes é considerada uma evidência de que o argumento posposto vira objeto. A crítica que se pode fazer a essa afirmação de Perlmutter está em considerar essa relação como absoluta. A mera inversão não pode ser vista como um fator definitivo para a mudança de estatuto sintático do argumento. A inversão pode ser um indício, visto que o SN posposto de verbos dessa natureza só pode ser considerado objeto se estiver posposto; o contrário, porém, não é uma verdade absoluta, pois o sujeito pode flutuar na posição em relação ao verbo monoargumental.

b) falta de significado temático – para ele, os SN pospostos não têm significado temático como têm os antepostos ao verbo, porque estes estão na posição de sujeito. A ausência de significação temática é explicada praticamente pelo mesmo processo da primeira evidência, a ordem. Apesar de o autor fazer algumas análises, as quais consistem em considerar que, quando o SN é anteposto ao verbo, ele é o tema (ou tópico) da sentença e quando o SN é posposto, ele é uma “descrição neutra de um certo estado de coisas” (PERLMUTTER, 1976, p. 97), para ele, só os SNs antepostos ao verbo têm significação temática. Para exemplificar, ele usa os seguintes exemplos: *Sempre surgem controvérsias como essas em Nova Iorque* e *Controvérsias como essas sempre surgem em Nova Iorque*, considerando a primeira oração como a carente de significação temática.

c) escopo de quantificador – nesse caso, o autor contrasta duas sentenças, *Surgem muitas controvérsias todos os dias* e *Muitas controvérsias surgem todos os dias*, concluindo que a última é ambígua porque pode significar *O número de controvérsias que surge todos os dias é grande* e *Há muitas controvérsias que surgem cada dia*, por causa da posição do quantificador *muitas*; e que a primeira não tem significação temática, o que não lhe permite ter outros sentidos.

d) interação com alçamento de sujeito – para provar essa evidência, o autor analisa a sentença *As crianças parecem correr rapidamente*. Segundo ele, há um alçamento do sujeito da oração subordinada de *parecer* e, ainda segundo Perlmutter, teríamos sentenças agramaticais se não houvesse alçamento. Os exemplos de agramaticalidade dados por ele são: *Parece as crianças correrem rapidamente* e *Parece*

correrem as crianças rapidamente. Nesse caso, as sentenças parecem, de fato, agramaticais, ou, pelo menos, pouco recorrentes.

e) interação com *head start* – essa estratégia consiste em transformar a sentença e colocar o sujeito no início dela. Para exemplificar sua análise, o autor usa a sentença *Parece que as crianças estão cansadas* e sua transformação em *As crianças parecem que estão cansadas*. Pontes (1986, p. 63-37) resume bem a análise dessa evidência de Perlmutter, indicando que, para esse autor, as seguintes orações são agramaticais:

*As crianças parecem que estão cansadas.

*Estes livros parece que as crianças lêem.

o que indicaria que a *head start* se aplicaria só a sujeitos. Ele então contrapõe **Muitos candidatos existem nesta eleição*, o que ele considera agramatical, a *Existem muitos candidatos nesta eleição*, que considera gramatical. Em seguida, contrapõe *Parece que existem muitos candidatos nesta eleição* a **Muitos candidatos parece que existem nesta eleição*, para concluir que *head start* não se aplica, porque o SN que depende de existir não existe. [grifos da autora]

f) complementos infinitivos dos verbos de *dizer* e *pensar* – verbos declarativos como *dizer* e *pensar* aceitam complementos no infinito, se o sujeito encaixado for suprimido. Para exemplificar isso, o autor analisa a sentença *Ele disse gostar de música brasileira*, na qual o verbo *gostar* tem o mesmo sujeito de *dizer*, o que a deixa gramatical. Já em *Ele disse os brasileiros ganharem sempre*, com sujeito não-suprimido, a sentença fica agramatical. Contudo, com sujeito posposto, a sentença é gramatical e a construção é possível, como em *Ele disse existirem muitos candidatos nesta eleição*. Perlmutter defende que, nesse tipo de construção, a agramaticalidade de *Ele disse os brasileiros ganham sempre* prova que o SN posposto não é sujeito.

g) movimentos de quantificadores – na sentença, alguns quantificadores podem ser movidos para fora do argumento sujeito. Os exemplos usados para explicar essa evidência são: *Todos os escoceses chegaram ontem* e *Os escoceses chegaram ontem todos*. A falha nessa análise é que o mesmo não ocorre quando os SN não são sujeitos, pois quando são objetos, só podem ser movidos se forem clíticos, como em *Vi todos os escoceses ontem*, *Vi os escoceses todos ontem* e *Vi-os ontem todos*. Dik (1981) se contrapõe à análise de Perlmutter e defende que o quantificador *todos* origina-se dentro do SN que ele quantifica e por isso não se pode aplicar essa mesma regra do quantificador quando o sujeito é posposto.

Perlmutter considera que o SN posposto rebaixado na sentença é sujeito na estrutura subjacente, uma vez que uma estrutura sem sujeito seria anômala. Dik (1981) se contrapõe a Perlmutter e defende que o sujeito em português tem mais de uma posição, que os sujeitos pós-verbais são sujeitos reais e que a motivação para a escolha da ordem é pragmática.

Bitencourt (1979) tece uma série de críticas a respeito do trabalho de Perlmutter. Esta autora, usando a teoria *standard* da gramática gerativa, refuta ponto por ponto o trabalho de Perlmutter. Diferente dele, ela parte de um conceito de sujeito como uma noção relacional na estrutura profunda, o SN e O. Sua conclusão é a de que é óbvio que o SN deixa de ser sujeito quando está posposto ao verbo. Refuto sua ideia por entender que não é uma questão de “obviedade”, uma vez que não é só a ordem que define as funções sintáticas do SN. Como defende Dik (1981), o sujeito no português tem mais uma posição para verbos monoargumentais, podendo ser tanto posposto quanto anteposto. Contudo, endosso a opinião da autora de que, em alguns casos, o SN posposto assume papel sintático de objeto e não de sujeito. É o caso dos verbos apresentacionais não-existenciais que, por questões pragmáticas, levam o SN para depois do verbo, modificando a valência verbal e a relação semântico-sintática na predicação. Mas vale ressaltar que não é sempre que o verbo apresentacional, ao pospor o SN, o torna objeto. Voltaremos a essa questão no final deste capítulo.

As críticas que Pontes (1986) faz ao trabalho de Perlmutter se resumem em considerar sua argumentação e a teoria usada em suas análises artificiais. Nas palavras dela, “vê-se a artificialidade da gramática transformacional: duas regras transformacionais para um único verbo, *parecer*, um verbo altamente idiossincrático; e ainda mais, alguns exemplos, que são cruciais para a argumentação, dificilmente se encontrariam atestados”. (p. 40) A conclusão de Pontes é a de que o autor parece querer que se acredite em sua análise, embora ela seja mal construída, visto que ele chega a aplicar regras que se contradizem, como as evidências de agramaticalidade, as quais, para os falantes do português, soam gramaticais. Além disso, seus exemplos, segundo ela, “parecem inventados a dedo para determinados argumentos”. (p. 40) Isso se justifica pelo fato de que os exemplos usados por Perlmutter correspondem a exatamente o que ele quer ver e mostrar, como se não houvesse outras estruturas semelhantes na língua portuguesa, mas que diferissem nos resultados das análises. Além disso, seus exemplos não apresentam exceção às regras apontadas por ele.

Pontes (1986, p. 40) ainda questiona: “se os dados escolhidos fossem outros, a análise não seria diferente?” Para encerrar seus apontamentos a respeito das análises de Perlmutter, a autora argumenta que ele, ao usar a significação como prova de que o SN posposto é objeto, usa a clássica posição da gramática gerativa, cujo argumento das restrições seletivas acabam sendo da mesma essência.

Utilizando-se igualmente de uma abordagem gerativa, Perini (1981) também se dedicou à análise de Perlmutter e refutou alguns de seus argumentos. Aquele autor centralizou sua análise nas sentenças consideradas agramaticais por Perlmutter, mostrando que muitas delas são gramaticais no PB. Esse é um dos pontos fracos da proposta de Perlmutter, apontado por todos os autores.

Franchi, Negrão e Viotti (1998), ao tratarem das orações impessoais com *ter* e *haver*, dedicam uma parte de seu trabalho às estruturas apresentacionais, visto que os dois verbos objetos de seu estudo são usados em estruturas apresentacionais. As estruturas construídas com os verbos *ter* e *haver* são chamadas de Construções Existenciais (CE's) e os verbos presentes nelas têm como características não estabelecerem papéis semânticos para seus SNs pospostos. Segundo esses autores, a interpretação da sentença depende de todo o sintagma verbal e não exclusivamente dos verbos, que não têm quaisquer restrições de seleção. Por isso, defendem que esses verbos deveriam ser considerados como “instanciação de operadores funcionais” (p. 5), pois eles devem entrar para o grupo de verbos funcionais, visto que a “predicação mesma se estabelece entre os dois elementos da ‘coda’ das orações existenciais” (p. 5).

A respeito da função discursiva das construções existenciais, os autores defendem que elas trazem elementos novos para o discurso, bem como novos tópicos, expressando “a ‘existência’ deles na situação discursiva a ser levada em conta na interpretação e entendimento da sequência do discurso”. (p. 5) Os autores ainda defendem que não são as construções existenciais apenas portadoras de uma “predicação existencial”, pois servem como “instruções sobre o modo de organização do discurso, ou sobre o modo pelo qual os interlocutores compreendem e, eventualmente (re)constroem, as condições de produção e interpretação do discurso”. (p. 6) Eles defendem, portanto, que as construções existenciais, as quais também podem ser chamadas de “construções apresentativas” e “função apresentativa” têm a função de foco, o que eles chamam de “foco apresentativo”. (FRANCHI, NEGRÃO E VIOTTI, 1998, p. 6).

Viani et al. (2011), num estudo diacrônico sobre os verbos apresentacionais existenciais, postulam que os verbos das construções existenciais devem ser

classificados como verbos funcionais, pelos mesmos motivos apontados por Franchi, Negrão e Viotti (1998).

Quanto à predicação dos verbos analisados, *ter e haver, ser e existir*, Franchi, Negrão e Viotti (1998) concluem que os dois primeiros apresentam argumento, principalmente, à direita, o que o coloca como argumento interno, ao passo que os dois últimos, apresentam argumento mais à esquerda com argumento externo.

Sobre a função discursiva dos verbos apresentacionais, os autores defendem que os verbos, na relação tema x rema, são portadores do tema, pois “eles tematizam a sentença, concentrando-se a declaração propriamente dita no sintagma que se segue, o qual será o rema da sentença.” (VIANI et al., 2011, p. 280) Portanto, a função discursiva desses verbos também é introduzir o Tópico Conversacional.

Castilho (2010) tem um posicionamento a respeito dos apresentacionais existenciais que merece destaque: por não terem função predicativa, os existenciais não podem ter como argumento um objeto ou um sujeito, visto que essas duas funções sintáticas são necessariamente marcadas por algum papel semântico, o qual, por sua vez, é resultado da predicação do verbo. O autor ilustra sua posição com os seguintes exemplos:

- (31) a. *Tinha **um gato preto** perto dela.*
 b. *Ali havia **uns eucaliptos** sendo plantados lá, não?*
 c. *A – Mas será possível que não veio ninguém hoje?
 B – Bem, há **eu aqui**, não serve? Tem **eu aqui**, não serve?*
 d. *Existe **muitos outros meios de transporte** que não são explorados. (DID SP 46, exemplos de Franchi/Negrão/Viotti, 1998)*
 e. *A – Mas quem será, a estas horas?
 B – **É o Luís**. São eles de novo.*
 f. ***É cedo**./É tarde./É sexta-feira./Era uma vez **um gato de botas**.*

Com relação aos verbos que aparecem em (31), Castilho afirma:

Com respeito aos verbos que aí aparecem [...] Trata-se de verbos apresentacionais, cuja função mais saliente é introduzir participantes do discurso. Os verbos apresentacionais são monoargumentais, distinguindo-se dos verbos bi e triargumentais, que são predicativos. *Por que tanta insistência no processo de apresentação de referentes? [...] Porque, se entendermos que apresentar e predicar são processos distintos, teremos facilitada nossa compreensão sobre o estatuto do argumento único exemplificado anteriormente, bem como sobre a tipologia da sentença correspondente (CASTILHO, 2010, p. 286). [grifo do autor]*

Castilho, em poucas palavras, esclarece pontos cruciais acerca dos apresentacionais existenciais, ao falar de sua função discursiva no texto: a de inserir participantes no discurso, ou seja, inserir informação nova. Além disso, o autor fala da distinção dos existenciais em relação aos verbos bi- ou triargumentais, que são predicativos, ou seja, estabelecem relação semântica com seus argumentos, imprimindo-lhes, inclusive, um papel semântico, o que não pode acontecer com verbos que têm o papel de apenas apresentar um SN ou um SAdj ou um SAdv. Por isso, o autor defende que não se pode dizer que o SN único desses verbos seja um objeto ou um sujeito. Ele diz mais:

Sobre a função desempenhada pelo argumento único do verbo, as respostas têm oscilado em ver aí o sujeito ou o objeto direto da sentença. Note que essas respostas evidenciam o esforço em tratar essas construções como se elas contivessem um verbo biargumental, o que não é o caso (CASTILHO, 2010, p. 287).

O ponto que vale a pena ressaltar da última citação de Castilho é o de que se deve analisar os apresentacionais como verbos monoargumentais e não como biargumentais com apenas um argumento expresso. A análise dos existenciais como se fossem biargumentais leva à classificação equivocada do SN posposto como sendo ou objeto direto ou sujeito, porque se esquece que se deve pensar na predicação desses verbos a partir de sua natureza monoargumental, não pensando que o SN presente é um dos argumentos de um verbo transitivo direto, uma vez que as relações entre o verbo e o SN dos monoargumentais é distinta da relação entre o verbo transitivo e o seu argumento. Além disso, outros fatores devem ser considerados para a análise do SN vinculado ao verbo monoargumental, como as propriedades morfossintáticas do SN, os traços semânticos do SN, a dessemantização do verbo quando monoargumental etc. Isso vale, principalmente, para os não-existenciais, que também são monoargumentais e devem ser tratados como tal.

Bagno (2012), por sua vez, em sua *Gramática pedagógica do português brasileiro*, diz que

verbos que se limitam a enunciar a existência das coisas praticamente não são verbos, são meros **introdutores** das coisas no mundo do discurso. Por isso, alguns teóricos preferem chamar esses verbos de **apresentacionais** – eles apresentam a coisa para que, adiante, se possa *falar dela* e *dizer que ela*. [...] verbos apresentacionais são meros instrumentos, operadores gramaticais – tanto que podem ser omitidos sem que se perca o conteúdo do enunciado. (p. 621) [grifos do autor]

O autor, sem fazer distinção entre existenciais e não-existenciais, não parece considerar que alguns dos verbos apresentacionais não-existenciais também predicam sobre seu argumento e que, por isso, não podem ser considerados apenas como operadores. O que parece óbvio é que ele toma os existenciais, os quais não predicam e por isso são considerados funcionais, como o modelo de apresentacional geral. É preciso, como se percebe, fazer distinção entre os dois tipos de verbos, porque há comportamentos pragmáticos, semânticos e morfossintáticos diferentes entre eles.

2.1.1 As características dos verbos apresentacionais existenciais

Os estudos já realizados acerca dos existenciais acabam apontando algumas características desses verbos em relação a outros. A principal delas, é claro, diz respeito à ordem em que aparece no discurso, ou seja, em ordem V + SN, o que serve de enquadramento desses verbos como apresentacionais. Fora isso, há outros fatores considerados por estudiosos que são fundamentais na caracterização dos apresentacionais existenciais.

a) são verbos funcionais – para Franchi, Negrão e Viotti (1998, p. 5), os verbos existenciais não são verbos nocionais, mas funcionais, pois são “portadores da dêixis temporal e da quantificação aspectual da oração”. Viani et al. (2011, p. 270) também defendem a classificação de verbos funcionais aos apresentacionais existenciais, pois “a interpretação da sentença em que estão inseridos depende do sentido dos sintagmas nominais e preposicionados que formam a expressão, i. e., esses verbos não devem ser tratados como predicadores, pois a seus argumentos não são atribuídos papéis temáticos.” Quanto ao fato de os verbos apresentacionais existenciais não atribuírem papéis temáticos aos seus argumentos, Castilho (2010) e Bagno (2012) defendem que o argumento deve, portanto, ser chamado de absoluto.

b) sua função discursiva é inserir elemento novo no discurso – o que é unanimidade entre os estudiosos. Desde Perlmutter (1976), Pontes (1986), Franchi, Negrão e Viotti (1998), Viani et al. (2011), Pezatti (2012), entre outros, concordam que a função apresentativa serve ao propósito de “apresentar” algo novo no discurso. O exemplo a seguir evidencia isso:

- (32) **Há** tempos atrás se via claramente aquela questão de perseguição política embora hoje não se fala muito, mas hoje ainda existe por que se você for observar aqui no estado, existe uma certa soberania, dessa questão partidária e a soberania a gente sabe. [MHS-M]

Em (32), para inserir informação nova no discurso, o falante recorre ao apresentacional existencial *haver*.

c) o argumento do verbo apresentacional existencial tem função de Tópico discursivo e Foco – Pezatti (2012a) é uma dos autores que defende essa ideia. Usando a GF como suporte teórico, a autora observa que nas estruturas apresentacionais existenciais, o argumento do verbo é focalizado pelo verbo, tornando-se o assunto da sentença. Para essa mesma autora, o argumento do existencial também tem função de tópico para o restante do discurso, visto que, ao introduzir elemento novo, torna-o tópico do discurso. Viani et al. (2011) também defendem que os verbos apresentacionais existenciais tematizam a sentença por meio do argumento apresentado pelo verbo. Usando o exemplo (31), pode-se notar que o verbo funciona como um suporte para o ponto fundamental da sentença, o fato de que se via há algum tempo atrás a perseguição.

d) são conjugados na terceira pessoa – os verbos existenciais tendem a não fazer referência à primeira ou à segunda pessoas, mas à terceira, visto que têm função de introduzir entidade nova no discurso, ou seja, falar de algo externo, impessoal.

e) ocorrem mais no singular do que no plural – na sua maioria, os verbos são conjugados na terceira do singular, embora haja casos em que são conjugados na terceira do plural, principalmente o verbo *ser*, que tende a concordar com o SN posposto, como em (33):

- (33) a. *Documentador*: Tu era muito nova, né?

Informante: Aí... também **tinha as coisas do curso**, né?, da escola... Aí... ela me criticava muito por que eu vivia muito na escola. Aí... eu quase não fazia nada em casa. O tempo que eu passava em casa era só fazendo as coisa só fazendo as coisas. [ELCS-F]

- b. Por que assim... **são** pessoas que não são compromissadas como deveriam, por que um professor compromissado, ele te estimula, você também... ‘Ah, esse professor explica tão bem, esse professor é tão dedicado, que dar vontade de você estudar mais, de você fazer tudo.’ Aqueles professores que nem liga, a gente também não liga pra fazer os trabalhos, não liga pra nada. [MAS-F]
- c. *Documentador*: Falando do seu bairro, no seu bairro **há** muitos casos de violência? [MJG-F]

Em (33a), o apresentacional existencial *ter* mantém-se na 3PS mesmo apresentando um SN no plural); o existencial *ser*, por sua vez, concorda com os SN nominal posposto, em (33b); e o existencial *haver*, em (33c), a exemplo de *ter*, mantém-se no singular mesmo diante de um SN no plural.

e) são verbos impessoais – esses verbos ocorrem no córpus somente na terceira pessoa porque seus usos correspondem ao uso impessoal. Por isso, constroem orações sem sujeito, cujo SN posposto, o absolutivo, é apresentado como algo existente no mundo. Na maioria dos casos, o verbo não concorda com o SN posposto, como ocorre principalmente com os verbos *ter* e *haver*, em orações como as apresentadas em (33).

2.2 OS VERBOS APRESENTACIONAIS NÃO-EXISTENCIAIS

Os verbos apresentacionais não-existenciais são os que, além de apresentarem um SN ou um SP, imprimem outros valores ao sintagma, como a noção de tempo, de mudança de tempo ou de lugar; não expressam a mera existência do sintagma, declaram algo a respeito dele.

Tomemos como exemplo os verbos das seguintes sentenças em (34):

- (34) *Informante*: Foi. Foi tirar mangas às cinco horas da man... da tarde, eu fui mais ele, eu fui junto. Ele se atrepeu no pé de manga e balançou... no que ele balançou, a veia do coração estourou. O laudo médico falou, né?... o doutor falou, o doutor, o médico que foi pegar ele debaixo do pé de manga onde ele caiu. Ele... quando ele balançou a mangueira, o médico achou que o coração dele... a veia do coração estourou, e no que ele desceu de pés, no que ele bateu de pés no chão, descaderou a cadeira dele, assim. E antes dele cair no chão, tinha um galho, eu vi... eu e a minha filha também viu, quando ele bateu com o pescoço e quebrou o pescoço dele.

Documentador: Meu Deus!

Informante: Ele caiu de lado já botando sangue pelo nariz e pela boca. Ele não falou, nem gritou, nem gemeu, nada. Ele não se mexeu. Eu vim, corri, agarrei com ele, caí com ele nas minhas pernas e fiquei com ele até sete hora da noite gritando... pelo o amor de Deus, muito longe de vizinho, na beira do rio, perto do cemitério.

Documentador: Nossa!

Informante: Foi lá em Tarauacá. E aí, quando *deu 8h da noite*, o médico chegou, foi. [MRA-F]

Em (34), temos um verbo apresentacional não-existencial. Nesse caso, o verbo *dar* indica as horas. Na verdade, indica que houve uma passagem de tempo desde o acidente até a chegada do médico. A chegada indica o fim dessa passagem de tempo, expressa o momento da chegada. Nesse caso, o uso de *dar* é semelhante ao verbo *ser* indicando horas, como em (35)

(35) *Eram 8h quando ele chegou*⁸.

A diferença reside no fato de que, com o verbo *ser*, as horas são expressas com pontualidade, sem menção ao tempo decorrido até essa pontualidade. Com o verbo *dar* em (34), além de se indicar o momento da chegada do médico (a pontualidade da chegada), considera-se a transcorrência do tempo, o que o verbo *ser* não consegue expressar. A ideia que transmite o uso de *dar* é a de que *passou a ser 8 horas* ou *assim que passou a ser 8 horas*, ou seja, o verbo *dar* indica a mudança do tempo num ponto específico.

Não se pode dizer que o verbo *dar* em (26b), trazido aqui novamente como (26) é um verbo pleno, pois seu uso é funcional, tal qual é o verbo *ser* nas indicações de horas.

(36) *(falando sobre como é sua via quando vai visitar a avó)*
 Ir pra lá eu gosto. Porque eu gosto mais quando eu vou com a minha mãe. Quando eu vou pra lá, é muito divertido: a gente vamos pra Bolívia comprar um monte de coisa... aí quando *dá a noite*, a gente vai pra pizzaria, aí vamos pro pula-pula, vamos pra luz quente, pro clube, tomar banho de piscina. É legal. [JGS-H]

Quando o verbo *dar* indica horas, ou faz alusão às horas, não apresenta as horas apenas como o tempo pontual em que algo ocorre, mas indica a mudança ocorrida de uma hora para outra. Comparando com o verbo *ser*, por exemplo, que tem função apresentativa das horas, como em (37), podemos perceber que o verbo *dar*, em (34), indica a mudança de horas, ao passo que, em (37), o verbo *ser* só apresenta as horas como uma hora existente.

(37) *(Descrevendo como é o município de Sena Madureira, onde às vezes vai visitar os avós)*
 Ah, tem bastantes casas, não é como aqui, que é parado... todo mundo andando. Tem um pracinha lá. Quando é seis horas da tarde, tá cheio, pessoas andando de bicicleta... que lá o meio de transporte é bicicleta. [DLO-F]

⁸ Exemplo criado por falta de ocorrência desse tipo no corpus.

A função de ambos os verbos é apresentar um SN. No caso do existencial, o SN do verbo, por não exprimir nenhum papel temático, é considerado como *absolutivo*, como defendem Castilho (2010) e Bagno (2014). No caso do verbo *dar*, há nítida diferença no tocante à natureza semântica do verbo, que está mais próximo de um verbo funcional, expressando mudança de processo.

Vejamos o exemplo do verbo *chegar*:

- (38) Foi lá em Tarauacá. E aí quando deu 8h da noite, o médico chegou, foi. *Chegou duas canoa de... de famílias crente, evangélica de Tarauacá que me conhecia e conhecia ele*, né? E foi seis hora, chegou o vizinho... Aí foi que anunciado às pessoas que estava lá o meu esposo. E aí o médico veio buscar, as pessoas do médico... veio canoa para levar ele para Tarauacá. E o médico fez todo exame e disse que tinha sido do coração... que a veia estourou e ele caiu. Ele não via morte. Graças a Deus! Foi sepultado lá em Tarauacá mesmo. E lá eu passei mais ainda uns três anos... três... cinco anos. Foi que eu vim pra cá. [MRA-F]

Em (38), o verbo *chegar* também é um verbo apresentacional não-existencial. Como podemos observar, o verbo apresenta o SN, no caso, *duas canoa de, de famílias crente, evangélica de Tarauacá*. Assim como o verbo *dar*, o verbo *chegar* não exprime apenas a existência do SN, mas expressa algo em relação ele: expressa um processo porque indica que algo aconteceu e que resultou em as canoas que antes estavam em outro lugar, agora estão em Tarauacá. É claro que as canoas foram levadas por alguém até a cidade, mas o verbo *chegar*, em (38), não faz menção à entidade que as fez chegar, o verbo enfoca apenas as canoas. Embora se possa inverter a ordem do SN neste caso, não se pode dizer que ele é o sujeito da oração na ordem em que está. Parece que a ordem V+SN, em (38), indetermina o sujeito. Se considerarmos a ordem SN+V, e considerarmos o SN como sujeito da oração, teríamos de aceitar que, em (38), o SN foi rebaixado à categoria de objeto. Em suma: quando o verbo passa à função de apresentacional, o SN parece perder os traços característicos de sujeito porque o verbo já não tem mais o mesmo valor semântico.

Em relação às funções pragmáticas, podemos observar, nos exemplos dados, que tanto *dar* quanto *chegar* introduzem no discurso informação nova. No caso do verbo *dar*, por mais que a narração implicasse uma transcorrência do tempo, não se poderia “adivinhar” a que horas aconteceriam os fatos narrados pelo informante, o que faz do SN posposto *8h* uma informação nova.

No caso do verbo *chegar*, observemos que há duas ocorrências desse verbo, *o médico chegou* (34) e o exemplo marcado em (38). Essas duas ocorrências constituem uma sequência textual produzida pelo informante. Como se pode perceber, em (34), o verbo não é apresentacional, visto que não apresenta o SN posposto, o qual já foi citado anteriormente no texto. Contudo, quando o informante insere no discurso uma informação não dita anteriormente e também não esperada pelo documentador, ele o faz por meio do verbo apresentacional.

Isso vai ao encontro do que já se defende acerca dos apresentacionais (THOMAS, 1969; FRANCHI, NEGRÃO E VIOTTI, 1999; VIANI et al., 2011; PEZATTI, 2012, entre outros), de que esses verbos servem para inserir elementos novos no discurso.

Os verbos apresentacionais, como já observamos anteriormente, foram já bastante explorados por alguns estudiosos. Contudo, a maior parte dos estudos trataram mais dos existenciais ou deram mais ênfase a eles do que aos não-existenciais. Thomas (1969) e Perlmutter (1976), por exemplo, até abordam os dois tipos de verbos, sem, contudo, especificar que haja diferença entre um e outro. Thomas faz alusão à ideia de verbos que exprimem existência, mas não entra no mérito da questão e não estabelece diferença entre os dois tipos. Na verdade, seu livro é voltado para estrangeiros que querem aprender o português, o que nos leva à conclusão de que ele mais descreve a língua portuguesa do que a discute propriamente.

Perlmutter, por sua vez, faz um estudo dos verbos do português europeu cuja ordem é V+SN, para ele, ordem V+O, visto que ele considera que todos esses verbos, por aparecerem anteposto ao seu argumento, têm objeto e não sujeito como argumento. Para o autor, esses verbos constroem frases existenciais. Mas a noção de existencial para Perlmutter é distinta da que pensamos neste trabalho. Para ele, existencial está relacionado ao quadro de referência de alguém, o que o leva a considerar os verbos *aparecer* e *desaparecer*, por exemplo, como verbos existenciais. Para nós, *aparecer* e *desaparecer* imprimem processo, não existência. Como já visto, a existência é expressa por verbos de estado.

Franchi, Negrão e Viotti (1998), que fazem um estudo sobre as construções apresentativas do PB, defendem que essas construções são “orações com verbos ergativos – como *acontecer*, *aparecer*, *existir*, *faltar*, *ir*, *ocorrer*, *sobrar*, *surgir*, *vir* e similares – em que o ‘sujeito’ vem posposto ao verbo, cuja estrutura, no PB, vários

autores assimilam à das CE's,⁹ não inteiramente sem razão” (p. 7, grifos dos autores). Para esses autores, os verbos ergativos, nesse tipo de construções, são tão semelhantes aos existenciais *ter* e *haver* que podem até ser substituídos pelos verbos *ter* ou *haver*. Eles usam como exemplo (39):

- (39) Ultimamente *apareceu* [tem tido] um programa que estava num nível razoável, no domingo, que o ‘Fantástico’, né? (SP, 255)

Como se pode observar no exemplo usado pelos autores, eles consideram que substituir a forma *apareceu* por *tem tido* tem valor semelhante, como se o falante pudesse escolher tanto uma quanto a outra forma sem que houvesse prejuízo no enunciado. Dessa forma, eles ratificam que os apresentacionais não-existenciais têm valor semântico próximo e a mesma função gramatical que os existenciais *ter* e *haver*.

Insistindo na semelhança, os autores defendem que esses verbos – os ergativos –, em certos casos, chegam até a perder a predicação por não estabelecerem um papel temático ao seu argumento, como no exemplo dado por eles em (40)

- (40) [Falando da busca de mão de obra] Então *chega* outra firma e diz assim: ‘Preciso um gerente de produção’. (SP, 360)

Segundo eles, *outra firma* não tem papel temático algum em relação ao verbo *chegar*, que não expressa movimento, como nos exemplos mais comuns desse verbo. Se substituirmos o verbo *chegar* pela palavra *mais*, teremos um sentido ainda equivalente:

- (41) a. [Falando da busca de mão de obra] Então *mais* outra firma diz assim: ‘Preciso um gerente de produção’. (SP, 360)

O verbo *chegar*, na função apresentativa em (41), não expressa o movimento feito pela firma. O verbo é mais um suporte para introduzir a ideia de que “mais uma” firma fez o que parece ter sido comum naquele período.

Outras questões, porém, ainda são apontadas pelos autores quanto à semelhança dos verbos não-existenciais com os existenciais *ter* e *haver*, destacando, dessa vez, a ausência de concordância em algumas ocorrências. Uma outra característica que mostra semelhanças é o fato de as construções com verbos ergativos apresentarem uma “predicação secundária associada ao sujeito posposto, constituída por um sintagma em aposição, por uma oração relativa e por um sintagma preposicionado locativo, ou ainda por uma reduzida de gerúndio ou participio”. (FRANCHI, NEGRÃO E VIOTTI, 2011,

⁹ Construções Existenciais.

p. 8-9) Como exemplos das características acima apresentadas, eles dão, respectivamente:

- (42)
- a. Cooperativa é a melhor solução para enfrentar de uma maneira mais eficiente uma série de problemas, porque aí *vem* a parábola das varas, aquela que um grupo associado tem muito mais resistência. (PA, 235)
 - b. Daqui a pouco o pessoal vai começar a perder prazo, porque *chega* [/tem] um ponto que o acúmulo [de serviço] é muito que o acúmulo é tão grande que não dá tempo da gente [fazer] (SP, 360)
 - c. Como eu disse, eu calculo. *Tem... vem* um montão de coisa diante de mim, passa por mim e continua. (SP, 343)
 - d. [Na estrada] de vez em quando *aparecem* as riscas no chão marcando o início de pista. (BA, 98)

Segundo os autores, esse conjunto de características dos verbos apresentacionais não-existenciais permite que se pense num “tratamento uniforme” desses verbos com as construções existenciais. Temendo que se chegue a generalizações, eles ressaltam a necessidade de se apontarem as diferenças.

A primeira diferença que eles apontam é que o argumento dos verbos apresentacionais não-existenciais corresponde a um argumento temático, ou seja, o verbo predica sobre ele, o que não acontece com as construções existenciais, cujo argumento não sofre predicação do verbo, é apenas apresentado como algo existente no mundo.

Eles defendem que a “confusão” acerca dessa diferença entre as construções existenciais e as não-existenciais

deriva de uma confusão entre ‘predicação’ como relação sintática (Rothstein, 1983; Williams, 1980; entre outros) e ‘predicação’ como relação semântica cujo conteúdo se pode expressar em termos de relações temáticas (Jo Napoli, 1989; Williams, 1995; Franchi, 1997). (FRANCHI, NEGRÃO E VIOTTI, 2011, p. 9)

Como se tomou Dik (1997) como suporte teórico para este trabalho, sobretudo no tocante à predicação, não se pode negar a importância do papel semântico na categorização sintática. Dik, ao colocar o verbo no centro da predicação e entendendo a classificação dos argumentos como dependente da relação que estabelecem com o verbo, deixa claro que a predicação deve ser tomada como uma relação semântica que se estabelece entre o predicador e seus argumentos.

Dessa forma, concorda-se com os autores que defendem predicação associada às relações temáticas. Se se pensar que há uma hierarquia na construção de uma expressão

linguística, a qual começa pela pragmática, passa pela semântica e só depois se concretiza morfossintaticamente, a sintaxe nasce das relações semânticas, ou seja, primeiro são estabelecidas as relações semânticas dos constituintes, para que eles sejam postos em uma ordem e desempenhem seus papéis sintáticos. Na verdade, pode-se pensar numa relação semântico-sintática, uma vez que é difícil separar os dois elementos. O sujeito não é apenas um SN posto antes ou depois do verbo; é o resultado de uma relação semântico-sintática, em que o sentido e a função interagem entre si. Assim, esse SN posto antes ou depois do verbo pode também ser um objeto, dependendo da relação semântico-sintática oriunda da própria natureza do verbo, que define os papéis temáticos de seus argumentos, quando predica sobre eles.

Como já dito aqui, Castilho (2010) separa muito bem o que é predicar do que é apresentar, o que serve para estabelecer mais nitidamente a diferença entre as construções apresentacionais existenciais e as apresentacionais não-existenciais, lembrando que aquelas têm a propriedade única de apresentar como existente o argumento do verbo, ao passo que as últimas têm a função de apresentar e estabelecer um papel semântico ao argumento, visto que o verbo é nocional.

CAPÍTULO III METODOLOGIA

3.1 A CONSTITUIÇÃO DO CÓRPUS

O levantamento dos verbos apresentacionais foi feito em um *cópus* com 48 entrevistas orais, realizadas por pesquisadores do projeto institucional de pesquisa intitulado “Atlas Toponímico da Amazônia Ocidental Brasileira e outros domínios lexicais”, vinculado à Universidade Federal do Acre (UFAC), sob coordenação do Prof. Dr. Alexandre Melo de Souza. As entrevistas foram realizadas no ano de 2011, por um grupo de mestrandos vinculados ao Mestrado em Letras: Linguagem e Identidade.

As entrevistas são constituídas de perguntas que visam provocar no informante liberdade para narrar fatos acerca de sua vida, partindo de suas primeiras lembranças sobre a escola, passando pela infância e adolescência até o estado atual. Embora as entrevistas contem com perguntas pré-elaboradas, muitas vezes os documentadores improvisam, na tentativa de deixar a conversa fluir o mais natural possível, para desinibir o informante e deixá-lo falar o máximo possível.

O *cópus* também é usado para pesquisa sociolinguística e está organizado por idade, gênero e escolaridade. Embora essas variáveis não sejam relevantes para o estudo aqui proposto, esse *cópus* foi selecionado pela característica narrativa das falas, situação que favorece o aparecimento dos verbos apresentacionais. Esse *cópus* se encontra disponível para consulta tanto em versão digital quanto impressa, na sede do grupo CEDAC, no prédio da UFAC, campus Rio Branco.

3.2 CRITÉRIOS DE SELEÇÃO DAS OCORRÊNCIAS

Como o objetivo dessa pesquisa é analisar o estatuto morfossintático, semântico e pragmático dos verbos apresentacionais não-existenciais e do SN posposto, foram selecionados no *cópus* todas as ocorrências de verbos monoargumentais cujo SN era posposto, para que, a partir daí, pudéssemos analisar o estatuto pragmático, semântico e morfossintático dos apresentacionais não-existenciais. Foram excluídas dessa seleção as ocorrências com:

a) verbos de um lugar com SN anteposto – nesse caso, não há configuração de verbos apresentacionais, marcados necessariamente pela ordem V+SN ou V+SP, como em (43):

(43) *Documentador*: Então, Dona Maria, a senhora disse que nasceu no Amazonas e **veio** pra cá criança, né?

Informante: Hanrã.

Documentador: Por que que **seus pais decidiram vir** pra cá, a senhora sabe?

Informante: **Meus pais vieram** pra cá porque eles queriam vim morar mesmo aqui no Acre, né?... que eles moravam no Amazonas. E aí a gente foi pro seringal porque meus irmãos já estavam tudo grande e queriam cortar seringa e pra cá era melhor pra fazer a borracha, né?... trabalhar... [DM-F]

b) verbos de um lugar cujo SN é um argumento na função de sujeito e o qual fosse identificado contextualmente – a ocorrência desse tipo de verbo implicaria uma ordem SV, o que também não configura verbos apresentacionais não-existenciais.

(44) *Documentador*: E os teus pais te cobram para que tu tire notas boas?

Informante: Cobram.

Documentador: Eles te acompanham? Vêm receber o boletim? Vêm pra reunião?

Informante: **Vêm**. [AAS-F]

c) verbos conjugados em outras pessoas que não a terceira pessoa (singular ou plural) – o verbo com concordância com outra pessoa implica a presença de um sujeito, que pode estar oculto, o que implica, por sua vez, a ordem SV, o que não é a estrutura dos apresentacionais. Por isso só foram selecionados verbos conjugados na terceira pessoa.

(45) O Carlinho até hoje mora aqui no bairro... Então no nosso bairro nasceu diversos craques, Gilmar e outros. Os meus irmãos... os meus irmãos jogaram pros clubes daqui... do time. Eu é porque fui embora, **passei uma temporada fora**. Mas eu joguei no rio Branco também... fui... então o que se vê hoje é uma garotada desinteressada pelo esporte. [MJS-F]

Em (45), o verbo *passar*, conjugado na primeira pessoa do singular, identifica que há um sujeito oculto, o qual foi omitido na oração com o verbo *passar*, mas que está expresso na oração anterior, com o verbo *ir*.

A partir desses critérios de seleção, foram levantadas 122 ocorrências para serem analisadas.

3.3 CRITÉRIO DE ANÁLISE DAS OCORRÊNCIAS

A análise das ocorrências foi feita em três partes: análise do estatuto pragmático, análise do estatuto semântico, análise do estatuto morfossintático, como se pode ver detalhadamente no quadro 4.

Quadro 4: Critérios de análise das ocorrências

Crítérios	Aspectos	Categorias
Morfos-sintático	Posição do SN em relação ao verbo	Posposto
		Livre
	Concordância do verbo com o SN posposto	[+CV marcada]
		[-CV marcada]
		[-CV não-marcada]
Semântico	Classificação Semântica do verbo	Ação
		Processo
		Estado
	Papel semântico do SN	Agente
		Processado
		Zero
	Tipo de entidade representada pelo SN posposto	Primeira Ordem
		Segunda Ordem
	Traços semânticos do SN posposto	[+humano]
		[-humano, +animado]
		[-humano, +animado, -concreto]
		[-humano, -animado, -concreto]
	Definitude e especificidade do SN posposto	[+definido, +específico]
		[+definido, -específico]
		[-definido, +específico]
[-definido, -específico]		
Aspecto verbal	Pontual	
	Durativo	
Pragmático	Estatuto informacional do SN posposto	Novíssima Ancorada
		Novíssima Não-ancorada
		Inferível
		Inferível contida
		Evocada Textual
		Evocada Situacional

Fonte: elaborado pelo autor

3.3.1 Critério morfossintático

A análise do critério morfossintático incide sobre a forma da construção apresentacional. Assim, analisamos a categoria do argumento, sua posição em relação ao verbo e a concordância do verbo em relação ao argumento.

3.3.1.1 Representação morfossintática do SN posposto dos verbos em estruturas apresentacionais não-existenciais

O argumento único do verbo apresentacional pode ser expresso por um nome, como em (46a), ou um pronome, como em (46b).

- (46) a. Vivia bem, mais aí depois, *acabou tudo*. [FAOS-M]
 b. *Vem eu e a Sara*.

Em (46a), o argumento de *acabar* é o pronome indefinido *tudo*, ao passo que em (46b), o argumento de *vir* é o pronome pessoal oblíquo *eu* e o substantivo próprio *Sara*.

3.3.1.2 A posição do SN em relação ao verbo

Para investigar com mais precisão o que consideramos verbos apresentacionais prototípicos, estamos submetendo as sentenças à inversão de ordem, para observar com quais verbos a ordem pode ser invertida e com quais fica invariável.

Para analisar esse critério, consideramos duas possibilidades de posição do argumento em relação ao verbo:

a) **argumento posposto com variação da ordem** – nesse grupo, inserimos os verbos cuja inversão do argumento não soa estranha ou agramatical, embora tenha, evidentemente, perdido o estatuto informacional de foco.

b) **argumento apenas posposto** – nesse grupo, inserimos os verbos cuja inversão do argumento resultou em algum prejuízo semântico ou agramatical, considerado como uma estrutura que sofre mudança semântica quando feita a inversão.

Esse teste tem o objetivo de mostrar que alguns verbos, em algumas construções, ocorrem mais em ordem V+SN que outros e que, quando isso acontece, há tendência de

não se poder fazer a inversão da ordem, ou seja, o verbo só aceita a ordem apresentativa.

3.3.1.3 A concordância do verbo em relação ao SN posposto

Esse critério consiste em observar se os verbos das ocorrências concordam ou não com o argumento. A concordância consiste numa relação morfossintática entre o verbo e seus argumentos. Tradicionalmente, os verbos só concordam com seu argumento na função sintática de sujeito. Por isso, já que investigamos o estatuto morfossintático do argumento do verbo, consideramos importante analisar que tipo de concordância há, em que casos há ou não concordância e quais os efeitos da concordância e da não-concordância do verbo em relação ao argumento posposto.

Para isso, separamos os verbos das ocorrências em dois grupos:

a) [+ **concordância não-marcada**] – inserimos nesse grupo as ocorrências em que os verbos não marcam a concordância, ou seja, ocorrem na 3ª pessoa do singular quando trazem o SN também no singular, como em (47):

- (47) *Começou uma reforma* lá, que foi feito um colégio mesmo, todo de madeira, dois pavilhão... [FAOS-H]

b) [+ **concordância marcada**] – inserimos nesse grupo as ocorrências em que os verbos marcam a concordância, ou seja, mesmo trazendo SN posposto no plural, o verbo se mantém na 3ª pessoa do singular, como em (48):

- (48) *Chegou duas canos de... de famílias crente, evangélica*, de Tarauacá que me conhecia e conhecia ele, né? [DM-M]

c) [- **concordância não-marcada**] – inserimos nesse grupo as ocorrências em que os verbos não marcam a concordância, ou seja, quando se flexionam na 3ª pessoa do plural e quando trazem SN no plural, como em (49):

- (49) *Documentador*: Falando do seu bairro... No seu bairro há muitos casos de violência?

Informante: De violência nem tanto; o maior problema lá é a estrutura, saneamento... É... no início, logo que eu mudei... é... **aconteceram muitos roubos** lá, mas com o tempo, foi... foi se construindo muitas casas, novos vizinhos... ficou mais habitado. Aí diminuiu um pouco esse índice de roubos. [MISS-M]

d) [- **concordância marcada**] – nesse grupo, inserimos as ocorrências cujos verbos ocorrem no plural tendo como argumento SN no singular, como em (50):

(50) *(Narrando como se deu sua vinda de um município do interior do Acre para a capital, Rio Branco)*

Documentador: Quantos irmãos o senhor tinha?

Informante: Irmãos?

Documentador: É, na época, era seu pai, sua mãe...

Informante: Na época era.... nós era em *quatro irmão*, na época.

Documentador: *Todos homens?*

Informante: *Todos homens*, aí depois que a minha mãe separou do meu pai. Quando eles separaram, aí ela ficou grávida, mas ela já teve ou outro, meu irmão mais novo... já na rua, já. Já nasceu na rua¹⁰.

Documentador: Eu sei... e aí vocês ficaram... O senhor ficou lá na colônia junto com seus pais, sua mãe... *vieram todo mundo embora* ou o senhor veio sozinho...?

Informante: *Veio todo mundo...*

Documentador: *Todo mundo veio embora* de lá... [ALC-M]

3.3.2 Critério semântico

No critério semântico foram analisados dois aspectos do argumento do verbo: o papel temático e o traço de animacidade, o qual inclui humanidade e concretude. Vejamos cada um dos critérios analisados.

3.3.2.1 O papel semântico do SN posposto dos verbos em estruturas apresentacionais não-existenciais

Sendo coerente com o princípio funcionalista de interação entre a pragmática, a semântica e a morfossintaxe, a análise do papel semântico desempenhado pelo argumento único dos verbos apresentacionais não-existenciais é fundamental para a identificação da sua função morfossintática.

¹⁰ No Acre, usa-se a expressão “ir para a rua” no sentido de sair do campo para ir para a cidade.

Para o estudo dos papéis semânticos – ou temáticos – existe uma considerável quantidade de trabalhos que tentam redefinir a quantidade e a concepção de cada papel. Não é objetivo dessa tese discutir os papéis semânticos, mas apenas identificar qual papel é característico do argumento dos verbos apresentacionais não-existenciais. Para isso, recorreremos a Dik (1997), que, a partir da relação dos constituintes com o verbo, por meio da predicação, estabelece 11 (onze) papéis semânticos: agente, força, processado, posicionador, zero, meta, recipiente, locativo, direção, fonte e referência.

Para esse trabalho interessam, obviamente, apenas os papéis semânticos que podem ser exercidos pelo argumento único do verbo apresentacional não-existencial, não sendo pertinente uma análise dos constituintes que não fazem parte da valência quantitativa monoargumental do verbo. Foram analisados, então, os seguintes papéis:

a) **agente**, entidade controladora de uma ação:

(51) Aí quando... quando a senhora chegou aqui em Rio Branco, *veio a família todinha?* [MCS-F]

b) **processado**, entidade que sofre um processo:

(52) ... porque se quando *morre um, nasce dois*, porque, senão diminui a geração, né? [DM-M]

c) **zero**, entidade estativa, que não sofre um processo nem controla uma ação:

(53) (*Referindo-se a fotos acontecidos na escola onde estudava*)

Bom, aí passou isso aí... *Ficou tudo numa boa*. José Pereira da Silva. [ALA-M]

O papel semântico zero, para Dik (1997), ou estativo, objetivo ou inativo, para outros autores, é o papel do SN posposto dos verbos apresentacionais existenciais, uma vez que esses verbos são de estado. Essa característica é um traço distintivo entre os existenciais e os não-existenciais, que podem ter papéis de agente e de processado.

A análise do papel semântico, neste trabalho, tem a função de verificar se o SN posposto do verbo apresentacional sofre alguma alteração semântica, a partir das análises das ocorrências, principalmente quando for do mesmo verbo. Essa mudança no papel semântico poderá determinar alterações na função sintática do SN posposto.

3.3.2.2 Os traços semânticos do SN posposto de verbos em estruturas apresentacionais: animacidade, humanidade e concretude

Dik (1997) defende que há uma hierarquia nas funções semânticas em relação às funções sintáticas, sendo o agente o papel semântico que ocupa a primeira posição na escala hierárquica. Os traços semânticos que mais caracterizam o papel semântico agente são: animacidade, o qual engloba o traço humanidade e concretude, além de controle. Sendo assim, alguns desses traços semânticos serão analisados no argumento dos verbos apresentacionais não-existenciais, como forma de evidenciar a caracterização do seu estatuto sintático também. Como existe uma relação de hiperonímia entre animacidade, humanidade e concretude, visto que todo ser humano é animado e concreto, mas nem todo ser animado é humano, e nem toda entidade concreta é animada, vamos analisar esses três traços da seguinte forma:

a) [+**humano**¹¹]: o SN representa a figura humana, uma pessoa. Esse traço engloba ao mesmo tempo os traços animado e concreto, pois todos ser humano é animado e concreto, como em (54):

(54) *Documentador*: É. Se reúne a família? Como é que é?

Informante: (pensando) Sabe como que é?

Documentador: É... *Vem tua mãe*, vem... *vem teus primos*? Como é que é?

Informante: *Vem meus primos, minha mãe, meus tios*. [FQ-M]

b) [- **humano**, + **animado**]: o SN representa uma entidade que é animada e também concreta, mas não necessariamente humana, como em (55):

(55) Ontem *apareceu um cachorro* na minha rua bastante machucado. Não tenho condições de cuidar dele. Preciso da sua ajuda¹².

¹¹ Estamos considerando animado o que Borba (1996, p. 33) também considera: “Entenda-se que o traço animado pode ser realizar por um nome de *animal* (A onça esturra); de *pessoa* (O tenor canta); de *instituição humana* (O Brasil canta); de *parte do corpo* (Seus olhos sorriem); de *atributos dos seres* (A inveja não perdoa); de *atividade dos seres* (Seus passos o conduziam a um lugar estranho). [grifos do autor]

¹² Texto retirado da internet, por não haver ocorrências desse tipo no corpús.

b) [- **humano**, - **animado**, +**concreto**]: o SN representa uma entidade que não conjuga os traços de humanidade nem de animacidade, mas pode ser concreto, como em (56):

(56) (*Documentador descrevendo a saúde pública no estado como conclusão do último tópico discursivo, a saúde pública no estado, para introduzir um novo tópico*)

É.. Tem certo momento que tem que fazer cirurgia. Tem um monte de gente... tem gente sem andar... Aí eles falam que chegou o aparelho e ninguém vê nada. E quanto... voltando à política, a saída da Marina na saída do PT pro PV, essas mudanças dela repentina o que a senhora acha? [MSA-F].

3.3.2.3 Tipo de entidade representada pelo SN posposto dos verbos em estruturas apresentacionais não-existenciais

O tipo de entidade diz respeito aos aspectos semânticos do que o substantivo, elemento formador do SN, representa numa sentença. Segundo Camacho; Dall’Aglio-Hattner e Gonçalves (2014, p. 23), baseados em Lyons (1977), há quatro tipos de entidades representadas pelo substantivo que obedecem a uma ordem.

As entidades de *primeira ordem* correspondem a *indivíduos* (pessoas, animais e coisas); as de *segunda ordem*, a *estado de coisas*, (ações, processos, estados e posições); as de *terceira ordem*, a entidades abstratas (crenças, expectativas e julgamentos) e as de *quarta ordem*, aos *atos de fala* (declarações, perguntas e exclamações).

A análise do tipo de entidade representada pelo SN dos apresentacionais não-existenciais é de fundamental importância, sobretudo para compreender o papel que o verbo desempenha ao apresentar o SN. A depender do tipo de entidade, o verbo pode se esvaziar semanticamente e a sentença tornar o SN o núcleo do predicado. Tomemos (57) como exemplo:

(57) Engraçado, que em 91, era meio-dia, *passava **um carro***, cinco minutos *passava **outro***, né? [FAO-M]

Em (57), a entidade é de *primeira ordem*, e corresponde a uma coisa, uma entidade concreta, observável publicamente. Já em (58), o SN é de *segunda ordem*, representa um estado de coisas que ocorre no tempo.

- (58) Eu fui... eu fui tive que fazer uma cirurgia de pedra na vesícula, aí fizeram lá na Fundação. Foi até o Dr. Tadeu, que era diretor lá no hospital, ele mais a equipe dele fizeram a cirurgia em mim... Não foi nem aquela a laser, foi aq... barriga aberta mesmo, e depois que eu voltei pro leito, *passou várias horas*. [SFG-F]

Como podemos observar em (57) e (58), há uma mudança semântica no verbo *passar*. Em (57), *passar* expressa uma ação não necessariamente praticada pelo carro, visto que carro é uma entidade concreta, mas não humana, incapaz de mover-se por vontade e por conta própria. O uso de *passar*, em (58), é metonímico, em que se substitui o condutor pelo veículo, dando a este as propriedades daquele, o que explica o carro ser agente da ação de passar. Em (58), o verbo *passar* já não expressa mais ação, e sim processo, o qual indica a mudança de um estado de coisas, as horas. Neste caso, não se pode inverter a ordem do SN em relação ao verbo, porque o sentido do verbo é, em parte perdido. Embora a estrutura invertida mantenha a gramaticalidade, o sentido todo (verbo + SN) é prejudicado. Isso ocorre porque o verbo não tem mais o mesmo sentido, e a mudança de sentido do verbo causa mudança também na sua estrutura argumental. O SN não é mais o sujeito de *passar*, como em (58), visto que essa mudança do verbo acarreta na mudança do papel semântico do SN, que é um objeto zero.

3.3.2.4 Tipos de referência do SN posposto de verbos em estruturas apresentacionais não-existenciais

Para analisar o tipo de referência do SN posposto, trabalharemos com as categorias de definição e especificidade, distribuídas da seguinte maneira:

a) [+ definido, + específico] – nesse grupo, inseriremos os SNs que apresentam definição e especificidade ao mesmo tempo, como em (59):

- (59) (*Falando sobre seus estudos*)
Documentador: Aí a senhora já tinha dezoito anos, então, quando terminou? Quando parou... aí a senhora resolveu parar?
Informante: Aí quando eu parei, aí fui inventar de casar. Aí pronto, parou tudo.
Documentador: Aí quando... quando a senhora chegou aqui em Rio Branco, ***veio a família todinha?***
Informante: Todo. [MCS-M]

b) [+ definido, - específico]

(60) *Documentador*: É. Se reúne a família? Como é que é?

Informante: (pensando) Sabe como que é?

Documentador: É. Vem tua mãe, vem... vem teus primos? Como é que é?

Informante: Vem **meus primos**, **minha mãe**, **meus tios**. Felipe Queirós

c) [- definido, + específico] – nesse grupo, serão inseridos os SNs que não têm definição, mas são especificados de alguma forma, como em (61):

(61) *Passou **um homem andando de bicicleta**, engraçado*. [MPT-F]

d) [- definido, - específico] – nesse grupo entram as ocorrências cujos SN não são definidos nem específicos, como em (62):

(62) *(Narrando um ato de violência acontecido na sala de aula)*

Tava meu colega lá da sala, o Tiago... aí *chegou **um menino*** e meteu o murro na cara dele. [DLO-F]

3.3.2.5 O aspecto do verbo das estruturas apresentacionais não-existenciais

Nesse critério, buscamos analisar qual é o aspecto mais comum dos verbos das ocorrências. Castilho (2010, p. 417) explica que “o aspecto verbal é uma propriedade da predicação que consiste em representar os graus do desenvolvimento do estado de coisas aí codificado, ou seja, as fases que ele pode compreender”. Assim, o falante tem a possibilidade de, ao construir sua predicação, indicar como o estado de coisas se processa: se dura, se começa e acaba, se se repete etc.

O objetivo desse critério de análise é identificar se os apresentacionais não-existenciais se enquadram no grupo dos monoargumentais inergativos (durativos) ou inacusativos, (pontuais).

Consideramos apenas dois aspectos para enquadrar os verbos apresentacionais, o durativo e o pontual. Por isso, consideramos importante analisar qual é o aspecto dos

apresentacionais, no intuito de investigar qual a relação entre o aspecto e a função apresentativa. Assim, separamos os verbos das ocorrências em dois grupos:

a) **durativo** – nesse grupo inserimos os verbos que nas ocorrências apresentam aspecto durativo, ou seja, verbos que indicam duração do processo de realização do estado de coisas.

(63) Não, sangrava por fora não; só por dentro que furou, entendeu? Aí *tava vazando muito líquido*. [RNS-M]

b) **pontual** – nesse grupo inserimos os verbos que nas ocorrências apresentam pontualidade do aspecto verbal, ou seja, se a informação dada na sentença é expressa como algo ocorrido pontualmente, sem noção de alguma durabilidade.

(64) ... porque se quando *morre um, nasce dois*, porque, senão diminui a geração, né? [DM-M]

3.3.2.6 A classificação semântica do verbo das estruturas apresentacionais não-existenciais

Nesse critério, analisamos a classificação semântica dos verbos das ocorrências, se se enquadravam como verbos de ação, de processo, ou de estado, baseado em Dik (1997) e em Borba (1996). O verbo de ação-processo não foi utilizado na lista de opções de verbos das ocorrências por não corresponder ao tipo de verbo que estamos analisando, que é um verbo de um lugar. Os verbos de ação-processo são verbos que implicam necessariamente dois argumentos, um na condição de agente ou causativo e outro na condição de paciente.

Assim, distribuímos os verbos das ocorrências nos seguintes grupos:

a) **ação** – inserimos nesse grupo os verbos cuja característica semântica denota ação, ou seja, expressa um fazer intencional, marcado pela presença de um sujeito agente, como em (65), trazido novamente para ilustrar.

(65) *Documentador*: E agora na campanha o senhor... *Veio alguém* aqui falar com o senhor que ia asfaltar a rua, algum candidato? [SG-H]

b) **processo** – inserimos nesse grupo os verbos cuja característica semântica denota processo, ou seja, não há um fazer, mas um acontecer, algo que acontece sem

que haja um sujeito causador, mas uma entidade que sofre o resultado desse acontecimento.

- (66) *(Falando sobre a segurança no bairro onde mora)*
Roubo... assim... não tem muito, não. De vez em quando *aparece um roubo*.
[ASL-H]

d) **estado** – inserimos nesse grupo os verbos cuja característica semântica denota estaticidade em relação ao argumento, o qual não sofre nem pratica uma ação, não exercendo o papel semântico de zero para o verbo.

- (67) Não, o salário dele não é. E contando que ele trabalha duas noites e folga dois, então *dá umas dez noites por mês*. Então tá na medida. [MSA-M]

3.3.1 Critério pragmático

No critério pragmático, investigamos o estatuto informacional do argumento dos apresentacionais não-existenciais, com a intenção de identificar se esses verbos apresentam no discurso informação dada ou nova. Como bem aponta Berlink (1997, p. 57), “o estudo da ordem de palavras e, em especial, da posição do sujeito na frase está tradicionalmente ligado à ideia de que há uma correspondência entre o fluxo informacional no discurso e o modo como os constituintes são dispostos na frase”. Nesse critério, utilizamos as noções de *novo* e *dado* desenvolvidas por Prince (1981), que estabeleceu um critério de classificação a partir do que ela chama de “familiaridade presumida”, que consiste em três tipos básicos de informação, *nova*, *inferível* e *evocada*.

Como já exposto no Capítulo I, seção 1.2.1, esses três tipos básicos de informação se subdividem em: *nova* (*novíssima* e *não-usada*, sendo que a *novíssima* se divide em *novíssima ancorada* e *novíssima não-ancorada*), *inferível* (*inferível* e *inferível contida*) e *evocada* (*textual* e *situacional*). Vejamos o exemplo (68):

- (68) *Documentador*: Qual o teu *nome*?
Informante: **Thais de Andrade Farias**.
Documentador: Tu mora aonde?
Informante: É... no Aeroporto Velho.
Documentador: Tu mora com quem?
Informante: Com a minha mãe, *com meus irmãos* e os meus tios.
Documentador: É... *quantos irmãos* tu tem, Thais?

Informante: Dezesseis, mas comigo só moram dois.

Documentador: Quantos?

Informante: Dois.

Documentador: Dois, né?... e qual a idade deles?

Informante: O mais velho tem vinte e um. [DLO-F]

Em (68), quando a informante diz seu nome, podemos dizer que essa informação é do tipo *novíssima ancorada*. É *novíssima* porque é uma informação não oferecida antes pela informante ao seu documentador; é *ancorada* porque responde, ou vincula-se ao sintagma *nome*, dito na pergunta do documentador. Ainda em (68), quando o documentador pergunta quantos irmãos a informante tem, ele parte de uma informação *evocada textual*, pois ela lhe dissera que mora com os irmãos, o que o incita a perguntar a quantidade deles.

Em (70), há exemplo de uma informação do tipo *inferível contida*.

(70) *(Narrando como se deu sua vinda de um município do interior do Acre para a capital, Rio Branco)*

Documentador: Quantos irmãos o senhor tinha?

Informante: Irmãos?

Documentador: É, na época, era seu pai, sua mãe...

Informante: Na época era.... nós era em **quatro irmão**, na época.

Documentador: **Todos homens?**

Informante: **Todos homens**, aí depois que a minha mãe separou do meu pai. Quando eles separaram, aí ela ficou grávida, mas ela já teve ou outro, meu irmão mais novo... já na rua, já. Já nasceu na rua¹³.

Documentador: Eu sei... e aí vocês ficaram... O senhor ficou lá na colônia junto com seus pais, sua mãe... **vieram todo mundo embora** ou o senhor veio sozinho...?

Informante: **Veio todo mundo...**

Documentador: **Todo mundo veio embora** de lá... [ALC-M]

Como podemos perceber em (70), o documentador, ao trazer no discurso uma referência nova (irmãos), leva o informante a falar sobre o tema. Como se nota no trecho, em alguns casos, o informante não só retoma a ideia, como a repete quase que igualmente. No primeiro caso, ele reforça a informação como se tivesse dúvida sobre o que o documentador perguntara. Por isso o informante retoma o léxico *irmãos*, e, ao

¹³ No Acre, usa-se a expressão “ir para a rua” no sentido de sair do campo para ir para a cidade.

prosseguir na entrevista, retoma o léxico *irmão*, dessa vez no singular, antecedido de um quantificador. Isso faz o documentador inferir que todos os irmãos do informante são homens, visto que o informante não usou o feminino para designar os irmãos. A pergunta se são todos homens é uma informação do tipo *inferível contida*, pois é no próprio léxico *irmão* que está a informação inferida pelo documentador.

A análise do estatuto da informação do SN posposto ao verbo apresentacional foi feita com o intuito de confirmar o que já dizem vários autores citados aqui a respeito da função pragmática desses verbos, a de inserir elementos novos no discurso. Tomemos (70) ainda como exemplo: quando o documentador pergunta se “vieram todo mundo embora”, temos um verbo em estrutura V+SN, um apresentacional. No caso em questão, temos uma estrutura apresentacional discursiva, ou seja, uma estrutura que recorre à estrutura apresentacional para focalizar o argumento do verbo. O verbo, porém, pode ser usado depois do argumento, sem que haja prejuízo semântico-sintático na predicação. O verbo *vir* continua expressando a ação praticada pelo sujeito. O verbo *vir*, em (70), é usado para interrogar, o que leva o argumento à função de foco, ganhando destaque na sentença, visto que a ação de *vir* já é sabida, mas se desconhece quem veio. A informação da vinda é, por sua vez, uma informação *evocada contextual*, pois o documentador está entrevistando alguém que não está mais no lugar ao qual se referira, mas na cidade para onde ele foi depois que de lá saiu.

A informação *novíssima não ancorada* ocorre quando, de fato, ela é inserida pela primeira vez no discurso sem, contudo, estabelecer vínculo que lhe dê estatuto de algo previsível, ou parcialmente mencionado, como se pode perceber em (71)

(71) *Documentador*: E sobre o *uso de drogas*, o que tu acha?

Informante: Eu acho que tá demais, o acesso é muito fácil. Se a pessoa não dizer não, mesmo tá complicado.

Documentador: Tá muito fácil, né?

Informante: Toda esquina tu encontra.

Documentador: E lá próximo a tua casa existe uma bocada?

Informante: Ah, sempre tem, né? se prender um vem três. [AS-M]

Em (71), o documentador insere o SN pela primeira vez, mudando, inclusive, de tópico. Nesse caso, o sintagma não vem ancorado a nenhuma ideia que lhe torne presumível pelo ouvinte; ela é, de fato, completamente nova. Em seguida, torna-se evocada, pois é retomada tanto pelo documentador quanto pelo informante.

CAPÍTULO IV

A CARACTERIZAÇÃO DOS VERBOS APRESENTACIONAIS NÃO-EXISTENCIAIS

Como já dito no capítulo anterior, as entrevistas que compõem o corpus foram selecionadas por se constituírem de várias narrativas, gênero que propicia o uso dos verbos apresentacionais, visto que, durante a narração, muitas informações novas são inseridas no discurso, como diversas pesquisas já apontaram (THOMAS, 1969, FRANCHI, NEGRÃO E VIOTTI, 2011; PEZATTI, 2014).

O Quadro 4 apresenta todos os verbos encontrados no cópús na ordem V + SN e o número de ocorrências:

Quadro 5: Lista dos verbos apresentacionais não-existenciais encontrados no cópús

VERBOS	OCORRÊNCIAS
Abrir	2
Acabar	6
Acontecer	14
Aparecer	8
Chegar	23
Começar	4
Dar	15
Demorar	2
Entrar	1
Faltar	1
Morrer	2
Nascer	2
Parar	1
Passar	11
Seguir	1
Surgir	6
Terminar	2
Vir	21
TOTAL	122

Fonte: elaborado pelo autor

Como se pode observar no quadro acima, alguns verbos têm um número de ocorrências bem mais expressivos que outros. Os verbos mais ocorrentes acabam fornecendo um panorama maior das estruturas apresentacionais, pois suas ocorrências

não são do mesmo tipo, variando desde o sentido do verbo e sua estrutura argumental até os traços do SN posposto. Alguns deles, como *chegar*, *passar* e *dar*, evidenciaram comportamentos que chamaram bastante a atenção, não apenas pela quantidade de ocorrências, mas pela configuração das estruturas identificadas.

Como já apontamos nos capítulos anteriores, a construção V+SN é um recurso da língua para focalizar o SN dos verbos apresentacionais. Tendo em vista que nem só os verbos apresentacionais ocorrem nessa ordem, procuramos identificar traços que caracterizem o uso apresentacional a partir dos seus traços morfossintáticos, semânticos e pragmáticos.

Serão apresentados os resultados de cada critério de análise identificado na Metodologia, iniciando-se pelos critérios morfossintáticos, uma vez que a ordem V+SN foi o critério identificador dos dados incluídos no *corpus*. Em seguida, serão discutidos os critérios semânticos e, por fim, a relação entre esses critérios e os critérios pragmáticos. Em cada seção serão analisados esses critérios aplicados tanto ao verbo quanto ao SN. Na sequência, faz-se a discussão a respeito desses resultados.

4.1. CARACTERÍSTICAS MORFOSSINTÁTICAS

Os fatores morfossintáticos associados aos verbos apresentacionais nesta pesquisa dizem respeito à posição do argumento em relação ao verbo, se o argumento só pode ocorrer posposto ao verbo ou se também pode ser colocado antes dele; e à concordância estabelecida entre o verbo e o SN posposto a ele. Primeiramente, tratemos da posição do SN em relação ao verbo.

4.1.1 A posição do SN posposto em relação ao verbo

Os verbos apresentacionais são caracterizados primordialmente por sua ordem V+SN. Um dos questionamentos acerca dessa ordem é até que ponto ela é motivada apenas pela estrutura informacional ou até que ponto a semântica do próprio verbo implica essa ordem.

Sendo assim, ao se analisar a posição do SN em relação ao verbo, investigou-se: a) se a posição do SN poderia ser invertida, ou seja, passar para antes do verbo, sem que houvesse prejuízo semântico-sintático à predicação; b) se a posição do SN não poderia

ser invertida por significar perda semântico-sintática ou resultar em uma estrutura agramatical.

Os resultados das análises mostraram que, das 122 ocorrências, 55% dos SNs (67 em 122 ocorrências) não podem ter a ordem invertida em função de perda de informação semântico-sintática. Por sua vez, 45% dos argumentos podem ser colocados também antes do verbo, sem que haja perda de informação semântico-sintática. Para ilustrar, toma-se (72) como exemplo:

- (72) a. Na frente tem uma árvore grande, um portão principal amarelo. Aí *vem outro corredor e outro portão* e *segue um corredor* e em seguida tem os pavilhões, acima fica a direção da escola, que é área da direção. Tudim: coordenação, secretaria, sala dos professores. [AHOA-M]
- b. É eu... eu... eu quando saí do seringal, eu vim pra... pra... Brasileia, né? Foi da época que *surgiu aquele Mobral*, né? Aí eu disse: “Eu vou ver se estudo.” Aí eu me matriculei. Aí eu fui a primeira noite, né? [MJS-M]

Em (72a), nas duas primeiras ocorrências com os verbos *vir* e *seguir*, em que o informante faz uma descrição da escola onde estudara, os SNs não podem ter a ordem invertida, para que não se perca: a) a função apresentacional de foco do argumento em relação ao verbo; b) o efeito expressivo do argumento cujos traços semânticos podem ser perdidos na inversão; c) o papel semântico do argumento, que é zero. Em (72a), o verbo *vir* tem uso semelhante a um verbo existencial, no mesmo sentido do verbo *ter*, como em *tem um corredor e outro portão*. Na mesma ocorrência, o argumento do verbo *seguir* também tem papel semântico zero, uma vez que, nessa acepção, o verbo, sendo de estado, não seleciona nem um agente nem um paciente. A relação entre o verbo de estado e o seu argumento zero é reforçada pela expressão “em seguida”, usada para introduzir uma outra descrição estática do ambiente expressa pelo verbo existencial *ter*, em “em seguida tem os pavilhões”. O próprio uso que o falante faz da estrutura serve ao seu propósito de descrever algo estático. Não há movimento algum, a imagem que se quer criar é estática. Os verbos *vir* e *seguir* perdem suas propriedades de movimento, visto que nenhum ser animado *vem* ou *segue* algo. Nesse uso, esses verbos se aproximam dos verbos existenciais *ter*, *haver*, *existe*. Mesmo ciente das ressalvas que se pode fazer às substituições como testes para análises semântico-sintáticas, não se pode negar que o informante poderia ter optado por verbos existenciais e dizer que *tem/há/existe outro corredor e outro portão* e que *tem/há/existe um corredor*, mas como

há outras possibilidades na língua para exprimir o mesmo conteúdo acrescentando algum aspecto de nível pragmático, como a ordem em que o falante descreve, como se o fizesse indo em direção a cada parte descrita, o que justifica usar *vir* e não *ter*, *haver* ou *existir*.

Essa constatação, de que alguns verbos não-existenciais se aproximam muito dos existenciais, corrobora os achados de Franchi, Negrão e Viotti (1998). A explicação para essa semelhança reside na descategorização do verbo, que deixa de ser pleno e passa a funcional, como são os existenciais. Essa descategorização, por sua vez, implica a dessemantização do verbo, que perde sua propriedade semântica básica, a dinamicidade. Assim, em construções V+SN, os verbos *vir* e *seguir* podem assumir funções semelhantes às dos verbos existenciais.

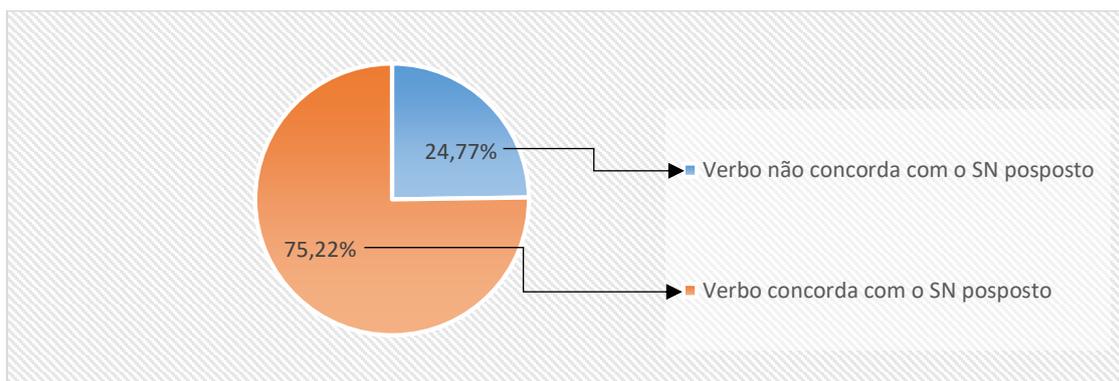
Em (72b), por sua vez, o SN pode mudar de posição em relação ao verbo sem que haja perda semântica ou sintática. Pode-se tanto dizer que *naquela época surgiu aquele Mobra* como *naquela época aquele Mobra surgiu*. A explicação para essa possibilidade de inversão da ordem do SN é que o verbo *surgir* é um verbo de processo e o papel semântico do seu argumento, que em (60b) é um processado, representado por um nome [-animado, -humano, -concreto], não se altera quando a ordem é invertida.

4.1.2 A concordância do verbo em relação ao SN posposto

Em relação à concordância do verbo com o SN posposto, só podemos analisar 109 ocorrências. As 13 outras ocorrências são com o verbo *vir* na 3ª pessoa do presente do indicativo, e como essa forma do verbo *vir* é homônima tanto no singular quanto no plural, só se pôde proceder a análise nos casos em que é possível identificar o comportamento do verbo quanto à concordância.

Os dados mostram que, das 109 ocorrências, 82 delas evidenciam que o verbo tem as mesmas marcas de número que o SN posposto, e 27 mostram que o verbo difere do número expresso pelo SN, como se pode ver no gráfico a seguir:

Gráfico 1
Concordância entre verbo e o SN posposto



Fonte: elaborado pelo autor.

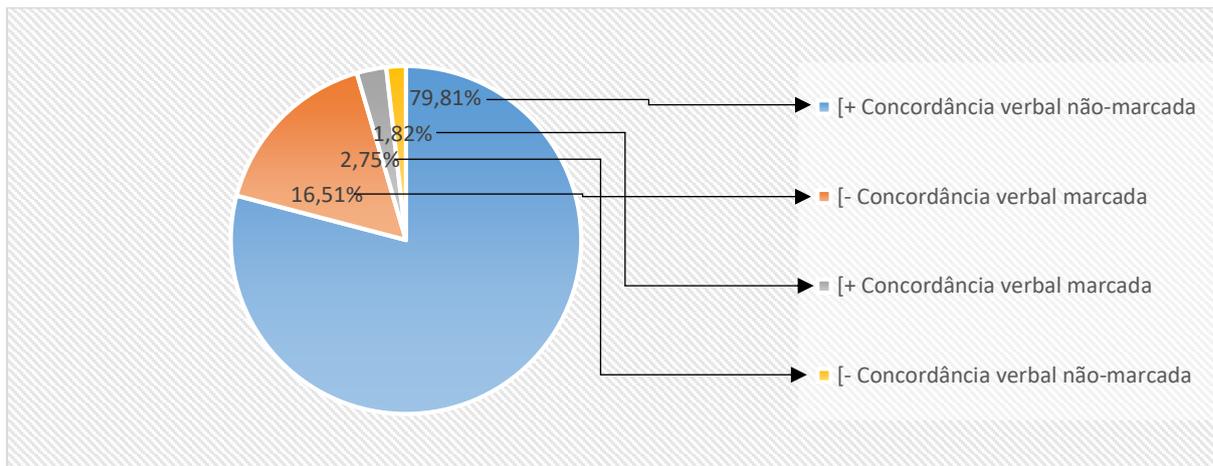
Franchi, Negrão e Viotti (1998) defendem que os verbos apresentacionais não-existenciais tendem a não concordar com o argumento, de modo que aparecem quase sempre na 3ª pessoa do singular, assim como os existenciais *ter* e *haver*. Os resultados acima parecem discordar dos autores. Contudo, é importante observar como se dá essa concordância nas ocorrências.

Embora a maioria das ocorrências indique que há concordância entre o verbo e o SN, é preciso frisar que essa concordância se dá de singular para singular. Por isso, para melhor caracterizar a relação de concordância entre o verbo e o SN posposto, tratamos a concordância a partir da noção de marcação, que consiste em analisar se o verbo evidencia ou não os traços do número do SN. Assim, consideremos se a concordância é [+ ou -marcada] e [+ ou -não-marcada].

No gráfico seguinte, é possível comparar como se comportam os apresentacionais em relação à concordância com os SNs pospostos.

Gráfico 2

Tipo de concordância do verbo em relação ao SN posposto



Fonte: Elaborado pelo autor

Como se pode observar, a maioria das ocorrências apresentam uma relação de concordância entre o verbo e o SN posposto, visto que ela não é marcada. Esse alto índice de concordância se deu entre verbo no singular e SN também no singular. Porém, com verbo no plural, o índice de concordância é menos expressivo, apenas 2,75%, ou seja, 3 ocorrências.

Quando, contudo, verbo e SN posposto apresentam categoria de número diferente, a concordância já não é mais expressiva, pois mesmo ocorrendo apenas 18 casos de 109, eles denotam que o verbo não concorda com o argumento na maioria dos casos quando o SN posposto está no plural e o verbo, no singular.

Desses 20 casos em que o verbo não estabeleceu concordância com o SN posposto, 18 casos são de verbo no singular e SN no plural, ou seja, um total de 90%. Os outros 2 casos de concordância marcada são de verbo no plural e SN no singular.

Portanto, os verbos apresentacionais, segundo os dados, tendem a não concordar com o SN posposto, sendo característica a flexão de 3ª pessoa do singular, tal qual ocorre com os verbos existenciais *ter* e *haver*. A conclusão a que se chega em função da não-concordância do verbo em relação ao argumento é a de que verbo apresentacional não-existencial vai perdendo a relação de estrutura argumental com o SN posposto, como já ocorre com os existenciais. Essa perda do papel argumental do SN ocorre paralelamente ao esvaziamento de sentido, como a que ocorre com o verbo *dar* em (73), em que o verbo não estabelece uma relação de concordância com o SN *sete quilômetros* que, por sua vez, não é percebido como um argumento do verbo, mas como um predicativo.

- (73) De lá de casa pra escola *dá sete quilômetros*... pra ir e é de noite, a aula lá eu não quis ir não. [ARS-F]

O uso de *dar* em (73) já é funcional, e a estrutura em que se encontra é semelhante ao uso do verbo *ser*, como se o falante tivesse dito que de sua casa para a escola *é sete quilômetros*.

4.1.3 Constituição morfossintática do SN posposto

Um último fator morfossintático analisado foi a constituição dos SNs pospostos aos verbos em estruturas apresentacionais não-existenciais. Os resultados encontrados são apresentados na tabela 1 abaixo:

Tabela 1: Constituição do SN posposto dos verbos em estruturas apresentacionais não-existenciais

Constituição do SN posposto		Nº	%
Determinante + Substantivo	Artigo definido	43	35,25%
	Artigo indefinido	14	11,48%
	Pronome possessivo	3	2,46%
	Pronome demonstrativo	11	9,01%
	Pronome indefinido	15	12,29%
	Artigo + Pronome possessivo + Substantivo	2	1,64%
	Artigo + Pronome indefinido + Substantivo	1	0,82%
	Subtotal	87	72,87%
Quantificador + Substantivo		23	18,86%
Substantivo		9	7,37%
Pronome pessoal		1	0,82%
TOTAL		122	100%

Fonte: elaborado pelo autor

Como se pode observar na tabela 8, a maioria das ocorrências são constituídas de determinante + substantivo (72,87%), e nesse grupo a constituição mais comum é de artigo definido + substantivo. Em (74) há exemplos desse tipo de constituição:

- (74) A informação tá difundida pra todo mundo, então, *vem a modernidade*, *vem as facilidade*, mas *vem as mazelas* junto. E essa é uma como a pedofilia pela internet, como outros que ainda vão surgir, né, por aí. [AA-H]

Isso mostra que o SN posposto das estruturas apresentacionais tende a fazer referência definida.

Além da constituição de *artigo definido + substantivo*, chama a atenção a quantidade significativa de SN constituído de *quantificador + substantivo* (18,85%). Esses casos ocorrem em construções cujo sintagma tem noção de tempo, sendo o quantificador a quantidade do tempo expresso, como em (75), já mostrado antes, e trazido aqui para reanálise:

- (75) Tá entendendo? Então as pessoas estão esquecendo disso, e realmente existe na política uma coisa de questão de esquecimento, *passa três anos pra trás*, o Joãozinho-não-sei-das-quantas foi preso por que roubou, matou e estuprou; três anos depois, ele se candidata de novo e ganha. Então é um problema sério, tem um esquecimento grave. [ESN-H]

Em (75), o quantificador *três* expressa a quantidade de tempo passado, o que serve para o falante situar o ouvinte a respeito dos fatos narrados. A passagem do tempo é expressa pelo conjunto V+SN, pois o verbo *passar* carrega em si a ideia de passagem. É significativa a quantidade de ocorrências com *quantificador + substantivo* alusivo a tempo com o verbo *passar*, indicando, como em (75), passagem de tempo.

4.2 CARACTERÍSTICAS SEMÂNTICAS

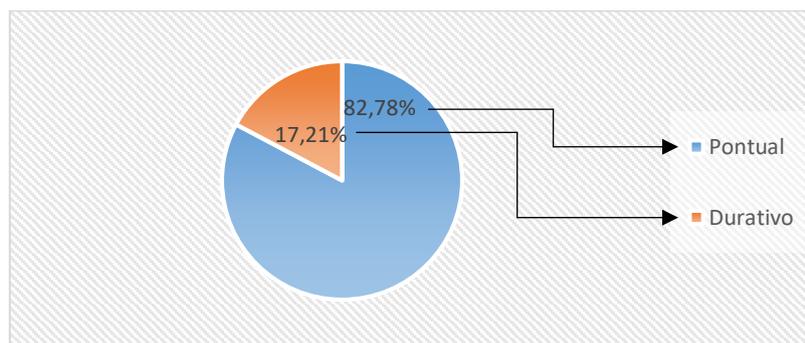
Para melhor entender a relação entre o verbo e o SN nas estruturas apresentacionais não-existenciais, foram analisados, ainda, alguns fatores relacionados à semântica do verbo e do SN

4.2.1 O aspecto do verbo das estruturas apresentacionais não-existenciais

Como já apontado no capítulo anterior, a análise do aspecto verbal busca identificar se os verbos em estruturas apresentacionais se enquadram no grupo dos monoargumentais inergativos ou inacusativos, partindo do princípio de que os primeiros são durativos e os últimos, pontuais.

Os resultados apontam que, dos 122 verbos em estruturas apresentacionais encontrados no corpus, a maioria das ocorrências (101 – 82,78%) são de verbos pontuais, como se pode ver no gráfico.

Gráfico 3: Dados sobre o aspecto dos verbos apresentacionais não-existenciais



Fonte: elaborado pelo autor

Os exemplos a seguir ilustram o aspecto dos verbos apresentacionais não-existenciais identificados no córpus:

- (76) a. Engraçado, que em 91, era meio-dia, *passava **um carro***, cinco minutos *passava **outro***, né? [FAO-M]
- b. É eu... eu... eu quando saí do seringal, eu vim pra... pra... Brasileira, né? Foi da época que *surgiu **aquele Mobral***, né? Aí eu disse: “Eu vou ver se estudo.” Aí eu me matriculei. Aí eu fui a primeira noite, né? [MJS-M]

Em (76a), temos um exemplo de verbo de aspecto durativo, que não precisa o momento final da ação expressa pelo verbo; em (76b), temos o exemplo de verbo cujo aspecto é pontual, visto expressa o início e o fim da ação sem considerar o período entre uma fase e a outra.

Ciríaco e Cançado (2004, 2009), Rosenbachová (2009), Silva e Farias (2011), Silva e Miara (2014), Rech (2016), Trindade (2017), entre outros, defendem que os verbos apresentacionais expressam o aspecto pontual porque são inacusativos. Ciríaco e Cançado (2004), num estudo em que tentam estabelecer um protótipo de verbo inacusativo, propõem uma série de testes para mostrar como se caracterizam esses verbos, concluindo que a pontualidade é marca dos inacusativos, ao passo que a duração é marca dos inergativos. Os testes são os seguintes: rede temática (análise dos papéis desencadeador e afetado); o aspecto do verbo (acréscimo da expressão “15 minutos” para testar a duração do verbo); testes sintáticos (posposição do sujeito, indeterminação do sujeito, particípio absoluto). Os testes feitos pelas autoras a levaram à conclusão de que há verbos que têm características prototípicas tanto como inacusativo quanto inergativos. Dentre os verbos identificados pelas autoras que se enquadram como

inacusativos estão 6 verbos que também foram identificados no *córpus* analisado nesta tese, *aparecer, surgir, morrer, acontecer, chegar e nascer*.

Os resultados apresentados pelas autoras corroboram com os resultados das análises feita no nosso *córpus*, o que evidenciam que a pontualidade é característica também dos apresentacionais, o que os coloca no grupo dos inacusativos. Contudo, nem todos os verbos identificados como apresentacionais são pontuais. O verbo *vir*, por exemplo, parece constituir uma exceção desse grupo, como se pode observar em (77), pois o seu aspecto é durativo e não pontual.

- (77) A rede estava toda rasgada... um dia meu amigo ia morrendo... ele puxou a trave e a trava ia caindo em cima da cabeça dele. *Aí veio um homem correndo e segurou...* Deu sorte ele. [ILB-H]

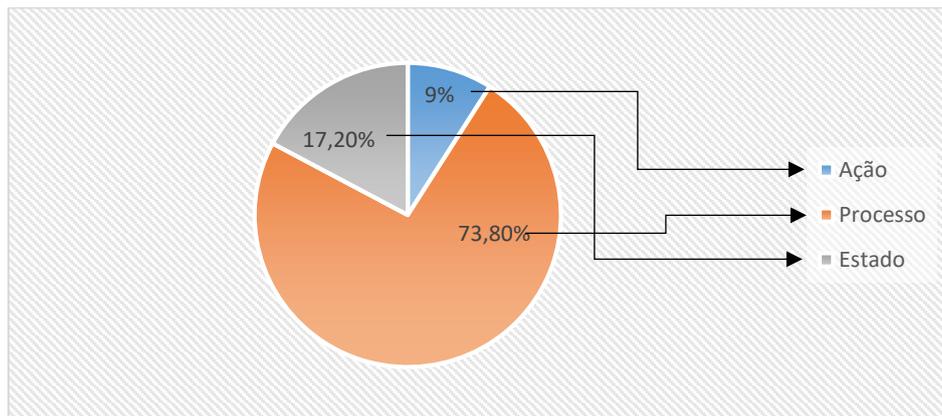
Dessa forma, não podemos dizer que os verbos apresentacionais não-existenciais são todos inacusativos, mas a maioria deles se comportam mais como inacusativos do que como inergativos.

Tendo em vista que o SN dos verbos inacusativos também apresentam características específicas no que diz respeito às suas propriedades semânticas, investigamos, nos próximos itens, como se caracterizam os verbos apresentacionais pontuais com relação aos traços de concretude, humanicidade, animacidade e papel semântico.

4.2.2 A classificação semântica dos verbos em estruturas apresentacionais não-existenciais

Quanto à classificação semântica do verbo apresentacional, por ser monoargumental, ele pode ser *de ação, processo* ou *estado*. Os resultados apontam que a maioria das ocorrências (97 de 122) são de verbos *de processo*, conforme se pode conferir no gráfico 4:

Gráfico 4:
Classificação semântica dos verbos em estruturas apresentacionais não-existenciais



Fonte: elaborado pelo autor

Para ilustrar os tipos de verbo e o SN posposto a eles em situação de uso, vejamos algumas ocorrências encontradas no *cópus* em (78):

- (78) a. *(Falando sobre seus estudos)*
Documentador: Aí a senhora já tinha dezoito anos, então, quando terminou? Quando parou... aí a senhora resolveu parar?
Informante: Aí quando eu parei, aí fui inventar de casar. Aí pronto, parou tudo.
Documentador: Aí quando... quando a senhora chegou aqui em Rio Branco, **veio a família todinha?**
Informante: Todo. [MCS-M]
- b. *(O entrevistador perguntando sobre o efeito dos remédios, depois de a entrevistada narrar alguns problemas de saúde graves)*
Documentador: Aí a senhora tomava os remédios e **passava as crises?**
Informante: É, melhorava... Tomei muito remédio caseiro e da farmácia também, mas só Jesus mesmo que me curou e até hoje. [FNL-F]
- c. *(Explicando a distância da escola até sua casa)*
 De lá de casa pra escola **dá sete quilômetros...** pra ir e é de noite, a aula lá eu não quis ir não. [ARS-M].

Em (78a), o verbo *vir* é verbo de ação, pois denota a ação praticada pelo sujeito agente, o argumento *a família todinha*; em (78b), o verbo *passar* é verbo de processo, visto que expressa um processo ocorrido (a cura) com o SN, *as crises*; em (78c), o verbo *dar* é verbo de estado, uma vez que não expressa ação praticada nem processo sofrido, mas apenas apresenta algo que é estático. Nesse caso, o verbo tem uso

semelhante ao verbo *ser* na indicação de medida, como se pode observar na substituição em (78c.a):

- (78) c. a. De lá de casa pra escola *são é quilômetros...* pra ir e é de noite, a aula lá eu não quis ir não. [ARS-M].

Cruzando-se a possibilidade de ordem variável ou fixa do SN com o tipo semântico do verbo, obtém-se um resultado bastante interessante, conforme se vê na tabela 2:

Tabela 2: Classificação semântica dos verbos em relação à possibilidade de anteposição do SN

Tipo de verbo	Posição do SN				Total	
	Livre		Restrita			
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Ação	11	100%	0	-	11	9%
Processo	44	80%	46	68,6%	90	73,2%
Estado	0	-	21	31,4%	21	17,2%
TOTAL	55	45%	67	55%	122	100%

Fonte: elaborado pelo autor

Observa-se que as construções com verbos de estado não aceitam a colocação do SN anteposto ao verbo, sendo, assim, uma característica das construções apresentacionais com ordem fixa, como ocorre em (79):

- (79) (*Explicando como é o salário e o regime de trabalho do companheiro*)
 Não, o salário dele não é... é contando que ele trabalha duas noites e folga duas... Então *dá umas dez noites por mês...* então tá na medida. [MAS-F]

Em (79), o verbo *dar* serve apenas como um apresentador da quantidade de noites que o companheiro trabalha durante o mês. Não se pode dizer que o SN *umas dez noites por mês* sofra ou pratique a ação. A ideia de transferência de posse executada por um sujeito atende, característica do verbo *dar* de valência 3, não vigora nesse uso.

A inexistência de verbos de ação em construções apresentacionais com ordem fixa e a identificação de 73,8% dos verbos apresentacionais não-existenciais como verbos de *processo* e de 9% como verbos *de estado* evidencia uma característica importante do verbo apresentacional não-existencial: a inatividade do argumento em relação à

predicação do verbo. A visão de Franchi, Negrão e Viotti (1998), de que os verbos ergativos, quando usados em estruturas apresentacionais, perdem gradualmente seu papel predador, aproximando-se dos verbos existenciais, ganha reforço quando se analisa a classificação semântica dos verbos apresentacionais não-existenciais.

A inatividade do argumento do verbo apresentacional também foi caracterizada pela análise dos traços semânticos do núcleo do SN posposto, como se verá no próximo item.

4.2.3 Os traços semânticos do SN posposto dos verbos em estruturas apresentacionais não-existenciais

Para caracterizar o SN posposto dos apresentacionais, analisaram-se nas ocorrências três traços semânticos: animacidade, humanidade e concretude. Esses traços mostram-se relevantes para a análise do papel semântico e da função sintática que o SN desempenha.

A investigação dos dados das 122 ocorrências mostrou os seguintes resultados:

Tabela 3: Traços semânticos dos SN dos verbos em estruturas apresentacionais não-existenciais

Traços	Categorias	Nº	%
Animacidade	[+humano]	30	24,59%
	[-humano, +animado]	0	-
	[-humano, - animado, +concreto]	16	13,11%
	[-humano, -animado, -concreto]	76	62,29%

Fonte: elaborada pelo autor

Como se pode observar, a maioria dos SNs apresenta os traços [-humano, -animado, -concreto], correspondendo a entidades de segunda ordem, nos termos de Lyons (1979). O traço de humanidade identifica entidades que são observáveis no mundo, que têm independência em relação a outras entidades, porque são concretas. Isso quer dizer que essas entidades são também automaticamente [+animadas, +concretas]. Em (80a), temos exemplo de SN com esses traços semânticos; e em (80b) um exemplo de SN com traço semântico [-concreto, que, por sua vez, implica os traços [-humano, +animado]:

- (80) a. Agora se *chega uma pessoa* e pede ajuda a elas ali tudo bem, pronto... de óculo, sapatão, cabelo bem cheio de coisa, aí ela sai dali e vai. As pessoas têm reclamado bastante. E a gente fica esperando de pé, porque a gente não sabe teclar e tem que precisar deles. E aí tem que ficar humilhado... esperando. [DM-F]
- b. Aí o menino pegou e deu um murro no Garde, na hora do recreio... Aí o Garde disse que ia pegar ele na saída. Aí *chegou a hora da saída*, ele pegou o menino... deu uma pisa no menino. [ELCS-F]

Em (80a), o SN *uma pessoa* faz referência a um ser [+humano], o que implica também em ser [+animado, +concreto]. Embora esse SN possua os três traços, isso não significa que as entidades animadas e concretas sempre terão os outros o traço de humanidade, pois há entidade concretas que não são animadas e, conseqüentemente, humanas, como os objetos, por exemplo. Em (80b), o SN *a hora da saída* corresponde a uma entidade abstrata, de segunda ordem, segundo Lyons (1979). Nesse caso, o SN corresponde a um estado de coisas que descreve uma noção de tempo. Essa entidade tem traços semânticos [-humano, -animado, -concreto], e figura a maioria do tipo de entidades identificadas no córpus, pois, como se pode notar, a maioria das ocorrências (62,29%, equivalente a 76 ocorrências) correspondem a argumentos com traço [-humano, -animado, -concreto]. Devemos lembrar que inanimado é tudo aquilo que não possui as propriedades típicas dos seres vivos, ou seja, não são capazes de agir por vontade própria e com controle.

As ocorrências abaixo ilustram verbos apresentacionais com argumento [+humano], em (81a), [-humano, -animado], em (81b), e [-humano, -animado, +concreto], (81c):

- (81) a. *Documentador*: É. Se reúne a família? Como é que é?
Informante: (pensando) Sabe como que é?
Documentador: É. *vem tua mãe*, vem... vem teus primos? Como é que é?
Informante: *Vem meus primos, minha mãe, meus tios*. [FQ-M]
- b. (*O documentador perguntando sobre o efeito dos remédios, depois de a informante narrar alguns problemas de saúde graves*)
Documentador: Aí a senhora tomava os remédios e *passava as crises*?
Informante: É, melhorava... Tomei muito remédio caseiro e da farmácia também, mas só Jesus mesmo que me curou e até hoje. [FNL-F]
- c. Foi lá em Tarauacá. E aí quando deu 8h da noite, o médico chegou, foi. *Chegou duas canoa de... de famílias crente, evangélica de Tarauacá que*

me conhecia e conhecia ele, né? E foi seis hora, chegou o vizinho... Aí foi que anunciado às pessoas que estava lá o meu esposo. E aí o médico veio buscar, as pessoas do médico... veio canoa para levar ele para Tarauacá. E o médico fez todo exame e disse que tinha sido do coração... que a veia estourou e ele caiu. Ele não via morte. Graças a Deus! Foi sepultado lá em Tarauacá mesmo. E lá eu passei mais ainda uns três anos... três... cinco anos. Foi que eu vim pra cá. [MRA-F]

Em (81a), os SNs *tua mãe*, *meus primos* e *meus tios* têm traços semânticos [+humano], ao passo que o SN *as crises*, expresso em (81b), por corresponder a um estado de coisas, não pode ser compreendido como tendo traço [-humano, -animado]; já em (81c), o SN representa uma entidade cujos traços são [-humano, -animado, +concreto].

Cruzando os traços de animacidade do núcleo dos SNs dos verbos apresentacionais não-existenciais com a sua posição em relação ao verbo, obtém-se os seguintes resultados, expressos na tabela 4:

Tabela 4: Caracterização semântica do SN posposto ao verbo em estruturas apresentacionais

Critérios	categorias	Ordem do SN em relação ao verbo				Total
		Livre 68 ocorrências		Restrita 54 ocorrências		
Traços Semânticos	[+humano]	25	36,76%	5	9,25%	122
	[-humano, +animado]	0	-	0	-	
	[-humano, -animado, +concreto]	12	17,64%	4	7,40%	
	[-humano, -animado, -concreto]	31	45,58%	45	83,33%	

Fonte: elaborado pelo autor

Como se pode ver na tabela 4, os números indicam uma predominância dos SNs [-humano, -animado, -concreto] tanto nas estruturas em que a posição do SN pode ser livre quanto nas estruturas com ordem fixa, ainda que nessas últimas essa característica seja ainda mais marcante.

Isso mostra que, quando se constrói uma estrutura apresentacional usando um verbo que também tem uso não-apresentacional, a tendência é o verbo estabelecer relação com um SN que possui as características acima identificadas. O SN não tem poder sobre o verbo, porque não é ele que solicita o verbo, mas o contrário, ainda que o verbo seja funcional. Neste caso, diz-se que a predicação se centra no SN por questões

semânticas, visto que é o SN que contém a parte significativa da predicação. Mas o SN não deixa de manter relação de seleção de restrição com o verbo, já que a construção precisa ser coerente em relação ao sentido do verbo e os traços semânticos do SN.

4.2.4 Tipo de entidade representada pelo SN posposto dos verbos em estruturas apresentacionais não-existenciais

O SN posposto aos verbos em estruturas apresentacionais tem valor substantivo, o que implica dizer que o seu núcleo pode ser uma entidades de três ordens, segundo Lyons (1979): *primeira ordem* (indivíduos), *segunda ordem* (estado de coisas) ou *terceira ordem* (entidades abstratas), conforme os tipo de entidade que representa.

Analisando as ocorrências encontradas no cópuz, chegou-se ao seguinte resultado, quanto ao tipo de entidade representada pelo SN posposto dos verbos em estruturas apresentacionais não-existenciais:

Tabela 5: Resultados da análise do tipo de entidade representada pelo SN posposto do verbo em estruturas apresentacionais não-existenciais

Ordem	Nº	%
1ª Ordem (Indivíduos)	49	40%
2ª Ordem (Estado de coisas)	73	60%
Total	122	100%

Fonte: elaborado pelo autor

Os resultados mostram que as estruturas apresentacionais inserem no discurso, preferencialmente, entidades de 2ª ordem, ou seja, estados de coisas. Isso é extremamente revelador quanto ao estudo dos apresentacionais, porque denota um comportamento peculiar. Não foram encontrados verbos apresentacionais com entidades de 3ª ordem. Vejamos algumas ocorrências com os tipos de entidades em (83):

- (83) a. (*Narrando um ato de violência acontecido na sala de aula*)
Tava meu colega lá da sala, o Tiago... aí *chegou um menino* e meteu o murro na cara dele. [DLO-F]

- b. *(Descrevendo a escola onde estudou quando jovem)*
Na frente tem uma árvore grande, um portão principal amarelo. Aí vem outro corredor e outro portão e *segue um corredor* e sem seguida tem os pavilhões; acima fica a direção da escola, que é área da direção. Tudinho: coordenação, secretaria, sala dos professores. Mais abaixo fica os pavilhões e mais à frente, a quadra. Isso que eu lembro da escola. [AHOA-F]
- c. *(Falando sobre a segurança no bairro onde mora)*
Não, não... por ser um bairro, digamos que de classe média, *acontece muitos assaltos*. [RS-M]
- d. *Documentador*: Eu gostaria que você nos relatasse como é que *se deu o início da tua escolarização*, qual foi a escola que você iniciou, como é que foi a interação sua com seus colegas, se você sofreu algum tipo de bullying, alguma coisa que te traumatizou... Como era a interação sua com os professores, se teve algum caso que marcou esse período... Aí você vai contando para nós essa evolução tua até chegar no ensino médio. [JPPM-M]
- e. *Documentador*: O que tu acha da educação?
Informante: Não sei se melhorou, por que nas públicas ainda o ensino é fraco. Os particulares são melhores.
Documentador: Tu acha que *existe essas diferenças*?
Informante: Existe na particular. Eu acho que é melhor, até por que tem mais recursos, o ambiente é melhor.

Em (83) temos exemplos dos tipos de entidades encontradas no *córpus*: em (83a), entidade de 1ª ordem, indivíduo pessoa; em (83b), entidade de 1ª ordem, indivíduo coisa; em (83c), entidade de 2ª ordem, estado de coisa, ação; em (83d), entidade de 2ª ordem, estado de coisa, processo; e em (83e), entidade de 2ª ordem, estado de coisa, estado.

O fato de os SNs únicos dos verbos apresentacionais indicarem eles próprios um estado de coisas é mais um argumento a favor do esvaziamento semântico desses verbos, que passam a ter uma função de suporte desses estados de coisas. Isso também serve para explicar a função apresentativa desses verbos e a aproximação dos não-existenciais com os existenciais.

Mas a relevância desses resultados serve sobretudo para explicar as construções temporais introduzidas por verbos apresentacionais, principalmente os verbos *dar*, *passar* e *chegar*. Esses verbos aparecem no *córpus* em ocorrências semelhantes, com SN que denota tempo em orações subordinadas adverbiais. Assim, esses verbos

expressam o processo temporal de uma ação ou de um acontecimento, como se pode ver em (84):

- (84) a. Foi lá em Tarauacá. E aí quando *deu oito hora da noite* o médico chegou, foi... chegou duas canoa de... de famílias crente, evangélica de Tarauacá que mi conhecia e conhecia ele, né? E foi seis hora... chegou o vizinho... aí foi que ele foi anunciado às pessoas que estava lá o meu esposo. E aí o médico veio buscar, as pessoas do médico, veio canoa e levar ele pra Tarauacá. [DN-F]
- b. (*Narrando episódio da série Sobrenatural, a qual acompanha*)
Eu gostei do que o Dean, irmão do outro lá, morreu e foi pro inferno. Aí *passou uns quatro meses*... aí voltou. Foi um anjo que tirou ele de lá. Aí ele voltou sem saber das coisa, e tá de novo a casada junto com irmão dele na casada. [AR-M]
- c. (*Narrando como era sua vida na infância*)
Então, era mernozinha e ficava... assim... “Ah, quando eu vou começar a estudar?”... e ficava querendo... aí... até que *chegou o dia*, né? Aí eu fui e quando eu cheguei lá, achei tudo... assim... totalmente diferente daquilo que eu imaginava. [CGM-F]

Em (84a), o verbo *dar* exprime o momento em que as horas se completam, no caso, às 8 horas. Partindo do pressuposto de que, num período composto, o verbo da oração nuclear é mais relevante que o verbo da subordinada, no sentido de que ele é quem carrega a informação principal e que a oração subordinada é um satélite, ou seja, uma extensão da principal, o verbo *dar* parece ser menos relevante ainda, na perspectiva de que ele é apenas o suporte que apresenta a circunstância, ou seja, a hora do acontecimento. Poder-se-ia dizer:

- (84) a. a. Foi lá em Tarauacá. *Era oito hora da noite* quando o médico chegou...

A escolha do falante, porém, revela que o verbo *dar* na construção (84a) tem uma função que não tem o verbo *ser*, embora as construções pareçam sinônimas: o verbo *dar* exprime o momento exato do evento e um momento anterior ao evento, fazendo com que o ouvinte considere fatos ocorridos antes da chegada do médico ou antes das oito horas, para mostrar que a demora da chegada do médico tem relevância nos fatos narrados. O verbo *dar* também imprime no discurso a demora da chegada do médico. *Dar tantas horas* significa que houve uma espera até o momento, porque o verbo *dar* culmina no momento do evento esperado, denotando o quão pareceu longa a espera.

Em (84b), o verbo *passar* exprime a quantidade de tempo decorrido de uma ação (ida de Dean para o inferno até sua volta). Assim como o verbo *dar*, o verbo *passar* exprime passagem de tempo, mas numa outra perspectiva: *passar* enfatiza a quantidade do intervalo de tempo passado. Enquanto *deu 8 horas* toma como ponto de partida os últimos eventos e daí se deve concluir a quantidade de horas passadas, o verbo *dar*, em (84b), quantifica o período de tempo passado. A oração *passou uns quatro meses* é correspondente de *quatro meses depois*. Mas, como em (84a), o falante opta por dizer algo além disso, de denotar uma passagem de tempo associada a eventos anteriores, que, na narrativa são importantes. Dessa forma, o verbo *passar* constrói a estrutura que, ao mesmo tempo em que indica a passagem do tempo, exprime a relevância dos fatos anteriores ligados a outros.

Em (84c), o verbo *chegar* exprime o momento de um evento ocorrido, no caso, o primeiro dia de aula. Embora o SN não tenha um quantificador como em (84a) e (84b), não se pode negar que *o dia* corresponde a uma noção de tempo. Assim como *dar* e *passar*, o verbo *chegar* também considera que até o momento marcado pelo SN posposto há fatos a se considerarem. Só *chegou o dia* porque havia uma espera por ele. Mas, diferente de *dar* e *passar*, o verbo *chegar* apresenta um tempo não tão definido ou marcado quantitativamente.

A conclusão a que se chega sobre esses três verbos em estruturas apresentacionais é a de que a principal função deles nessas construções é a de trazer informações aspectuais, indicando a duração ou as fases do estado-de-coisas representado pelo SN. Enquanto *dar* e *passar* imprimem passagem de tempo mais precisa, *chegar* expressa noção mais geral de tempo, não marcado por quantificadores. Por isso, o verbo *chegar* é usado para marcar um tempo que é maior, como as festividades, que têm duração maior.

O Quadro 6, abaixo, mostra os tipos de construção apresentacional que ocorreram no corpus com SN indicando noções temporais:

Quadro 6: Construções apresentacionais não-existenciais de SN com noções temporais

Verbos	V+SN
Chegar	Chegou <i>o primeiro dia</i>
	Chegou <i>o dia</i> (2 ocorrências)
	Chega <i>a hora</i> (2 ocorrências)
	chegou <i>a vez dela</i>
	chegou <i>a época</i>
	Chegou <i>o Natal</i>
	Chegou <i>a idade</i>
Dar	Deu-se <i>o início</i>
	Deu <i>um, dois anos mais ou menos</i>
	Dá <i>a noite</i>
	Dá <i>uns três meses</i>
Passar	Passava <i>mais três anos</i>
	Passou <i>um pouco</i> (tempo)
	Passou <i>várias horas</i>
	Passou <i>um mês, dois meses</i>
	Passou <i>três anos pra trás</i>
	Tinha passado <i>só uns vinte minutos</i>
Começar	Começou <i>o ano</i>
	Começou <i>a vida escolar</i>
Demorar	Demorou <i>muito tempo</i>
	Demorou <i>três anos</i>
Acabar	Acabou <i>o ano</i>
	Acaba <i>um nosso tempo</i>
	Acaba <i>o meu horário</i>

Fonte: elaborado pelo autor

4.3 CARACTERÍSTICAS PRAGMÁTICAS

4.3.1 Estatuto informacional do SN dos verbos em estruturas apresentacionais não-existenciais

Nesse item, será analisado o estatuto informacional do SN posposto dos verbos em estruturas apresentacionais não-existenciais, com base na classificação proposta por Prince (1981) que, considerando a familiaridade presumida, identifica três tipos principais de informação no discurso, a *novíssima*, a *inferível* e a *evocada*, subdivididos em categorias mais específicas, conforme foi mostrado no capítulo 3, item 3.3.1. A Tabela 6 traz os resultados obtidos no corpus:

Tabela 6: Estatuto informacional do SN posposto dos verbos em estruturas apresentacionais

Estatuto da informação	Categorias	Nº	%	Total
Novíssima	Ancorada	3	2,45%	41,8%
	Não-Ancorada	48	39,35%	
Inferível	Inferível	6	4,92%	5,73%
	Inferível Contida	1	0,81%	
Evocada	Textual	46	37,71%	52,47%
	Situacional	18	14,76%	
TOTAL		122	100%	100%

Fonte: elaborado pelo autor

O argumento do verbo é também um indicador das intenções pragmáticas do falante, não apenas do ponto de vista da escolha do sintagma, mas também pela ordem em que ocorre na sentença. Considerando-se a ordem SVO como uma combinação que caracteriza o português, tem-se uma ordem não marcada para o sujeito e o objeto em relação ao verbo.

A alteração dessa ordem não marcada pode ser feita por razões pragmáticas, quando se pretende topicalizar o objeto, colocando-o na ordem OVS. Os verbos apresentacionais não-existenciais, no entanto, são verbos de um lugar, e a análise da função pragmática do seu SN posposto passa necessariamente pela análise do seu papel sintático e semântico também. Castilho (2010) observa que, ao se analisar o estatuto sintático do argumento dos verbos apresentacionais, é necessário não fazê-lo pensando no padrão de ordem SVO, visto que o verbo em questão não é dessa natureza, ou seja, para analisar o verbo apresentacional, é preciso considerar a sua natureza monoargumental.

No corpús, foram encontradas ocorrências de seis tipos de estatuto informacional do SN posposto dos verbos em estruturas apresentacionais: *novíssima ancorada*, *novíssima não-ancorada*, *inferível*, *inferível contida*, *evocada textual* e *evocada situacional*, como exemplificam, respectivamente, de (85a) a (85f):

- (85) a. (*Narrando um romance que estava lendo*)
 ... Uma criança que não tinha... não tinha muito recuso, e o pai dele faleceu e a mãe dele ficou com as crianças e não tinha condição, e um dia *apareceu um cego* e pediu que ele fosse ser guia dele. [DES-M]

- b. A informação tá difundida pra todo mundo, então, *vem a modernidade*, vem as facilidades, mas vem as mazelas junto. E essa é uma como a pedofilia pela internet, como outros que ainda vão surgir, né, por aí. [AA-M]
- c. *Documentador*: É. Se reúne a família? Como é que é?
Informante: (pensando) Sabe como que é?
Documentador: É. *Vem tua mãe*, vem... *vem teus primos*? Como é que é?
Informante: Vem meus primus, minha mãe, meus tios. [FQ-M]
- d. (*Falando sobre seus estudos*)
Documentador: Aí a senhora já tinha dezoito anos, então, quando terminou? Quando parou... aí a senhora resolveu parar?
Informante: Aí quando eu parei, aí fui inventar de casar. Aí pronto, parou tudo.
Documentador: Aí quando... quando a senhora chegou aqui em Rio Branco, *veio a família todinha*?
Informante: Todo. [MCS-F]
- e. Eu achava legal, assim, por causa que ficava eu e os meus irmãos... a gente assistia uns filmes... *Aparecia aqueles filmes bíblicos*... aqueles, aquelas programação para criança. A gente gostava, achava lindo. Também, era a única coisa mágica que tinha, era só isso. [SHS-M]
- f. *Documentador*: E sobre o uso de drogas, o que tu acha?
Informante: Eu acho que tá demais, o acesso é muito fácil. Se a pessoa não dizer não, mesmo tá complicado.
Documentador: Tá muito fácil, né?
Informante: Toda esquina tu encontra.
Documentador: E lá próximo a tua casa existe uma bocada?
Informante: Ah, sempre tem, né? se prender um *vem três*. [AS-M]

Em (85a), tem-se um exemplo de SN portador de informação novíssima, mais especificamente, informação não-ancorada. Como se pode observar, o aparecimento do sintagma *cego* não se ancora a nenhum sintagma do discurso. É uma informação inserida pela primeira vez sem vínculo algum com o texto anterior. Em (85b), o sintagma *modernidade* é inserido pela primeira vez, mas está ancorado ao sintagma *informação*, sendo a *modernidade* ligada à quantidade de informações que se tem hoje em dia. Em (85c), o sintagma *tua mãe* e *teus primos*, são *inferíveis* a partir da relação com o sintagma família. Ao perguntar sobre como a família se reúne, o documentador hipotetiza com sintagmas contidos no sintagma família. Em (85d), o sintagma *família todinha* é inserido no texto por meio de inferência não-contida, ou seja, inferência por

questões culturais, uma vez que ao ser informado que a informante se mudou para Rio Branco, a inserção da família na pergunta se deve ao fato de que as pessoas quando se mudam, tendem a não irem sozinhas, mas com a família. Essa relação leva o documentador a inferir que a família da informante também se mudou. Em (85e), o sintagma *aqueles filmes bíblicos* é recuperado no discurso, pelo mesmo locutor. Ao falar que passavam filmes no período natalino, ele insere pela primeira vez o sintagma no discurso; ao dizer que “aparecia aqueles filmes bíblicos”, ele insere no discurso uma informação *evocada textual*, porque ela já foi expressa no discurso. Em (85f), o sintagma *três* é uma informação *evocada situacional*. O informante fala que há tráfico de drogas no seu bairro e, ao dizer que, se tentarem acabar com essa prática, ela sempre voltará a acontecer, porque sempre haverá algum traficante, ele insere um SN que representa essa entidade do traficante sem necessariamente usar a palavra *traficante* usando apenas o numeral *três* para expressar que haverá aumento da prática a partir da chegada de mais traficantes do que a quantidade que existia antes. Essa forma de evocar a entidade é situacional, pois se vincula à situação, ao contexto em que ocorre.

Os resultados da pesquisa mostraram que, na maioria das ocorrências, o SN posposto é portador de informação *evocada*, correspondendo a 52,5% do total de ocorrências (64 em 122), resultado um pouco acima dos 40,98% apurados para a informação *novíssima*. Esse resultado parece ir de encontro ao que se argumentou desde o começo deste trabalho, e ao que defendem os vários autores já citados que tratam do assunto. Uma análise mais atenta mostra, no entanto, que a diferença não é tão acentuada e sua explicação é relativamente coerente com que se defende acerca dos verbos apresentacionais não-existenciais. O que se observou é que, em alguns casos, os verbos que não permitem a inversão do SN posposto parecem não precisar que o SN seja portador de informação nova para ficar posposto ao verbo, uma vez que a posposição está mais associada à natureza semântica do verbo e às características do SN. Esse resultado serve para mostrar como a ordem fixa V+SN é caracterizadora dos apresentacionais prototípicos. Por isso, inclusive, o maior índice de SN portador de informação nova está associado a verbos cuja ordem do SN posposto pode ser alterada, e isso é indicativo de que a ordem, nesses casos, é marcada por fatores muito mais pragmáticos do que gramaticais, enquanto os fatores determinantes da ordem fixa V+SN é tanto a portabilidade de informação nova no SN quanto a natureza semântica do verbo e os traços semânticos do SN. A pouca ocorrência das informações do tipo *inferível* pode ser facilmente explicada pelas características do corpus: no intuito de se

conseguir dos informantes a maior quantidade de texto, os documentadores deixam que eles falem livremente sobre o que quiserem. Assim, cada entrevista versa sobre variados assuntos, não tendo necessariamente um tema específico que possa ser considerado como conhecimento compartilhado a ser recuperado por meio de inferências.

Esses dados são extremamente significativos, uma vez que os estudos acerca dos apresentacionais (Pezatti, 2012; Vianni *et al.*, 1998; Franchi, Negrão e Viotti, 2001) defendem que o argumento desses verbos tem função de introduzir informação nova no discurso. Tendo em vista que investigamos apenas os verbos apresentacionais não-existenciais, esse resultado indica uma primeira diferença em relação aos existenciais. O que podemos hipotetizar, a partir dos dados, é que os existenciais têm mais a função de inserir informação nova no discurso do que os não-existenciais.

Para analisar com mais precisão as estruturas apresentacionais não-existenciais, comparamos os SN pospostos que não podem ter ordem invertida em relação ao verbo com os fatores pragmáticos. Analisamos os fatores pragmáticos com a ordem porque partimos do pressuposto que os verbos apresentacionais não-existenciais prototípicos têm como característica principal não permitirem a inversão do SN posposto. Os resultados foram os seguintes:

Tabela 7: Ordem do SN posposto em relação ao fluxo de informação

Tipo de informação	Posição do SN em relação ao verbo			
	Livre		Restrita	
	Nº	%	Nº	%
Novíssima	25	38,46%	23	40,35%
Inferível	2	3,07%	5	8,77%
Evocada	38	58,46%	29	50,87%
TOTAL	65	100%	57	100%

Fonte: elaborado pelo autor

O que chama a atenção nesses resultados é o índice de SN portador de informação *dada*, mais especificamente, informação *evocada textual*, embora seja ainda menor que o índice de SN portador de informação *nova*. A relevância desse resultado se dá pelo fato de que é unanimidade entre os estudiosos, vários já citados aqui, o fato de que as estruturas apresentacionais introduzem informação nova no discurso. O que se observou

nesta pesquisa é que, comparando os SN que não podem mudar a ordem em relação ao verbo com os que podem, os verbos em estruturas apresentacionais não-existenciais parecem caminhar para um uso apresentacional mesmo que o SN posposto não represente uma informação nova. Isso ocorre principalmente nas estruturas compostas por verbos que consideramos apresentacionais prototípicos. Isso significa que a ordem V+SN para esses verbos parece também ser motivada pela natureza apresentacional do verbo, bem como as características semânticas dos SNs pospostos.

Quanto aos SNs cuja ordem pode ser alterada em relação ao verbo, é importante salientar que, se a ordem pode variar, o que mais pode motivar a escolha do falante é a necessidade de focalização do elemento novo inserido no discurso. Isso vai ao encontro do que defendemos acerca dessas estruturas, que são apresentacionais discursivas, em oposição aos apresentacionais prototípicos.

4.4 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

No decorrer deste estudo, observou-se que um mesmo verbo em estruturas apresentacionais tem comportamento diferente. Da variação de sentido à configuração do SN posposto, foi possível caracterizar diferentes subtipos identificados a seguir.

4.4.1 Construção apresentacional não-existencial focalizadora

A principal característica desse uso apresentacional é o fato de se constituir de um verbo pleno, de ação ou de processo, cujo argumento único, embora posposto, poderia também aparecer anteposto ao verbo. Assim, quando ocorre na ordem marcada V+SN, esse uso corresponde a uma necessidade pragmática de focalização do elemento novo inserido no discurso.

Verbos apresentacionais não-existenciais discursivos apresentam as seguintes características:

- a) ocorrem na 3^a. pessoa do singular e do plural;
- b) o SN ocorre posposto na construção, mas tem potencial de ser anteposto;
- c) o SN posposto tem a função sintática de sujeito, podendo desencadear concordância;
- d) o traço semântico do SN posposto pode ser [+humano];

e) do ponto de vista pragmático, serve ao propósito de inserir informação nova no discurso – essa característica, na verdade, é parte da essência do apresentacional, e vai se repetir nos outros tipos aqui descritos. Uma estrutura apresentacional é um recurso pragmático para apresentar no discurso uma informação nova. No caso do corpus analisado, isso se vê evidente nas 40,98% das ocorrências, cujo SN posposto ao verbo apresentacional introduz informação nova no discurso. Considerando ainda a função pragmática de inserir informação nova, a estrutura apresentacional é responsável por focalizar o argumento, tornando tópico discursivo de sentenças anteriores. Assim, sua função pragmática é de foco e tópico discursivo ao mesmo tempo;

g) o verbo pode expressar aspecto durativo;

São exemplos desses tipos de construção o que se apresenta em (86a) e (86b), em que os SNs têm traços semânticos de sujeito e a ordem em relação ao verbo pode ser invertida sem prejuízo semântico-sintático, com perdas apenas pragmática, visto que se deixa de focalizar o SN posposto do verbo *chegar* e *vir*, tornando os sintagmas os tópicos das sentenças.

- (86) a. Ixe, lá em casa teve três, já. Teve um assalto. Tava a minha irmã e a minha filha em casa. *Chegou dois cara armado...* aí o portão não tava no cadeado. Eles entraram, renderam elas... elas se trancaram na e aí eles vasculharam a casa toda e aí levaram algumas coisas. [SGF-F]
- b. *Documentador*: E agora na campanha o senhor... *Veio alguém* aqui falar com o senhor que ia asfaltar a rua, algum candidato? [SG-H]

4.4.2 Construção apresentacional não-existencial com verbo pleno e posposição obrigatória do SN

Esse tipo de construção se constitui de um verbo pleno e um sintagma nominal necessariamente posposto. A anteposição não significaria, necessariamente, uma construção agramatical, mas ela implicaria uma mudança de sentido. Além da ordem fixa do SN, semântica do SN também é relevante na configuração de um uso apresentacional desses verbos plenos, pois o SN posposto é sempre não-agente.

Assim, as construções apresentacionais não-existenciais com verbos plenos podem apresentar as seguintes características:

a) só ocorrer na 3ª pessoa do singular;

- b) o SN ocorre obrigatoriamente posposto em relação ao verbo;
- c) o traço semântico do SN posposto mais frequente é [-humano, -animado, -concreto];
- d) do ponto de vista pragmático, serve ao propósito de inserir informação nova no discurso.

A seguir, temos um exemplo desse tipo de construção:

- (87) ... Eu entrei na sala de cirurgia e só sei disso. Me acordei depois de oito dias... que *deu eclampsia* em mim... até hoje eu tenho a sequela aqui... [FSL-F]

Em (87), o verbo *dar* é usado não mais com o seu sentido mais usual, cuja estrutura argumental é de três lugares (um preenchido por um agente, outro por um zero e outro por um beneficiário). Em (87), o sentido de *dar* é próximo de *acontecer*, indicando um processo. O verbo *dar*, em seu uso triargumental não expressa resultado de uma causa, como ocorre em (87), em que o verbo apresenta a sequência de um acontecimento.

4.4.3 Construção apresentacional não-existencial com verbo funcional

Esses verbos têm como característica principal a função de inserir no discurso um SN que expressa noção de tempo. As construções em que esses verbos ocorrem geralmente são orações subordinadas adverbiais temporais, sendo o SN a expressão temporal.

Em (88), pode-se observar alguns exemplos desse tipo de construção:

- (88) a. *(Narrando como foi sua vida escolar)*
 Aí foi assim: aí eu parei... aí com... deixa eu ver... ele tinha três anos... eu fiz... terminei a oitava... aí fui pro primeiro ano... aí eu não lembro o motivo que eu não terminei, ó. Só fiz o primeiro ano, lá no Casavechia ainda. Aí passou mais dois anos... sem estudar... Eu acho que era porque tava meio difícil mesmo de estudar com uma criança, né? E quando adoece também a gente tem que ficar em casa. É aquela coisa e aí quando *passou mais três anos*, eu engravidei dela. [CGM-F]
- b. *(Narrando a situação de quando participou de uma quadrilha e teve de fazer par com outra menina, pois não tinha homens para participar da quadrilha)*
Informante: Eu era a mulher. O vestido era azul de renda e uma flor aqui do lado.

Documentador: Que legal. Isso marca essas coisas.

Informante: É... me lembra muito, quando *chega essa época de festa junina*, me lembra muito. [NAA-F]

- c. (*Explicando como se deu o início de sua escolarização*)
 Comecei a estudar com treze, quer dizer, lá no Colégio João Paulo, colégio na terceira rua depois daqui, subindo... E era só um chapeuzinho de palha e uma casinha do lado... Lembro que eu... aí *deu um, dois anos mais ou menos* aí foi... começou uma reforma lá que foi feito um colégio mesmo, todo de madeira, dois pavilhão. [FAOS-F]

Os verbos *chegar*, *dar* e *passar* são os verbos que trazem SNs com noção de tempo, geralmente em orações subordinadas adverbiais temporais. Na maioria dos casos, essas orações adverbiais concentram a noção de tempo no SN posposto ao verbo apresentacional. Encontramos, nessas estruturas, semelhanças com estruturas já conhecidas e abordadas nas Gramáticas Tradicionais, como as orações sem sujeito com o verbo *fazer* indicando tempo passado, como em *Faz dez anos que não vejo Rosa*, por exemplo.

Essas construções não só são possíveis, como são bem recorrentes em narrativas como as do corpus analisadas nesta pesquisa. Como já indicado no quadro 6, aqui repetido para facilitar a leitura, os verbos que, no corpus, inserem no discurso uma noção temporal são:

Quadro 6: Construções apresentacionais não-existenciais de SN com noções temporais

Verbos	V+SN
Chegar	Chegou <i>o primeiro dia</i>
	Chegou <i>o dia</i> (2 ocorrências)
	Chega <i>a hora</i> (2 ocorrências)
	chegou <i>a vez dela</i>
	chegou <i>a época</i>
	Chegou <i>o Natal</i>
	Chegou <i>a idade</i>
Dar	Deu-se <i>o início</i>
	Deu <i>um, dois anos mais ou menos</i>
	Dá <i>a noite</i>
	Dá <i>uns três meses</i>
Passar	Passava <i>mais três anos</i>
	Passou <i>um pouco</i> (tempo)
	Passou <i>várias horas</i>
	Passou <i>um mês, dois meses</i>
	Passou <i>três anos pra trás</i>
	Tinha passado <i>só uns vinte minutos</i>
Começar	Começou <i>o ano</i>
	Começou <i>a vida escolar</i>
Demorar	Demorou <i>muito tempo</i>
	Demorou <i>três anos</i>
Acabar	Acabou <i>o ano</i>
	Acaba <i>um nosso tempo</i>
	Acaba <i>o meu horário</i>

Fonte: elaborado pelo autor

Como se pode observar no quadro, em alguns casos, o SN é antecedido de um quantificador, que serve para precisar a quantidade do tempo relacionado ao verbo, principalmente com os verbos *passar* e *dar*. O verbo *chegar*, embora também expresse uma noção tempo definida por um substantivo coletivo numeral indicador de divisão de tempo (dia, semana, mês, ano), difere dos demais, pois também tem como SN uma referência mais geral do tempo, no sentido de compreender um momento no tempo, com em “natal”, “vez”, “época” e “natal”. Por isso, nesses casos, o SN dispensa o quantificador, como ocorre nos verbos *passar* e *dar*. Os verbos *acabar* e *começar* também têm uso semelhante ao do verbo *chegar* nas indicações de tempo, pois fazem referência a um momento do tempo (“a vida escolar”, “o tempo” e o “horário”).

Em resumo, as construções com verbos funcionais apresentacionais não-existenciais apresentam as seguintes características:

- a) os traços semânticos do SN são [-humano, -animado, -concreto];
- b) o SN representa entidades de 2ª ordem, ou seja, estados de coisas, para os quais o verbo é como um suporte, por isso em função apresentativa;

c) **ocorrem na 3ª. pessoa do singular** – das 122 ocorrências identificadas no *córpus*, 119, ou seja, 97,54% se apresentaram com verbos na 3ª. pessoa do singular. Isso vai ao encontro do que defendem Franchi, Negrão e Viotti (1998) quando dizem que os verbos inergativos em estruturas apresentacionais se assemelham aos verbos existenciais, inclusive na flexão, os quais tendem a ocorrer na 3ª. pessoa do singular.

Alguns desses verbos formam estruturas semelhante às que consideramos como orações sem sujeito no caso dos verbos apresentacionais existenciais, em que o verbo não tem sujeito e expressa alguma circunstância, geralmente de tempo, como visto em (89), trazido de novo a título de exemplificação:

- (89) a. *(Narrando como foi sua vida escolar)*
 Aí foi assim: aí eu parei... aí com... deixa eu ver... ele tinha três anos... eu fiz... terminei a oitava... aí fui pro primeiro ano... aí eu não lembro o motivo que eu não terminei, ó. Só fiz o primeiro ano, lá no Casavechia ainda. Aí passou mais dois anos... sem estudar... Eu acho que era porque tava meio difícil mesmo de estudar com uma criança, né? E quando adoeceu também a gente tem que ficar em casa. É aquela coisa e aí quando **passou mais três anos**, eu engravidei dela. [CGM-F]
- b. *(Narrando a situação de quando participou de uma quadrilha e teve de fazer par com outra menina, pois não tinha homens para participar da quadrilha)*
Informante: Eu era a mulher. O vestido era azul de renda e uma flor aqui do lado.
Documentador: Que legal. Isso marca essas coisas.
Informante: É... me lembra muito, quando **chega essa época de festa junina**, me lembra muito. [NAA-F]
- c. *(Explicando como se deu o início de sua escolarização)*
 Comecei a estudar com treze, quer dizer, lá no Colégio João Paulo, colégio na terceira rua depois daqui, subindo... E era só um chapeuzinho de palha e uma casinha do lado... Lembro que eu... aí **deu um, dois anos mais ou menos** aí foi... começou uma reforma lá que foi feito um colégio mesmo, todo de madeira, dois pavilhão. [FAOS-F]

Nesse sentido, os verbos apresentacionais prototípicos são verbos impessoais, ou seja, verbos que não apresentam sujeito na sua estrutura.

d) **têm SN sempre posposto ao verbo** – como se observou no *córpus*, há uma quantidade significativa de SN posposto que não pode ter a ordem alterada, uma vez que descaracteriza a predicação construída e altera semanticamente a sentença. Em 56,8% das ocorrências, observou-se que a posição pós-verbal do SN não pode ser alterada, por implicar alguma perda semântica. Essa característica é uma suma importância para a caracterização dos apresentacionais prototípicos, visto que ela é

mantenedora do verbo nessa ordem que o caracteriza na construção apresentacional. Quando o verbo puder mudar de posição, não ele não será considerado um verbo apresentacional prototípico, mas um verbo em estrutura apresentacional não-existencial discursiva, porque a ordem posposta fixa é um dos traços mais definidores dos apresentacionais prototípicos.

e) **os verbos são funcionais e não plenos** – uma das características fundamentais do apresentacional, tanto os existenciais quanto os não existenciais, é a ocorrência V+SN com ordem fixa. Essa fixidez do verbo em relação ao SN é sinal da mudança de verbo pleno para verbo funcional, ou seja, um verbo que não é mais o centro da predicação, que se constitui junto com o SN posposto, o qual, como foi visto aqui, tem propriedades semântico-sintáticas específicas. Isso significa que a construção V+SN das estruturas apresentacionais cuja ordem não pode ser invertida é uma construção cristalizada, como acontece com os verbos-suporte, cujo sentido resulta da combinação do V+SN, cabendo ao verbo o papel de suporte dessa construção centrada no nome. Com os verbos apresentacionais desse tipo, a formação da construção V+SN segue um conjunto de princípios que faz do verbo não mais o centro da predicação, mas um coadjuvante, no sentido de que é a combinação toda (V+SN) que faz sentido, não o verbo sozinho, cujo sentido foi alterado ou praticamente perdido. Assim como não se diz *10 horas são** ou *Manhã é*, não se diz *dois anos deu*. A inversão implica necessariamente a destruição da estrutura SN+V e o sentido expresso nela se esvai completamente se a ordem for alterada. Isso significa que essas construções são fixas também e só têm sentido se o verbo se mantiver na ordem apresentativa, o que serve, inclusive, para manter os traços semântico-sintáticos do SN posposto.

f) **do ponto de vista pragmático também podem inserir informação nova no discurso** – uma estrutura apresentacional é um recurso pragmático para apresentar no discurso uma informação nova ou focalizar uma entidade no discurso. É unanimidade entre os estudiosos que os apresentacionais cumprem a função de inserir informação nova no discurso. A análise do *cópus* mostrou uma outra face dessa relação entre os apresentacionais prototípicos e o estatuto informacional: os verbos apresentacionais que têm SN com noção de tempo apresentam relevante quantidade de informação velha, *evocada*, nos termos de Prince (1981), usada como metodologia de análise neste trabalho. O que acontece em alguns casos é que o SN apresentado parece ser jogado para a posição pós-verbal pela natureza cristalizada da construção verbal que expressa

tempo por meio do SN, mesmo não sendo informação nova. Às vezes, é informação evocada repetida, cujo efeito é a focalização.

4.4.4 Construção apresentacional existencial não-prototípica

Embora não sejam o objeto de estudo desta tese as estruturas apresentacionais existenciais, não se pode ignorá-las, sobretudo porque se partiu delas para se analisar as não-existenciais. Esse tipo de construção é formado por um verbo apresentacional existencial, o qual é verbo estativo e cumpre a função de apresentar como existente no mundo uma entidade qualquer. Na tradição gramatical, essas estruturas são conhecidas por trazerem os verbos *ser*, *ter* e *haver*, considerados como os existenciais prototípicos. O verbo *ser* é um verbo existencial por excelência, pois seu uso é exclusivamente existencial. Os verbos *ter* e *haver* também são usados com outras funções, embora o *haver* há muito não tenha sido usado como verbo pleno, diferentemente do verbo *ter*, que ainda é usado como pleno no sentido de posse.

Contudo, analisando o córpus, identificamos outros verbos que também são usados existencialmente, ou seja, são verbos existenciais quando na função apresentativa, como se pode ver em (89), com os verbos *vir*, *seguir* e *dar*.

- (89) a. Na frente tem uma árvore grande, um portão principal amarelo. Aí **vem outro corredor e outro portão** e **segue um corredor** e sem seguida tem os pavilhões, acima fica a direção da escola, que é área da direção. Tudim: coordenação, secretaria, sala dos professores. Mais abaixo **fica os pavilhões** e mais à frente, **a quadra**. Isso que eu lembro da escola. [AHOA-M]
- b. De lá de casa pra escola **dá sete quilômetros**... pra ir e é de noite, a aula lá eu não quis ir não. [ARS-F]
- c. *Documentador*: Tu mora com teus pais? Tu tem irmãos?
Informante: Irmão, não, irmãs.
Documentador: E como é o convívio com elas?
Informante: Até que é bom, só a mais nova... que antes de mim tem outra... só um... é mais nova... é a mimada... aí causa divergência.
Documentador: Como é que é o nome dela?
Informante: Tem a Jessica, que é a mais velha, tem 23 anos, só que ela só é filha do meu pai, não é filha da minha mãe. Aí depois **vem a filha da minha mãe e do meu pai**, que **vem a Rebeca, a Jainara**, aí **vem eu e a Sara**. [JA-H]

Pode-se observar que, nos três exemplos, os verbos não exprimem seu sentido básico. Nesses casos, os verbos têm seus sentidos esvaziados e seus usos correspondem ao de um verbo existencial. Em (89a), o verbo *vir* não tem mais as propriedades típicas que o definem como um verbo de movimento. Aliás, aqui, ele é um verbo estático, que serve ao propósito de apresentar a existência de algo, no caso, do “corredor” e do “portão”. O uso de *vir* em (89a) é equivalente à *Aí tem/há/existe outro corredor e outro portão*. O verbo *seguir*, em (89a), também tem função existencial, visto que não imprime no seu SN posposto nenhum papel semântico, de modo que o SN não corresponde a um argumento do verbo, mas ao próprio predicado da sentença. Assim como o verbo *vir*, na mesma ocorrência, o verbo *seguir* pode ser substituído por *haver/ter/existir*. Em (89b), o verbo *dar*, por sua vez, tem uso semelhante ao do verbo *ser*, pois é usado para mostrar que a da casa para escola *são sete quilômetros*.

No *cópus*, identificamos apenas os verbos citados acima como verbos apresentacionais existenciais, como se pode ver no quadro 7:

Quadro 7: Construções apresentacionais com verbos existenciais

Verbos	V+SN
Dar	Dá <i>sete quilômetros</i>
Seguir	Segue <i>o corredor</i>
Vir	Vem <i>a Rebeca, a Janaira</i>
	Vem <i>eu e a Sara</i>
	Vem <i>a filha da minha mãe e do meu pai</i>

Fonte: elaborado pelo autor

Como se pode observar, os verbos *seguir*, *dar* e *vir*, no quadro (7), servem para mostrar a existência de algo, sem declarar algo a respeito do SN.

O Quadro 8 abaixo resume esses tipos de verbos em construções apresentacionais:

Quadro 8: Tipos de verbos em estruturas apresentacionais não-existenciais

V E R B O S	CONSTRUÇÃO APRESENTACIONAL NÃO-EXISTENCIAL DISCURSIVA		CONSTRUÇÃO APRESENTACIONAL NÃO-EXISTENCIAL				CONSTRUÇÃO APRESENTACIONAL EXISTENCIAL	
			DE SENTIDO GERAL		INDICADORA DE TEMPO			
	VERBO	SN	VERBO	SN	VERBO	SN	VERBO	SN
	pleno	ordem livre	pleno	posposto	funcional	posposto	funcional	posposto
	ação/ processo	entidade de 1ª ordem	processo/ estado	entidade de 1ª e 2ª ordem	processo/ estado	entidade de 2ª ordem	estado	entidade de 1ª/2ª ordem
3PS/PL		3PS		3PS		3PS		
chegar	<i>chegou</i>	<i>dois cara armado</i>	<i>chegou</i>	<i>comida de gente</i>	<i>chegou</i>	<i>a hora da saída</i>		
	<i>chegou</i>	<i>o aparelho</i>						
vir	<i>vieram</i>	<i>todo mundo</i>	<i>veio</i>	<i>as modernidade</i>	<i>vem</i>	<i>vários dias¹⁴</i>	<i>vem</i>	<i>a Rebeca</i>
passar	<i>passaram</i>	<i>três pessoas</i>	<i>passou</i>	<i>isso aí</i>	<i>passou</i>	<i>várias horas</i>	<i>passa</i>	<i>um prédio</i>
seguir							<i>segue</i>	<i>um corredor</i>
dar			<i>deu</i>	<i>eclampsia</i>	<i>deu</i>	<i>oito horas da noite</i>	<i>dá</i>	<i>sete quilômetros</i>

4.5 OUTROS RESULTADOS QUE MERECEM ATENÇÃO

A análise dos dados levou este estudo à conclusão de que os verbos apresentacionais não-existenciais sofrem um processo de gramaticalização, como se pode observar na comparação dos 4 tipos identificados na tese.

Esses resultados apontam para a necessidade de um estudo mais aprofundado da gramaticalização desses verbos, para se compreender como se dá o processo de mudança e qual é a importância do SN posposto nas estruturas em que ocorrem. Embora um estudo dessa natureza esteja fora do foco da presente pesquisa, tratamos aqui muito brevemente das características identificadas nos verbos apresentacionais que apontam para o seu processo de gramaticalização.

¹⁴ Embora não tenha ocorrido no corpus, buscamos na internet uma ocorrência desse uso do verbo vir para mostrar que ele é possível: “Em seguida vêm vários dias de treinamento, onde aprendemos valores, tradições, regras e tudo o mais que faz a Disney funcionar”. Disponível em: <<https://500daysofsam.wordpress.com/2017/03/13/icp-durante-2/>> Acesso em: 16 mar. 2019.

A tipologia dos verbos apresentacionais a que se chegou na análise dos dados, apresentada no Quadro 8, é plenamente coincidente com o percurso de gramaticalização dos verbos, como já descrito por Castilho (1997), entre outros.

Depois de fazer um detalhado estudo acerca da teoria da gramaticalização, Castilho a define como:

o trajeto percorrido por um item lexical, ao longo do qual ele muda de categoria sintática (= recategorização), recebe propriedades funcionais na sentença, sofre alterações morfológicas, fonológicas e semânticas, deixa de ser uma forma livre, estágio em que pode até mesmo desaparecer, como consequência de uma cristalização extrema (CASTILHO, 1997, p. 31).

A respeito exclusivamente da gramaticalização de verbos, Castilho afirma: “do ponto de vista da gramaticalização, o fenômeno mais interessante é o da transformação de um verbo pleno num verbo funcional, e deste num verbo auxiliar” (p. 33).

Nesse sentido, identificamos as seguintes características nas mudanças dos verbos em estruturas apresentacionais:

a) o verbo recebe propriedades funcionais: identificamos nos verbos analisados no corpus usos funcionais de verbos que derivam de verbos plenos, como podemos identificar no quadro (8). A principal característica dessa funcionalidade adquirida é a ordem fixa do verbo em relação ao sintagma que o acompanha, uma característica também apontada por Castilho, como sendo uma característica da gramaticalização. Na perda de seu uso como verbo pleno, o verbo deixa de ser o centro da predicação, mas sim o SN posposto a ele.

b) o verbo deixa de ser uma forma livre: essa característica, em relação aos verbos em estruturas apresentacionais não-existenciais é o que mais caracteriza os verbos apresentacionais de forma geral, tanto os não-existenciais quanto os existenciais, que só ocorrem em ordem V+SN.

c) o verbo sofre alterações semânticas: de um modo geral, eles perdem dinamicidade, passando de verbos de ação ou ação-processo a verbos de processo ou de estado, como é o caso do verbo *dar*, que deixa de indicar transferência de posse e passa a indicar um acontecimento.

Quanto ao quadro acima, é importante salientar que os verbos não passam necessariamente por todos as fases, uma vez que a sua mudança para verbos apresentacionais decorre da natureza semântica do verbo em seu uso básico. Por isso,

nem todos vão evoluir para desempenhar o mesmo papel, ainda que na função apresentacional. Como observado, o verbo *chegar* e *passar* parecem ser os que mais abundantemente têm usos na função apresentacional. Por isso, não pensamos nesse quadro como sendo um contínuo no sentido de representar todas as fases obrigatórias dos verbos. Devemos pensar que cada verbo, por sua natureza semântica, muda para usos específicos, e por isso é que se tratou dos traços semânticos do SN, que forma junto com o verbo uma estrutura única, cujo sentido advém dessa combinação cuja ordem é V+SN.

CONCLUSÃO

Como apontamos na Introdução deste trabalho, a investigação dos verbos apresentacionais não-existenciais nasceu da percepção de que os verbos assim classificados em vários estudos não compõem um todo homogêneo. Ainda que os dois tipos de verbos apresentacionais se aproximem bastante sob vários aspectos, era necessário um estudo sobre as especificidades morfosintáticas, semânticas e pragmáticas dos não-existenciais, uma vez que já há na literatura vários estudos sobre os verbos apresentacionais existenciais.

Assim, este trabalho apontou para uma necessidade de se caracterizar os apresentacionais sob três aspectos: morfosintático, semântico e pragmático. Esses três aspectos permitiram, inclusive, distinguir os existenciais dos não-existenciais.

Do ponto de vista morfosintático, verificou-se que as construções apresentacionais não-existenciais se diferenciam segundo o tipo de estrutura em que ocorrem. Com verbos funcionais, o SN, além de obrigatoriamente vir posposto, é marcado por ser o centro de uma predicação que tem como valor semântico básico a indicação de tempo. Com verbos plenos o SN tem ordem fixa, também obrigatoriamente posposto. As construções com verbos plenos que podem ter o SN único anteposto ou posposto foram identificadas como construções apresentacionais não-existenciais focalizadoras, em que a inversão de ordem é possível porque essas estruturas são governadas por questões muito mais pragmáticas que gramaticais, no caso, com função de Foco. Além disso, no caso das construções apresentacionais não-existenciais focalizadoras, o SN pode manter com o verbo pleno uma relação argumental de sujeito do verbo, marcado pela relação de concordância sempre presente, o que não ocorre nos outros tipos de verbos apresentacionais aqui estudados.

Do ponto de vista semântico, as diferenças também são claras: os verbos usados em construções apresentacionais focalizadoras são verbos de ação ou de processo, com SN agente ou processado; os verbos não-apresentacionais plenos são de processo ou de estado e as construções com verbos funcionais compõem com o SN predicções de processo ou de estado. Dessa forma, as construções apresentacionais não-existenciais com verbos funcionais se caracterizam pela baixa inatividade expressa na relação do verbo com o SN posposto ou pela construção já cristalizada com um verbo funcional e um nome indicador de tempo.

Do ponto de vista pragmático, os subtipos apresentacionais não-existenciais servem ao propósito de inserir informação nova no discurso, característica que dividem com os apresentacionais existenciais. No entanto, embora a ordem dos constituintes seja mais uma das possibilidades de manipulação da língua para efeitos expressivos, no caso das construções apresentacionais não-existenciais com verbos funcionais nem sempre essa ordem é uma questão exclusivamente pragmática, podendo também estar associada à semântica do verbo ou do SN que o acompanha.

Por fim, é relevante destacar que algumas ocorrências da estrutura V+SN encontradas no *cópus* mostraram comportamento existencial. Esses verbos são funcionais e foram considerados como verbos apresentacionais existenciais não-prototípicos, em oposição aos tradicionais verbos existenciais, *ser*, *ter* e *haver*. Do ponto de vista semântico, esses verbos funcionais caracterizam-se por indicar a existência de um SN característico, semanticamente associado à noção de espaço.

O estudo dos verbos apresentacionais – tanto os existenciais quanto os não-existenciais –, evidencia o que já se sabe em linguística, que a língua vive em constante mudança. Embora este estudo tivesse como foco apenas uma proposta de descrição e classificação dos verbos apresentacionais não-existenciais, os resultados alcançados evidenciaram uma mudança no comportamento linguístico desses verbos. Os subtipos identificados estão em consonância com processo de gramaticalização dos verbos, que passam de verbos plenos a verbos funcionais, e destes a verbos auxiliares.

Partindo do princípio de que é na interação que a gramática da língua se constrói, o recurso ao uso dos apresentacionais como introdutores de elementos no texto, sua função pragmática principal, deixa claro que esses verbos têm significativa relevância na produção linguística e que por isso mereciam ser analisados.

REFERÊNCIAS

BAGNO, M. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2014.

BERLINK, R. de A. Nem tudo que é posto é novo: estatuto informacional do SN e posição do sujeito em português. In: *Alfa*, n. 41 (n. esp.), p. 57-78, 1997.

BITTENCOURT, V. O. *A posposição do sujeito em português*. Dissertação (Mestrado) - Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, 1979.

BORBA, F. da. et al. *Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo do Brasil*. São Paulo: Editora Unesp, 1990.

_____. *Uma gramática de valências para o português*. São Paulo: Ática, 1996. Col. Série Fundamentos.

BRITO, A. M.; DUARTE, I. S. *Condições sobre posposição do sujeito em português*. Paper: Universidade do Porto, 1980.

BUTLER, C.S. Functional approaches to language. In: BUTLER, C. S.; GÓMEZ-GONZÁLEZ, M. L. A.; DOVAL-SUÁREZ, S. M. (Eds.) *The Dynamics of Language Use: Functional and Contrastive Perspectives*. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, 2005, p. 3-17.

_____. *Estructure and function: a guide to three major structure-functional theories*. Part. I. Approaches a simplex clause. Amsterdã: John Benjamins Publishing Company, 2003.

CAMACHO, R. G.; DALL'AGLIO-HATTNER, M. M.; GONÇALVES, S. C. O substantivo. In: ILARI, R. (org.). *Palavras de classe aberta: gramática do português falado no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2014, p. 13-63.

CASTILHO, A. T. de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

_____. A gramaticalização. In: *Estudos linguísticos e literários*, n. 19, p. 25-64, mar. 1997.

CHAFE, W. L. Givenness, constrictiveness, definiteness, subjects, topics and point of view. In: LI, C. *Subject and Topic*. New York: Academic Press, 1976.

_____. *Significado e estrutura linguística*. Tradução de Maria Helena de Moura Neves; Odete Gertrudes Luiza Altmann de Souza Campos; Sonia Veasey Rodrigues. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1979.

CHESTERMAN, A. *On definiteness: A study with special reference to English and Finnish*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

CIRÍACO, L.; CANÇADO, M. Inacusatividade e Inergatividade no PB. In: *Cadernos de Estudos Linguísticos*, n. 46, v. 2, p. 206-225, jul./dez. 2004.

_____. A alternância causativo-ergativa no português brasileiro. *Matraga*, Rio de Janeiro, v.16, n.24, p.216-231, 2009.

CONTRERAS, H. *A Theory of Word Order with Special Reference to Spanish*. Amsterdam: North Holland, 1976.

DECAT, M. B. N. Concordância verbal, topicalização e posposição do sujeito. In: *Ensaio de linguística*. Cadernos de linguística e teoria da literatura. Fac. De Letras da UFMG, v. 5, n. 9, p. 9-48, 1983.

DIK, S. The interaction of subject and topic in Portuguese. In: BOLKESTEIN, A. M. et al. *Predication and expression in functional grammar*. London: Academic Press, 1981.

_____. *The theory of Functional Grammar*. Dordrecht: Foris, 1989. Col. Functional Grammar Series 9.

_____. *The theory of Functional Grammar*. Part 1: The structure of the clause. 2. ed. Berlin: Mouton de Gruyter, 1997a. Col. Functional Grammar Series 20.

_____._____. Part 2: Complex and derived constructions. 2. ed. Berlin: Mouton de Gruyter, 1997b. Col. Functional Grammar Series 20.

DU BOIS, J. W. Competing motivations. In: HAIMAN, J. (ed.). *Iconicity in syntax*. Amsterdã: Benjamins, 1985.

_____. The discourse basis of ergativity. In: *Language* 63, 1987, p. 805-55.

_____. *La estructura argumental preferida y el cero absoluto*. Alfal: Veracruz, 1993.

_____. ; THOMPSON, S. *Dimensions of a theory of information flow*. UC Santa Barbara, 1991.

FRANCHI, C.; NEGRÃO, E. V.; VIOTTI, E. Sobre a gramática das orações impessoais com ter/haver. In: *Revista D.E.L.T.A.*, vol. 14, n. especial, p. 105-131, 1998.

GIVÓN, T. *On understanding grammar*. New York: Academic Press, 1979.

_____. *Syntax: A functional-typological introduction*. Vol. 1. Amsterdam: John Benjamins, 1984.

GREENBERG, J. H. Some universals of Grammar with particular reference to the order of meaningful elements. In: GREENBERG, J. H. (Org.). *Universals of language*. Cambridge, Mass: MIT Press, 1963.

GRUBER, J. S. *Lexical structure in syntax and semantics*. Amsterdam: North-Holland, 1976.

HALLIDAY, M. A. K. Notes on transitivity and theme in English. Part. I. *Journal of linguistics*. v. 3, n. 1. p. 37-81, 1967a.

_____. Notes on transitivity and theme in English. Part. II. *Journal of linguistics*. v. 3, n. 1. p. 199-244, 1967b.

_____. Language structure and language function. In: LYONS, J. (Ed.). *New horizons in linguistics*. Harmondsworth: Penguin, 1970.

_____. *An introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold, 1985.

HEGENVELD, K.; MACKENZIE, J. L. *Functional discourse grammar: a typologically-based theory of language structure*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

HOPPER, P. Aspect and foregrounding in discourse. In: GIVÓN, T. (Ed.). *Syntax and semantics. Discourse and syntax*. Vol. 12. New York: Academic Press, 1979.

_____.; THOMPSON, S. A. Transitivity in grammar and discourse. In: *Language*, n. 56, vol. 2, p. 251-299, 1980.

ILARI, R. *Perspectiva funcional da frase portuguesa*. 2. ed. Campinas/SP: Unicamp, 1992.

_____.; BASSO, R. M. O verbo. In: CASTILHO, A. T. de. (Coord.). *Gramática do português falado no Brasil*. Vol. III. Palavras de classe aberta. São Paulo: Contexto, 2014.

JACKENDOFF, R. *Semantic interpretation in generative grammar*. Cambridge: MIT Press, 1972.

KEENAN, E. The syntax of subject-final languages. In: LEHMANN, W. (org.). *Syntactic typology*. Austin: University of Texas Press, 1976.

KUMPF, L. E. Preferred argument in second language discourse: a preliminary study. In: *Studies in language*, 16,-2, 1992, p. 369-403.

KUNO, S. Pronominalization, reflexivization and direct discourse. In: *Linguistic Inquiry*, n. 3, 1972, p. 161-196.

_____. Generative discourse analysis in America. In DRESSLER, W. (Ed.). *Current trends in text linguistics*. Berlin and New York: de Gruyter, 1978, p. 275-294.

LI, C. N.; THOMPSON, S. A. Subject and topic: a new typology of language. In: LI, C. N. (org.) *Subject and topic*. Nova York: Academic Press, 1976.

LYONS, J. *Semantics*. Vol. 2. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

_____. *Semântica*. Vol. 1. Lisboa: Editorial Presença/Martins Fontes, 1980.

_____. *Definiteness*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

NARO, A. J.; VOTRE, S. J. Emergência da sintaxe como um efeito discursivo. In: *Relatório final de pesquisa: Projeto subsídios do Projeto Censo à educação*. Rio de Janeiro, UFRJ, Faculdade de Letras, V. III., p. 454-81, 1986.

NEVES, N. H. M. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997. Col. Texto e Linguagem.

_____. Estudo das construções com verbo-suporte em português. In: KOCH, I. G. V. (Org.). *Gramática do português falado*. Vol. VI. Desenvolvimentos. 2. ed. São Paulo: Unicamp, 2002

PERINI, M. A. *Um aspecto da interpretação do tópico em português*. Uberaba: FIU, 1981. Série Estudos. 7

_____. *Gramática descritiva do português*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006.

_____. *Estudos de gramática descritiva: as valências verbais*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. Col. Língua[gem] 29.

PERLMUTTER, D. Evidence for subject downgrading in Portuguese. In: SCHMIDT-RADEFELDTJ (Org.). *Readings in portuguese linguistics*. Amsterdam: Academic Press, 1976, p. 93-138.

PESSOA, F. *Livro do desassossego*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

PEZATTI, E. G. et al. O modelo funcionalista de S. Dik: a ordem. *Revista Estudos Linguísticos*, v. 32, 2003. Disponível em: <<http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/32/htm/comunica/gt009.htm>> Acesso em: 22 out. 2018.

_____. O funcionalismo em linguística. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs). *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez, 2005. p.165-218.

_____. Ordenação de constituintes em construções categorial, tética e apresentativa. In: *Revista D.E.L.T.A.*, n. 28, v. 2, p. 353-385, 2012a.

_____. Clivagem e construções similares: contraste, foco e ênfase. In: *Revista Linguística*, v. 28, p. 73-98, dez. 2012b.

_____. *A ordem das palavras no português*. São Paulo: Parábola Editorial, 2014. Col. Língua[gem] 58.

PONTES, E. A ordem VS em português. In: *Ensaaios de Linguística*. Belo Horizonte, UFMG, 1982. v. 7, p. 138-46.

_____. *Sujeito: da sintaxe o discurso*. São Paulo: Ática, INL (Brasília), 1986.

_____. *O tópico no português do Brasil*. Campinas: Pontes, 1987.

PRINCE, H. F. Toward a taxonomy of given-new information. In: COLE, P. (Ed.). *Radical pragmatics*. New York: Academic Press, p. 223-255, 1981.

RADFORD, A. *Transformational grammar: a first course*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

RECH, N. S. F. Estruturas mono-argumentais do português brasileiro à luz da hipótese inacusativa. *Anais do 6º Encontro Celsul – Círculo de Estudos Linguísticos do Sul*. Disponível em: <http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/CELSUL_VI/Individuais/ESTRUTURAS%20MONO-ARGUMENTAIS%20DO%20PORTUGU%C3%8AS%20BRASILEIRO%20C3%80%20LUZ%20DA%20HIP%C3%93TESE%20INACUSATIVA.pdf> Acesso em: 7 nov. 2018.

ROSENBACHOVÁ, E. *Inacusatividade e inergatividade na perspectiva de verbos de zero lugares e de verbos unipessoais*. Tese (Doutorado – Ph.D.) Masarykova Univerzita Filozofická Faculta Ústav románsk'ych jazyku, Brno (República Tcheca), 2009.

SIEWIERSKA, A. *A functional grammar*. London / New York: Routledge, 1991.

SILVA, C. R. T.; FARIAS, J. G. de. O fenômeno da acusatividade no português: por uma análise dos verbos do tipo “ir” e “chegar”. In: *Veredas – Atemática*, Juiz de Fora, n. 1, p. 01-15, 2011.

SILVA; F.; MIARA, F. L. J. A ordem do sujeito em construções monoargumentais: confirmando diagnósticos. In: *Work. Pap. Linguística*, Florianópolis, n. 15, v. 2, p. 103-115, ago/dez, 2014.

SVOROU, S. *The grammar of space*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1993.

THOMAS, E. W. *The syntax of spoken Brazilian Portuguese*. Nashville: Vanderbilt Univ. Press, 1969.

TRASK, R. L. *A dictionary of grammatical terms in linguistics*. London: Routledge & Kegan Paul, 1993.

TRINDADE, F. P. S. S. *Participios derivados de verbos monoargumentais uma breve análise sobre predicação verbal*. 2017. 41 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Letras Português) – Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

URBANO, H. A ordem do sujeito no português falado. In: *Estudos linguísticos*, v. 14, p. 41-56, 1987.

VAN VALIN, R. D. *Aspects of Lakota syntax*. Ph.D. Dissertation, University of California, Berkeley.

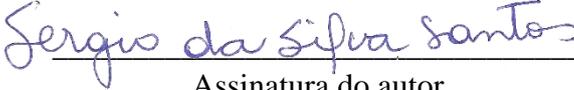
VIANI, R. B. et al. Sintagma verbal simples: verbos apresentacionais existenciais. In: *Carandá*. Corumbá, n. 3, p. 268-296, maio. 2011.

VOTRE, S.; NARO, A. *A emergência da sintaxe como um efeito discursivo*. Rio de Janeiro, 1986, p. 454-81. (Relatório final do Projeto Subsídios Sociolinguísticos do Projeto Censo à Educação).

TERMO DE REPRODUÇÃO XEROGRÁFICA

Autorizo a reprodução xerográfica do presente Trabalho de Conclusão, na íntegra ou em partes, para fins de pesquisa.

São José do Rio Preto, 17 / 05 / 2019


Assinatura do autor